

122  
Moda  
Verão  
Maravilha



Foto Tarluso de Lima

104  
Êxodo

Foto Beto Paes Leme



48  
Viagem  
Austrália

Foto Fungo en



Foto Motaury

34  
trapolando  
limites



Foto Sean Davey



Foto Sean Davey



Foto Sean Davey

94  
Surf  
Secreto

80  
Uma questão  
de estilo



Foto Beto Paes Leme

34  
Avelino  
Um designer  
visionário

Foto Alberto Sodre



68  
Surfing  
Forever  
Masters

SURF

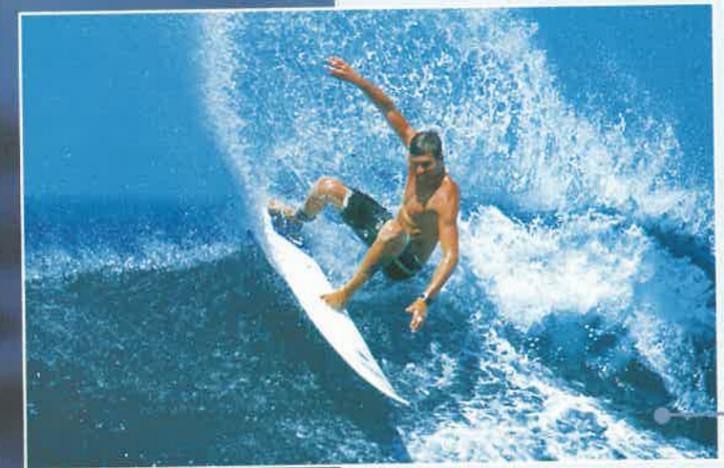
ALMA

1  
ano

# HANG LOOSE



**BERNARDO PIGMEU. SUMATRA.**



Raphael Becker - Galápagos

Fotos: Motary

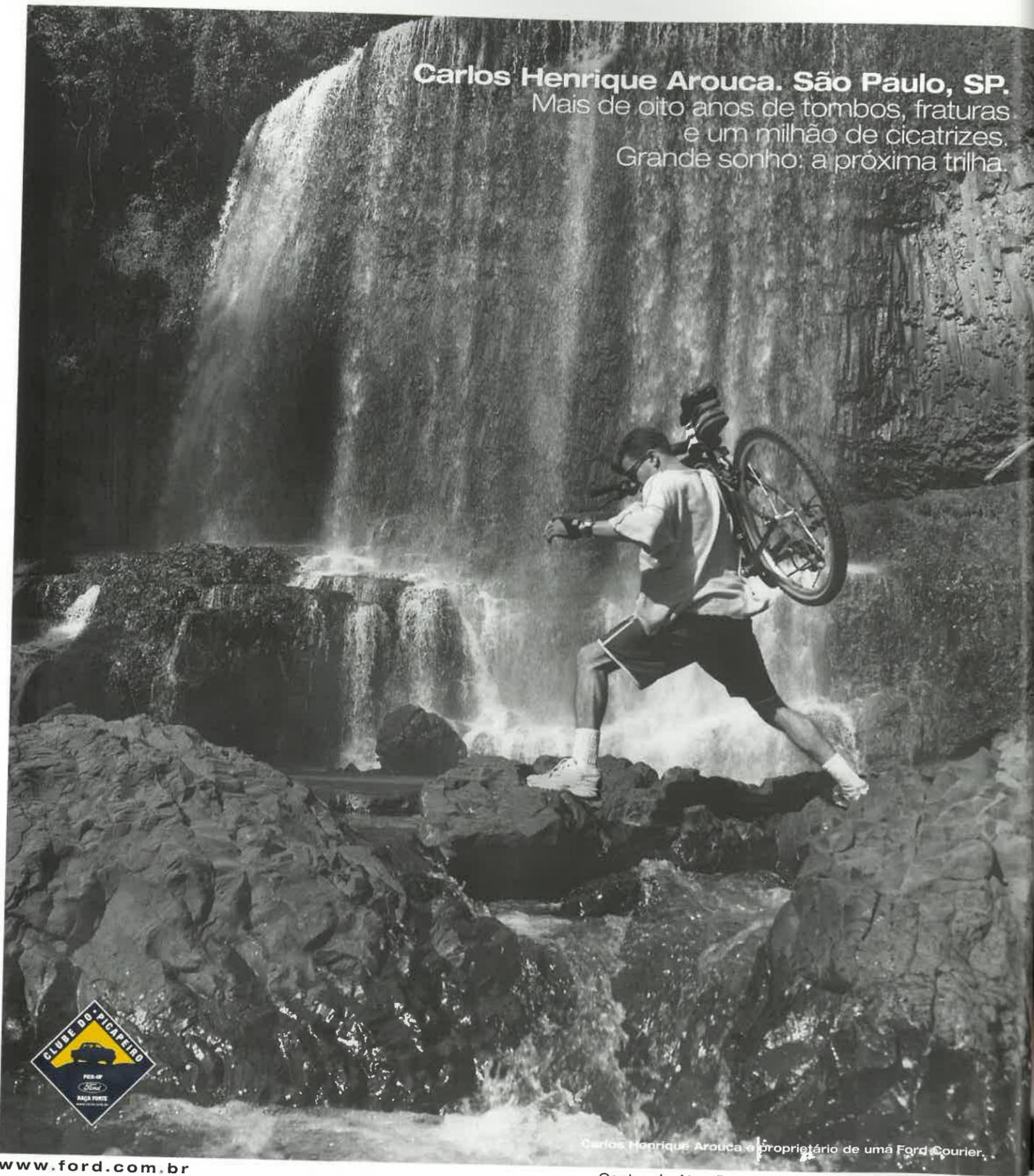


**maresia**  
**BOARDTECH**

(11) 5073.8650 - (85) 292.3707 - (85) 292.3221

[www.maresia.com.br](http://www.maresia.com.br)

**Carlos Henrique Arouca. São Paulo, SP.**  
Mais de oito anos de tombos, fraturas  
e um milhão de cicatrizes.  
Grande sonho: a próxima trilha.



Carlos Henrique Arouca é proprietário de uma Ford Courier.

[www.ford.com.br](http://www.ford.com.br)

Centro de Atendimento Ford: 0800 703 FORD (3673)

**Ford Courier.**  
Inspirada no que a liberdade  
tem de mais emocionante.



JWThompson

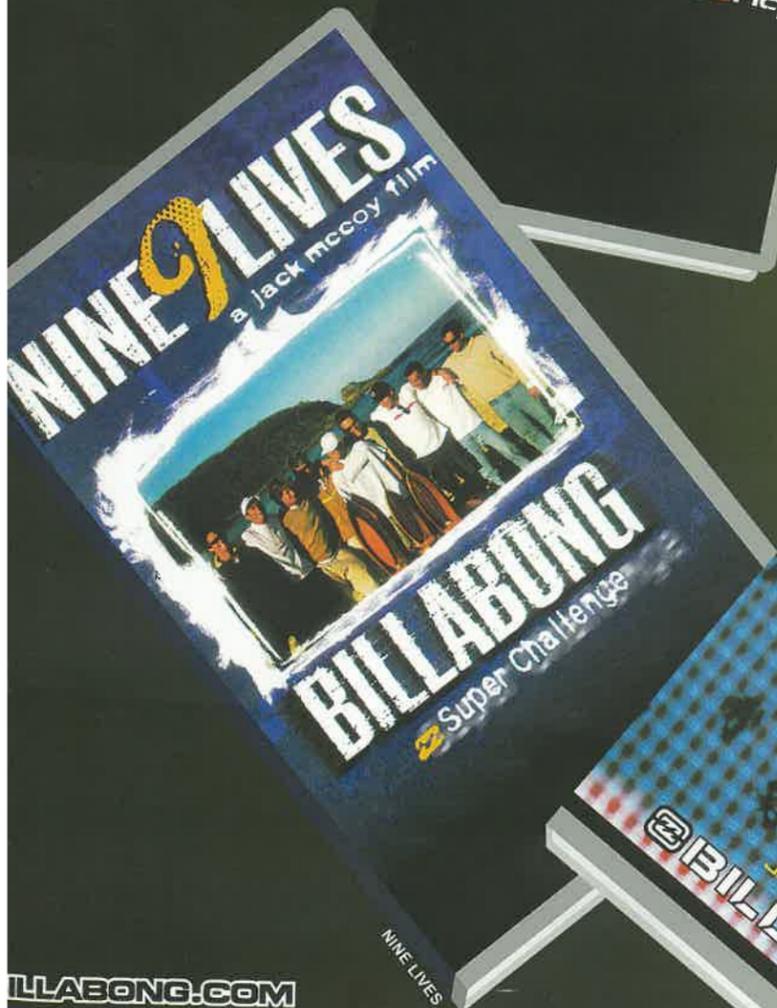
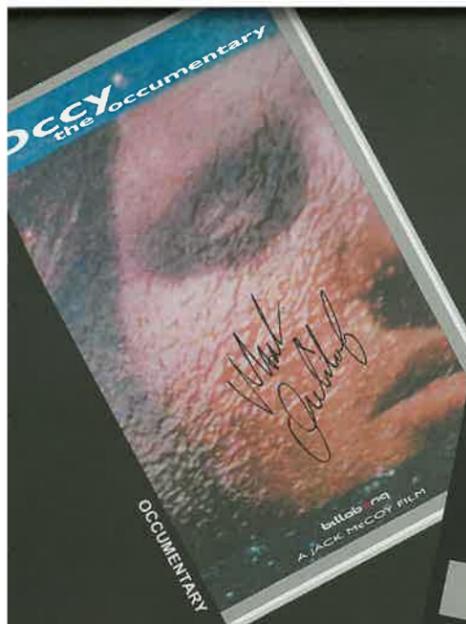


Pick-ups Ford. Tricampeãs em vendas.

PICK-UP

RAÇA FORTE

Use o cinto de segurança. Os veículos Ford estão em conformidade com o PROCONVE - Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores. Alguns itens apresentados são opcionais.



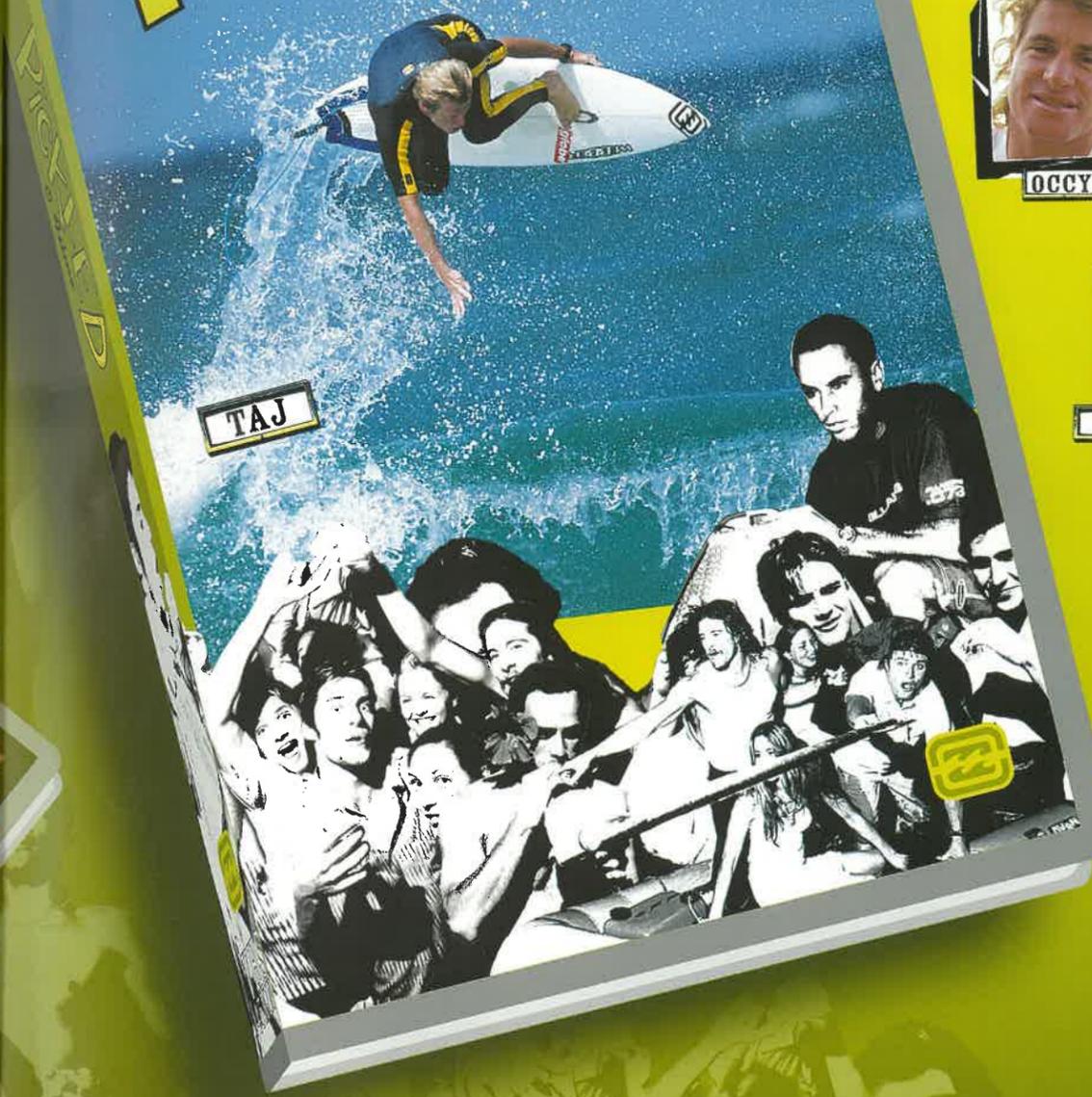
A BILLABONG TEM OS MELHORES VIDEOS DE SURF DO MUNDO...

...E TEM MAIS UMA NOVIDADE PARA VOCÊ!



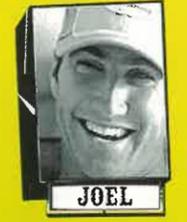
www.pickled.tv

# PICKLED O Filme



ADQUIRA UMA CÓPIA NA SUA SURFSHOP PREFERIDA !!!

8 SURFISTAS IRADOS  
8 PAÍSES EXÓTICOS  
1 ALUCINADO &  
UM POTE DE PICKLES



BILLABONG.COM

ng@billabongbrasil.com.br

# BILLABONG





www.mormaii.com.br

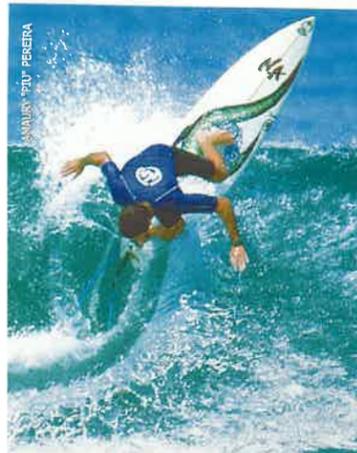
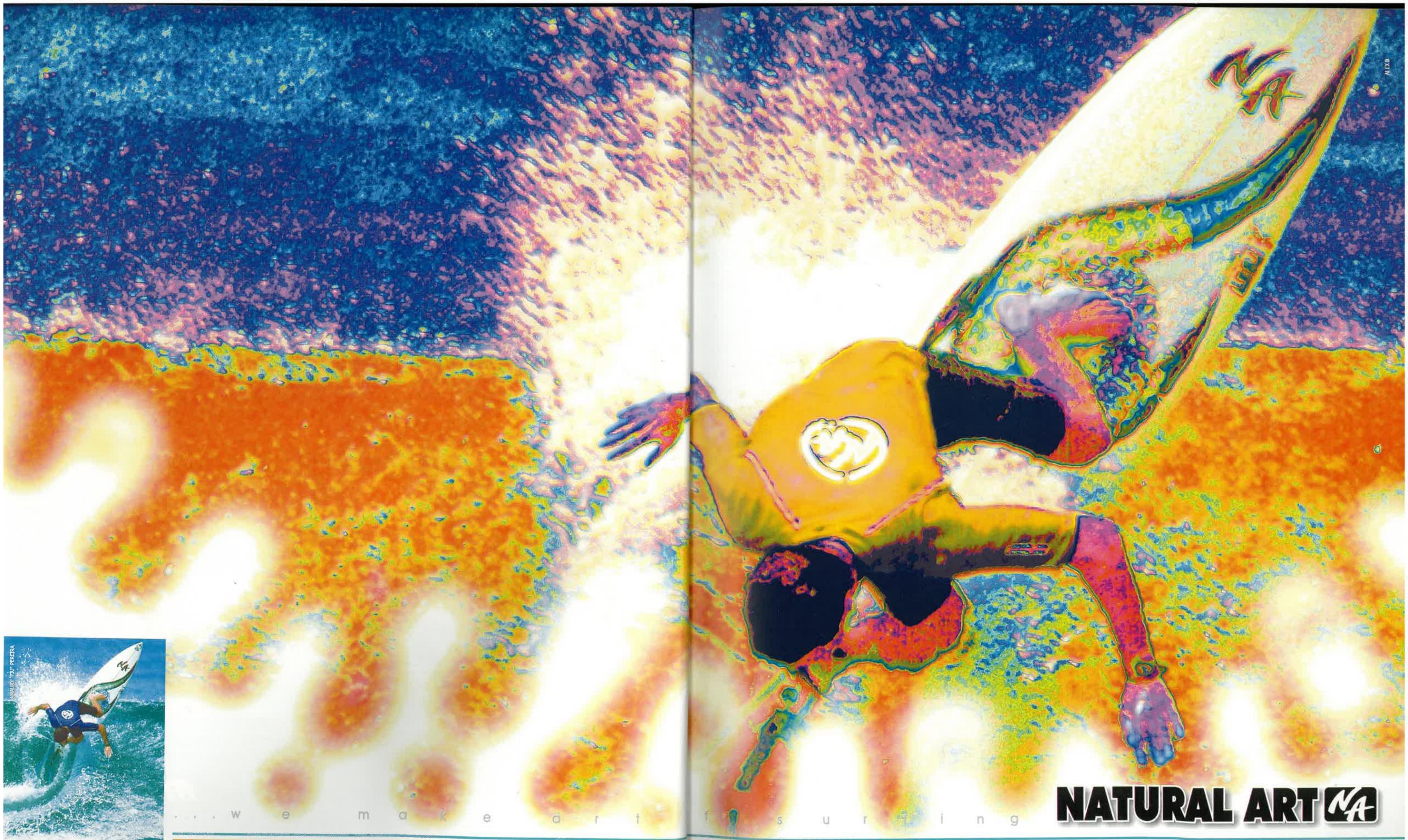
INDICADOR AUTOMÁTICO DE MARES



• Tem horas que você perde a noção do tempo.



Copyright © Plus, Tribuna, Foto Agostini - Jr, Junho 2002



... w e m a k e a r t f s u r f i n g

**NATURAL ART** 

www.naturalart.com.br  
(11) 5254 4727

ALB

**THE REALM** CO  
INTEGRATED SURF SYSTEMS | 2002



Ferrando "FANTA" Moura

**the realm**  
REALMSURF.COM

fone: (19) 524-0055 | realmsurf@zaz.com.br

foto: Agobar Jr.



## Sobrevivência

Na vida...

Devemos comer e dormir para nos manter vivos...  
Precisamos trabalhar para conseguir teto e alimento...  
Algumas pessoas se contentam em parar por aí...

Acreditamos que isso é tão importante quanto alimentar e desenvolver o Espírito...

O Espírito também precisa de alimento...

Simulação dos sentidos...

Visão... Audição... Tato... Olfato... Paladar... E o Sexto sentido...  
E todos precisam ser alimentados...

Viajar é essencial neste menu...

Neste planeta em que vivemos existe um farto banquete de ondas...  
Prontas para serem servidas...  
E deliciosas...

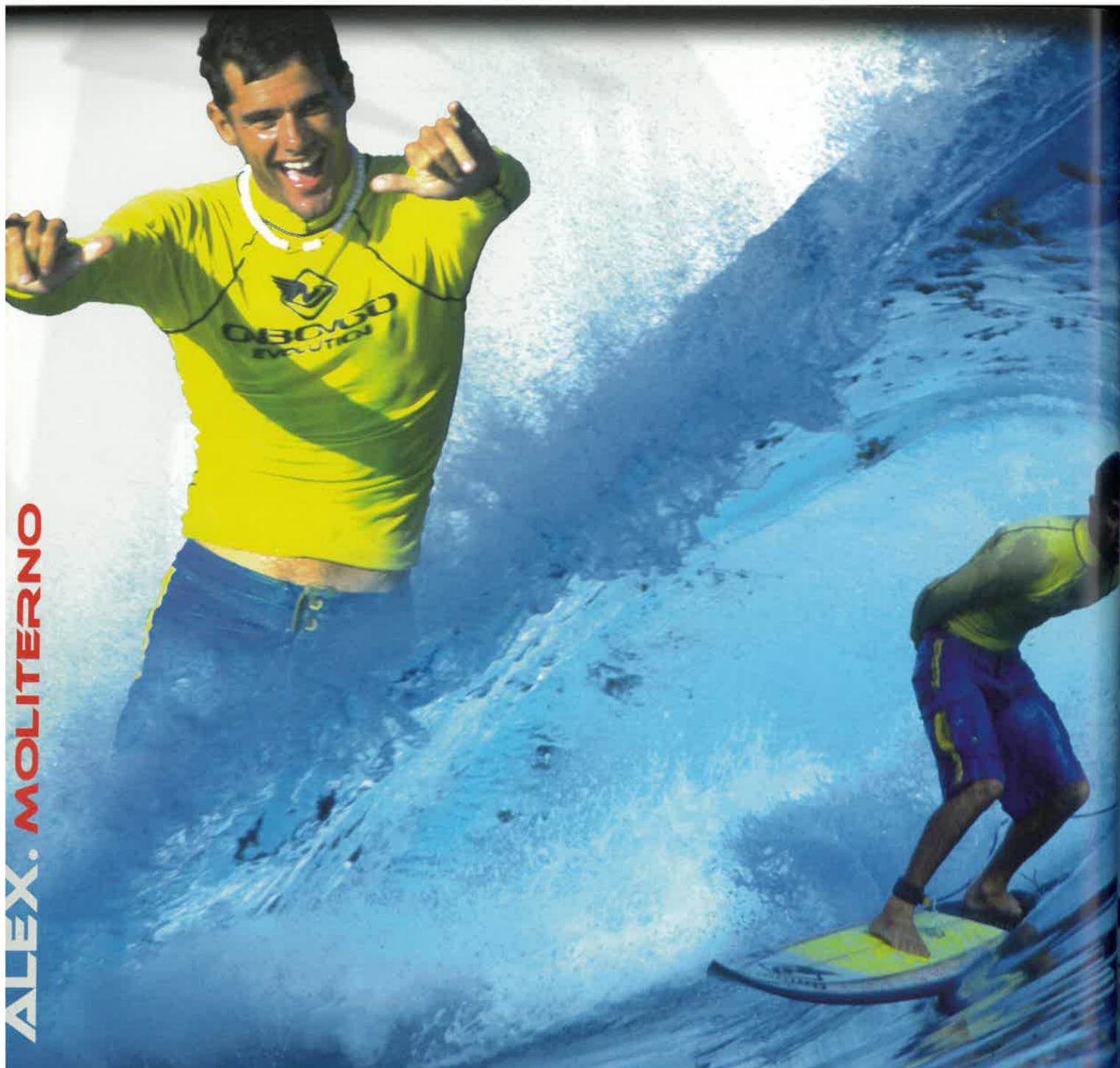
Mantenha seu Espírito bem alimentado...

So surfing...

The logo for Goofy, featuring the character's name in a stylized, bold, white font with a black outline. Above the letter 'o' in 'Goofy', there is a small, white silhouette of a surfboard.

Surf nos pés de quem surfa...

ALEX. MOLITERNO



# ONBOARD

TAHITI

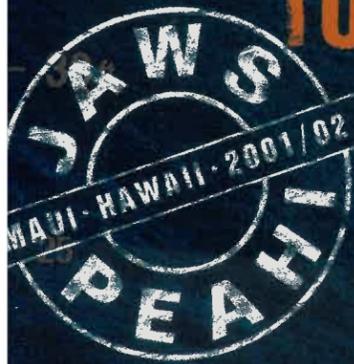
ALWAYS REVOLUTION

# TOW IN WORLD CUP

A MAIOR PREMIAÇÃO DA HISTÓRIA DO SURF PROFISSIONAL  
APENAS CONVIDADOS

TOTALMENTE FILMADO EM 35 mm SUPER 16 mm

PERÍODO DE ESPERA DE 17 NOVE 2001 A 12 JAN DE 2002



archie kalepa + victor lopez (HAW) / arsene harehoe + vetea david (TAHITI)  
brad gertach + mike parsons (CA) / brian kealuana + brock little (HAW)  
buzzy kerbox + michel larronde (WORLD TEAM) / carlos burle + eraldo gueiros (BRA)  
dan moore + ken bradshaw (HAW) / darryl "flea" virostko + shaun barron (CA)  
derrick doerner + makua rothman (HAW) / garret macnamara + rodrigo resende (WORLD TEAM)  
jeff clarck + chuck patterson (HAW) / kelly slater + tom carrol (WORLD TEAM)  
ken "skin dog" collins + peter mei (CA) / luke hargreaves + sierra emory (HAW)  
myles padaka + troy altos (HAW) / noah johnson + shane dorian (HAW)  
ross clark jones + tony ray (AUS) / terry chung + titus kinimaka (HAW)



EstudiosMega

## Editorial

Prezadíssimos novos irmãos/leitores que conheci nestes últimos 12 meses. Começo este editorial comemorativo pelo seu final: muitíssimo obrigado!

Obrigado por mostrarem a mim, ao mercado brasileiro e ao mundo inteiro que algumas tribos, e tipos humanos como nós, já alcançaram níveis de consciência em que a emoção e a sensibilidade regem os rumos das nossas vidas. A maior prova disso é a celebração do sucesso do lançamento da Alma Surf. Um ano já se passou desde a implantação do projeto. Durante esse tempo, constatamos que a revista tem tocado a alma de todos aqueles que a conhecem. A felicidade e a paz que sinto ao observar este momento são inenarráveis. Minha proposta e postura de tratar o surf como religião, editá-lo com arte e cultura, e buscar sempre a emoção de viver o surf, é o padrão que quero ver imposto. É o que devemos buscar quando atingimos um determinado nível de consciência. Obrigado também pela parceria na condução do surf como uma referência positiva para humanidade.

Como exemplo disso, nesta edição tratamos o surf como um dos instrumentos provocadores de êxodos da humanidade neste último século. Sensibilizado pelo livro do grande fotógrafo Sebastião Salgado, que retrata sofridos e trágicos êxodos pela sobrevivência, percebi o êxodo/busca saudável e alegre que o surf provocou nestes últimos 30 anos. Alguns lugares cresceram por conta desse êxodo, enquanto outros tiveram sua cultura e suas tradições contaminadas pelo estilo de vida dos surfistas: Garopaba, Bali, Saquarema, Itacaré, Hawaí, Jeffrey's Bay, enfim, inúmeros destinos foram descobertos e inseridos no mapa-múndi do surf. São lugares onde o feeling dos surfistas está no ar. É muito gratificante ver que mais uma vez estamos na frente do nosso tempo. Ou seja, nosso êxodo representa mais um passo na evolução humana. Afinal de contas, que outro movimento humano de deslocamento em busca de sobrevivência emocional e espiritual tem as proporções do nosso? Parabéns aos empresários, verdadeiros surfistas de alma, que patrocinaram a idéia e acreditaram nas minhas palavras. Tudo pelo êxito da conquista de novos padrões. Dedico a vocês todos os meus mais nobres e puros sentimentos de prazer e alegria nesta vitória, pois ela é nossa! Na verdade, a grande celebração é a edição que produzimos com o intuito de consolidar este primeiro ano. Sintam, leiam e meditem sobre a divindade de ser surfista. Depois agradeçam ao Cosmos. O próximo ano será de níveis ainda mais altos na consciência humana, conseqüentemente melhores coisas acompanharão nossa eterna busca. Obrigadíssimo. Vamos contaminar cada vez mais gente com nossos padrões de viver. E não se esqueçam de colocar sempre mais surf na vida de vocês.

Aloha

Romeu Andreatta



Capa: Fernando "Sheena" Ribeiro 1968 - 2001, totalmente Alma Surf.  
foto Sean Davey  
Detalhe: Marco Polo - foto Motaury

COSMMOS PRODUÇÃO EDITORIAL  
Maria Dias Carvalho  
maria@almasurf.com.br

ALMA SURF  
Publisher  
Romeu Andreatta Filho  
romeu@almasurf.com.br

Editor  
Rosaldo Cavalcanti  
rcavalcanti@almasurf.com.br

Projeto Gráfico  
Richard Kovács e Huan Gomes

Direção de arte  
Huan Gomes

Chefe de Redação  
Alberto J. R. Woodward  
alwoodward@almasurf.com.br

Assistente de Redação  
Rodrigo Santelli  
rodrigo@almasurf.com.br

Assistente de Arte  
Andréa Bacellar  
andrea@almasurf.com.br

Revisão  
Francisco José M. Couto

Colaboraram nesta edição:  
Texto  
Deborah Farah, Motaury,  
Romulo Fonseca, Taiu Bueno

Fotografia  
Afonso Paiva, Alberto Sodré, Beto Paes Leme,  
Cédric Barros, Francisco Chagas, Lica, M. David,  
Motaury, Patrick McFeeley, Pierre Tostee,  
Rick Werneck, Sean Davey, Tarciso de Lima,  
Tim McKenna, Tungsten, Yannick Le Toquin.

Departamento Comercial  
Jaqueline Menegassi  
jaqueline@almasurf.com.br

Departamento Financeiro  
Floriano Sales  
floriano@almasurf.com.br

Distribuição  
Dinap S.A. - Distribuidora Nacional de Publicações

Fotolito  
CyberGraf

Papel  
Lumimax

Impressão  
Copy Service

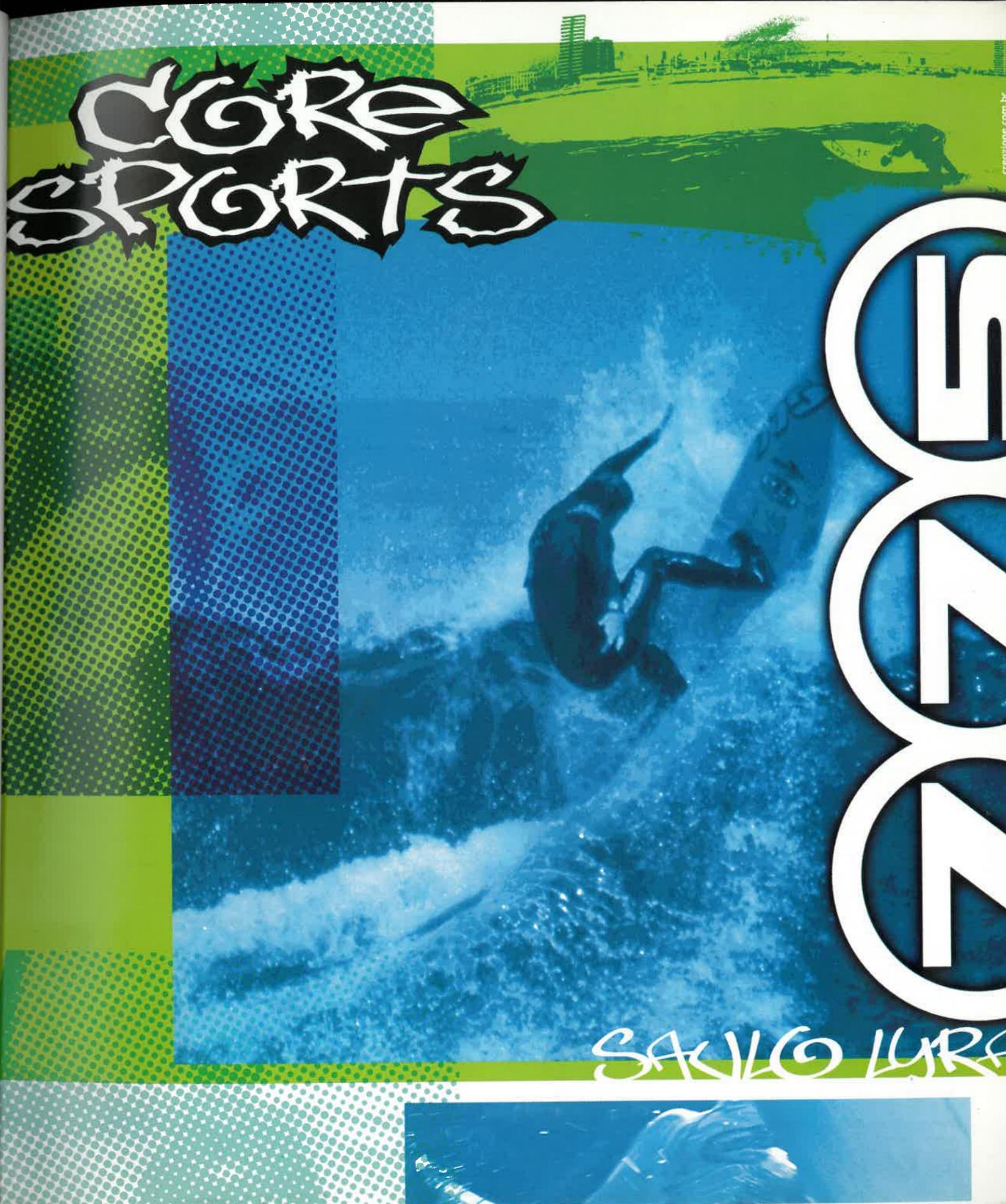
Jornalista Responsável  
Alberto J. R. Woodward  
MTB 1822

A revista Alma Surf é uma publicação bimestral da  
Cosmmos do Brasil Produção Editorial Ltda.  
As matérias publicadas não refletem necessariamente  
a opinião da revista e sim a de seus autores.

Correspondência:  
Rua Dr. Fonseca Brasil, 295, Morumbi, SP  
CEP: 05716-060  
Telefone: (11) 3744 3711  
e-mail: almasurf@almasurf.com.br

Para assinar:  
(11) 3507 0830  
assinatura@almasurf.com.br

Tiragem desta edição 30.000 exemplares



# TSUNAMI

## a onda gigante

Por Alberto Woodward

No final do mês de agosto rolou na mídia a notícia de que uma onda de proporções gigantescas estaria para atingir os litorais da Europa, Estados Unidos e Brasil. Essa onda, conhecida como tsunami, seria formada a partir de uma erupção vulcânica nas ilhas Canárias, arquipélago espanhol próximo à costa noroeste da África. A notícia não era um blefe, mas o resultado de um estudo desenvolvido pelos cientistas Steven Ward, da Universidade da Califórnia em Santa Cruz, e Simon Day, da Universidade College de Londres, revelando que uma erupção do vulcão Cumbre Vieja, em La Palma, causaria uma enorme ressaca, podendo atingir até mesmo o Brasil.

Se você é surfista de ondas grandes e está louco para encarar essa aventura, tenha certeza de que não só pegará a maior onda de sua vida (se conseguir), como também será a última coisa que fará na vida, pois essas ondas não são, digamos assim, recomendáveis para o surf. No entanto, tem louco para tudo! No estudo de Ward e Day, que foi publicado pela revista *Geophysical Research Letters*, uma erupção do Cumbre Vieja causaria uma avalanche de rochas no oceano que poderia originar não apenas uma tsunami, mas uma "megatsunami", provocando as maiores big waves já registradas na história.

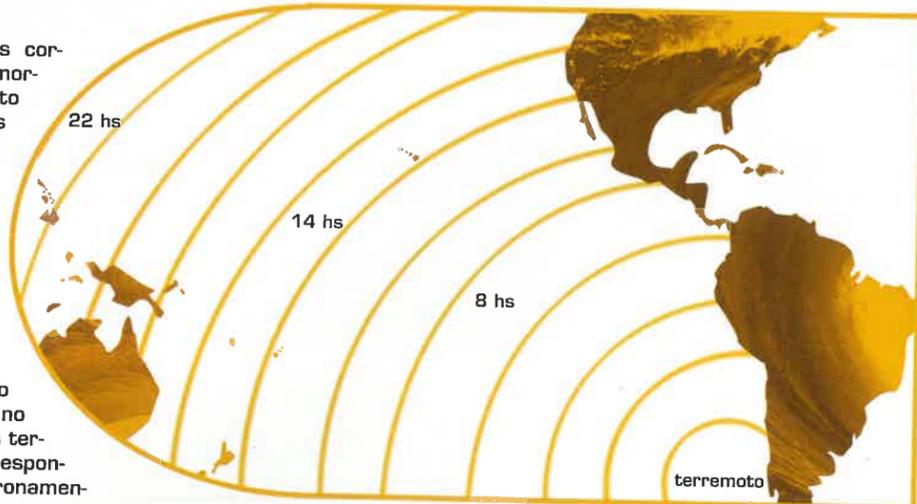
De acordo com os cientistas, essas ondas poderão percorrer vários quilômetros terra adentro, causando desastres e prejuízos que ultrapassariam a casa dos trilhões de dólares. A erupção aconteceria no lado oeste do vulcão e se propagaria para o norte, oeste e sul das Canárias. O litoral mais atingido pelo maremoto seria o do Saara Ocidental, na África, onde as ondas chegariam a ter até 100 metros de altura. Essa tsunami se propagaria também até o Brasil, a costa da Flórida, nos EUA, e as ilhas do Caribe, que seriam o seu destino final, onde as ondas chagariam a 50 metros, oito ou nove horas depois do desabamento do Cumbre Vieja. Os litorais da Espanha, França, Portugal e Reino Unido seriam atingidos por ondas menores, mas igualmente devastadoras. Ainda, segundo Ward e Day, a energia desencadeada pelo fenômeno seria equivalente ao consumo de eletricidade dos Estados Unidos durante seis meses.

No entanto, as expectativas são otimistas: a possibilidade de essa erupção acontecer agora é muito pequena. Embora exista, podem se passar centenas de anos até que aconteça. A última erupção do vulcão Cumbre Vieja ocorreu em 1949.

### O que é uma TSUNAMI?

A palavra é de origem japonesa (tsu = porto e nami = onda) e significa "onda do porto" ou "onda portuária". O termo "tsunami" foi adotado em 1963 por uma conferência científica internacional. No passado, o evento era freqüentemente chamado "tidal waves", cujo significado seria algo como "onda relativa à maré". Acontece que a maré é o resultado de influências gravitacionais da Lua, do Sol e dos planetas, e as tsunamis não são causados pelas marés e não têm conexão com elas, embora uma tsunami, quando golpeia uma área litorânea, seja influenciada pelo nível da maré na hora do impacto. Essas ondas se locomovem a centenas de quilômetros por hora, se distanciando muitas milhas do ponto onde se iniciaram, causando muitos danos, inclusive mortes, quando alcançam a terra. A água do mar avança pelo continente, engolindo praias inteiras, destruindo a vegetação costeira, assim como qualquer construção em seu caminho. Trata-se de uma das mais destrutivas e assustadoras formas de manifestação da natureza. Navegando em mar aberto, você nem notaria uma tsunami passando pelo seu barco, pois sua enorme extensão chega a 100 quilômetros, com não mais de 1 a 3 pés de altura. No entanto, à medida que se aproxima do litoral, vai diminuindo de extensão, perdendo velocidade, e sua altura cresce em enormes proporções.

As tsunamis tampouco estão relacionadas às correntes marinhas ou aos ventos, como as ondas normais. Na verdade, a ciência ainda sabe muito pouco sobre isso. Segundo os oceanógrafos Costas Synolakis, da Universidade do Sul da Califórnia, e Emile Okal, da Universidade do Noroeste, em Evanston, Illinois, as tsunamis podem ser causadas por vários motivos e são muito mais freqüentes do que se acredita. "Geralmente elas afetam ilhas desertas no Pacífico, e, por isso, passam despercebidas, mas quando atingem áreas povoadas, a destruição é terrível." Synolakis nos conta que pesquisou a tsunami da Nova Guiné e descobriu que ela não foi causada por um terremoto, como se imaginava, mas sim por um desmoronamento no fundo do mar. Para esses dois oceanógrafos, os terremotos submarinos não são os principais responsáveis pelas maiores ondas, mas sim os desmoronamen-



eclipse



julieta / la serena

raoni monteiro / reef1.com / progressive reform

(0xx11) 3225.0250

**REEF**



tos de grandes montanhas submersas, que, associados ou não a um terremoto, produzem um efeito devastador. As tsunamis também são causadas por erupções vulcânicas, explosões nucleares e, embora raramente, pela queda de um meteorito no oceano. Uma vez formada, a onda inicia sua viagem rumo à costa a uma velocidade muitas vezes superior a 700 quilômetros por hora, deslocando uma enorme massa de água, que pode cruzar o Pacífico em menos de 24 horas.

### Sistemas preventivos

A UNESCO, dentro do seu programa internacional de proteção ao ambiente, criou em 1960 a COI (Comissão Oceanográfica Intergovernamental), uma unidade autônoma que trabalha na introdução de meios de vigilância dos oceanos em todo o mundo. E o principal centro de observação das tsunamis foi fundado em 12 de novembro de 1965. Trata-se do International Tsunami Information Center (ITIC), que fica nos Estados Unidos, localizado em Honolulu, no Hawaii. Graças a ele podemos acompanhar o fenômeno, prevendo o seu percurso, de forma a que as autoridades das regiões costeiras a serem afetadas disponham da informação necessária para salvar vidas humanas.

Na Europa, um grupo de cientistas de vários países formou recentemente um programa chamado GITEC-TWO (Genesis and Impact of Tsunamis on the European Coasts: Tsunami Warning and Observations), com o objetivo de estudar e prevenir os estragos realizados por essas ondas. Na ilha portuguesa da Madeira (na costa da África, próximo às Canárias), em Évora (Portugal) e em Lormes (França), serão instaladas estações sísmicas formando as redes de alerta que atuarão no desenvolvimento de prevenção antecipada de tsunamis.

### Tsunamis históricas

A mais conhecida tsunami da história aconteceu em Java (Indonésia), quando o vulcão Krakatoa entrou em erupção, matando mais de 30.000 pessoas. No entanto, o país mais assolado pelas tsunamis é o Japão. Na América do Sul, o mais atingido é o Chile. Veja no quadro abaixo as piores tsunamis da nossa história, aquelas que mataram no mínimo 2.000 pessoas. ☒

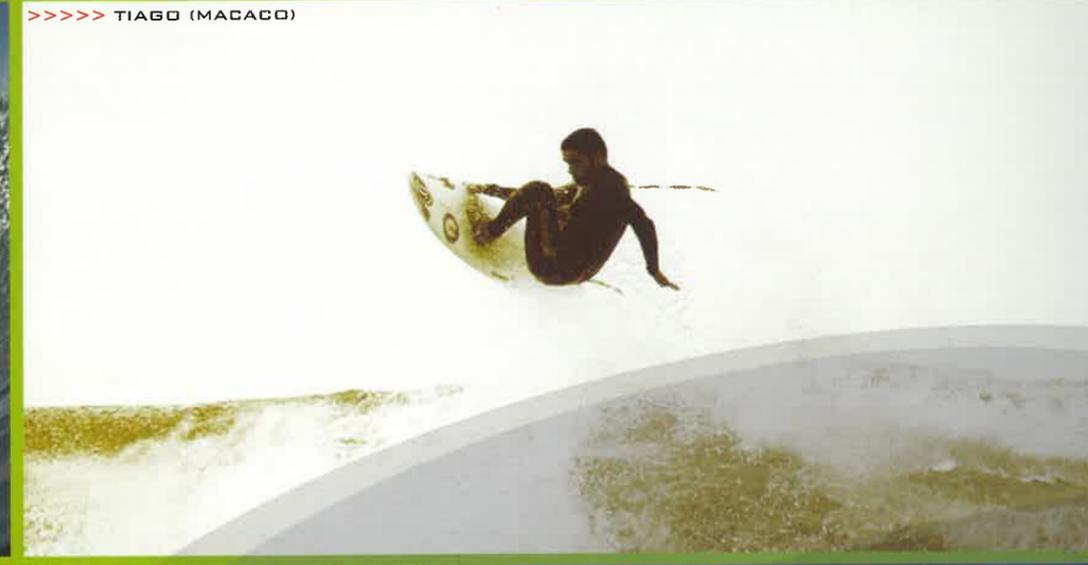
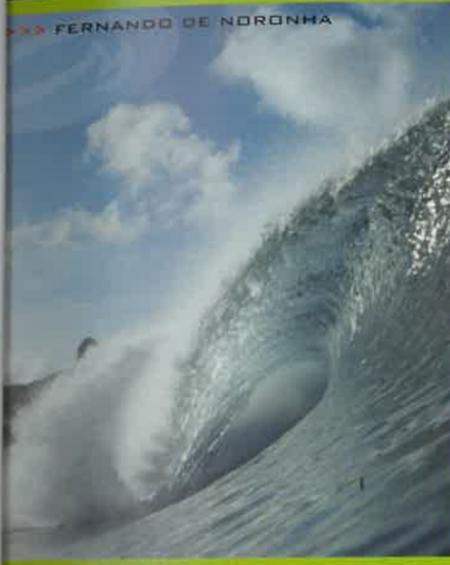
Ano	Causa	Mortes	Local
1498	Terremoto	31.000	Nankaido, Japão
1570	Terremoto	2.000	Chile
1605	Terremoto	5.000	Nankaido, Japão
1611	Terremoto	5.000	Sanriku, Japão
1674	Terremoto	2.243	Mar de Banda, Indonésia
1692	Terremoto e deslizamento de terra	2.000	Jamaica
1703	Terremoto	5.233	Tokaido-Kashima, Japão
1707	Terremoto	30.000	Tokaido-Nankaido, Japão
1746	Terremoto	3.800	Lima, Peru
1771	Terremoto	13.486	fossa de Ryukyu
1792	Vulcão e deslizamento de terra	15.030	Ilha de Kyushu, Japão
1854	terremoto	3.000	Nankaido, Japão
1868	Terremoto	25.674	Chile
1883	Vulcão	36.500	Mar de Java, Indonésia
1896	Terremoto	26.360	Sanriku, Japão
1899	Terremoto e deslizamento de terra	3.620	Mar de Banda, Indonésia
1923	Terremoto	2.144	Tokaido, Japão
1933	Terremoto	3.000	Sanriku, Japão
1976	Terremoto	8.000	Golfo de Moro, Filipinas
1998	Terremoto e deslizamento de terra	2.182	Papua-Nova Guiné

Fonte de pesquisa: NOAA (National Oceanic and Atmospheric Administration) e West Coast & Alaska Tsunami Warning Center.



# Vida Marinha

## Basicamente Surf...



## Uida Marinha

### BASICAMENTE SURF...



WWW.VIDAMARINHA.COM.BR

DESTRUA AS ONDAS, MAS DEIXE AS PRAIAS EM PAZ.

# DESENHANDO CURVAS

RICARDO MARTINS

JOCA SECCO

CLAUDIO HENNEK

# WETWORKS

ATLETAS E EQUIPAMENTOS 100% BRASILEIROS

# FLY HOUSE FLY HOUSE



eyewear



www.flys.com

Troy Tecklenberg

Photo: Fat Bastard



Amsterdam • Cerritos • Costa Mesa • Honolulu • Huntington Beach • Mexico City • San Diego • San Francisco • Venice

House of Flys

(11)5535 7952



# Um designer visionário



Manuel e Elena Espanha 1957



Avelino e Manuela pátio da fábrica do pai 1965



Avelino Quiver Hawaii 1983



Avelino e Tom Ford Califórnia 1984



Quiver Avelino Laranjeiras 1988

Por Rosaldo Cavalcanti

O nome de Avelino Bastos começou a ficar conhecido no Brasil logo no início da década de 80. Até então, pouca gente o conhecia além dos limites de Santos, onde morava, e de Santa Catarina, onde sua carreira de shaper decolou de vez. Avelino sempre foi um sujeito curioso, interessado por novidades, esperto e bastante inteligente. Seu pai era uma espécie de "professor Pardal", pois estava sempre pensando em inventar alguma máquina diferente. Foi graças à personalidade criativa do pai que, desde cedo, Avelino mostrou ter uma vocação natural para a criação. "Esse lado criativo dele foi herança minha. Tenho várias patentes registradas. Logicamente, quando ele precisa de algumas idéias, me procura, e a gente discute junto", conta o pai. "Venho acompanhando de perto o trabalho do Avelino. Quando ele começou a surfar, eu viajava pro Rio Grande e o levava comigo. Ele e mais uns cinco colegas. Deixava todos na praia e na volta os resgatava. A polícia sempre parava meu carro, porque surfista não era bem-visto naquela época", relembra seu Manuel Bastos.

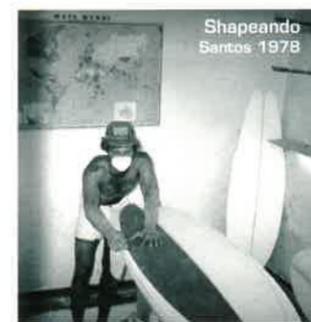
Avelino começou a surfar em Santos, junto com alguns amigos. Pouco tempo depois, já estava shapeando sua primeira prancha. "Não tinha como não ser um toco. Era uma 6'5", swallow. Em 1976 esse era considerado um modelo arrojado. Já que a maioria das rabetas eram round ou diamond. Todas single fin. A minha tinha uma quilha grande, onde eu prendia a cordinha. Outra novidade naquela época." Avelino lembra que o processo de fabricação da sua primeira prancha virou o centro das atenções da turma. "Ia todo mundo lá pra casa para acompanhar de perto. Fabricar uma prancha naquela época era um grande acontecimento." Um amigo, o Gilberto, viu a prancha e se apaixonou por ela. "Depois de muito insistir, ele

conseguiu que eu a vendesse para ele. Mas um tempo depois eu a recuperei. Tenho guardada até hoje", garante Avelino. A primeira encomenda foi feita por outro amigo, o Nelson, que atualmente trabalha na Tropical Brasil. Daí em diante, ele não parou mais de shapear.

Avelino conheceu as ondas do Sul graças a seu pai, que tinha uma indústria em Paranaguá. Junto com alguns amigos santistas, passou a explorar as ondas da ilha do Mel (Paraná) até o Farol de Santa Marta (Santa Catarina). Em julho de 76, fez sua primeira surf trip pelo Sul. Empolgado com o lugar, que era praticamente virgem e ainda não havia sido descoberto pela maioria dos surfistas brasileiros, ele se mudou para Santa Catarina no início da década de 80. Foi em Imbituba que Avelino decidiu que fabricar pranchas era mesmo o que queria fazer como profissão. A fábrica onde ele trabalhava ficava na Praia da Vila, a apenas alguns metros da beira-mar. "No outono e no inverno de 1980, peguei altas ondas em Imbituba", recorda-se. Foi nessa época que ele descobriu a perfeição das ondas que quebram no

litoral sul-catarinense. Foi de Imbituba que Avelino partiu para explorar a Silveira, a Guarda, Ibiraqueira, etc., picos que na época eram conhecidos e frequentados por apenas alguns sortudos.

No começo de 82, Florianópolis sediou o primeiro campeonato de nível nacional no Sul do Brasil. O Olimpikus foi um marco no desenvolvimento do surf no estado de Santa Catarina. Muitas coisas mudaram depois desse acontecimento. Entre outras, fez com que o surf se tornasse mais conhecido e respeitado ao longo de toda a costa catarinense. Por volta do final de 1981, Avelino tinha acabado de lançar sua nova marca de pranchas no mercado, e alguns dos melhores surfistas de Santa Catarina



Shapeando Santos 1978

# ANTIQUEDA

SURFING COMPANY



Foto Alberto Scire

usavam os modelos shapeados por ele. Nomes como Davi Husadel e Roberto Lima logo seriam conhecidos em todo o litoral catarinense. Husadel se lembra bem dessa época: "Conheci o Avelino no verão de 80-81, durante as etapas do Circuito Catarinense. O Roberto Lima, que na ocasião era considerado o melhor surfista catarinense, comentou que um shaper de Santos estava vindo morar no Sul e gostaria de fazer pranchas para a galera. De cara fiquei inte-

ressado. A partir de agosto de 81, eu e o Avelino estudamos juntos na Universidade Federal de Santa Catarina. Ele cursava engenharia química, enquanto eu fazia computação. No dia 21 de novembro de 81, ficaram prontas as primeiras pranchas da Tropical Brasil. Três dias depois, eu ganhei o campeonato catarinense na Joaquina. Foi o primeiro campeonato que ganhei em Florianópolis e também a primeira vitória de uma prancha da Tropical Brasil", recorda-se Davi, que desde então entrou definitivamente para a família Tropical Brasil. "Nosso trabalho sempre teve um vínculo forte de amizade. Eu e o Avelino vivemos muitas coisas juntos. Minha carreira como surfista profissional está diretamente ligada a ele e às pranchas que fez para mim", declara Davi, que hoje em dia é um dos sócios da Tropical Brasil, uma empresa que mais parece uma família. Além dos melhores surfistas catarinenses, na época do primeiro Olimpikus Avelino tinha na sua equipe outras estrelas prontas para brilhar. Os santistas Luís "Neguinho" e Maurício "Orelhinha" acabaram se transformando nas grandes sensações do Olimpikus de 82. O Neguinho surpreendeu todo mundo e acabou vencendo o campeonato com uma Tropical Brasil no pé. Orelhinha ficou em segundo, Davi Husadel foi o terceiro e Bitá, outro catarinense membro da equipe Tropical Brasil, o quinto. As pranchas do Avelino tinham atropelado cariocas e paulistas, tidos como os grandes favoritos. Nomes como Cauli Rodrigues, Roberto Valério e Paulo Tendas, entre outros. O Sul nunca mais foi o mesmo depois disso. Com sua competência como shaper mais que comprovada pelas performances dos surfistas que usavam suas pranchas, Avelino começou a sonhar com vôos mais altos. Sua trajetória

Passagem pelo Japão 1990



Avelino Haleiwa

www.antiqueda.com.br  
antiqueda@antiqueda.com.br  
fone: 13-32351615



# PERFIL

de Santos para Florianópolis já havia denunciado sua visão. Depois do Brasil, seria a vez de dominar o mundo. Uma missão muito mais difícil, mas não impossível. Depois de passar um tempo na Europa e nos Estados Unidos, durante o ano de 83, Avelino voltou ao Brasil disposto a mostrar que os brasileiros também tinham capacidade de produzir pranchas como as que ele viu sendo fabricadas no primeiro mundo. "Esse foi o meu grande combustível na volta ao Brasil. Provar que aqui era possível montar uma fábrica de pranchas como as que eu tinha visto no exterior." O aparecimento de um surfista loirinho e supertalentoso iria ajudar muito os planos de Avelino. "Logo que vi o Teco surfando, entendi que estava diante de um surfista com um enorme potencial", revela. "Fui conversar com a sua família e, depois que tive a aprovação deles, passei a cuidar da carreira do Teco." Flávio Padaratz acabou entrando para a história como um dos mais importantes surfistas brasileiros de todos os tempos. Alguém que desde cedo teve ciência da importância do seu papel e que, com o passar dos anos, se transformou num surfista preocupado em representar com profissionalismo a sua categoria. "O Avelino fez e faz parte da minha vida. Tanto profissional quanto particular. Ele praticamente me criou, junto com minha mãe e meu pai", explica Flávio "Teco" Padaratz, que conhece Avelino como poucas outras pessoas. "Às vezes ele é um cara meio difícil de se trabalhar, mas para mim é como um profeta do surf. Está sempre na frente do seu tempo. Eu diria que o Avelino foi o grande nome do surf brasileiro da última década. Mesmo sabendo que ele não é reconhecido como tal", exagera Teco, que teve sua brilhante carreira monitorada de perto por Avelino. Teco é outro dos sócios da Tropical Brasil, e até rompeu seu longo contrato com a Hang Loose por que a Tropical Brasil estava crescendo e fabricando mais roupas, em vez de apenas pranchas. Uma situação que estava se tornando cada vez mais conflitante com os interesses da Hang Loose.

Infelizmente não são muitos os casos de shapers que conseguem transformar suas marcas de prancha em empresas bem organizadas e prontas para experimentar o crescimento. A Tropical Brasil, porém, é um dos raros exemplos disso, e Avelino é o grande responsável por esse sucesso. Com certeza ele contou com a ajuda da sorte e de seus sócios durante sua longa caminhada, mas nada teria acontecido se ele não tivesse plantado as primeiras sementes e cuidado bem delas. "Nada resiste ao trabalho. Principalmente aquele feito com amor", conclui Avelino. ☒



Avelino e Taiu Bueno Hawaii 1983

Foto arquivo pessoal



Avelino Ocean Beach - Califórnia

Foto Lisa



# FLEA

VIROTSKO - WWW.DAKLEY.COM

The Best way to Describe me would be not caring what people think. Try to Have fun Day and night. Charging Big crazy stuff & passing aerial surfing to The Kids.

FLEA

# Tow in World Cup

Por Rosaldo Cavalcanti

Entre os dias 17 de novembro e 12 de janeiro, na ilha de Maui, no coração do arquipélago havaiano, será realizada o Tow In World Cup, o primeiro campeonato mundial de tow in. Patrocinado pelos Estúdios Mega, uma empresa 100% brasileira, esta será a primeira vez na história que os brasileiros estarão realizando um evento desse porte no Hawaii. Para quem ainda não sabe, o tow in é a mais nova modalidade de surf, criada pelos surfistas havaianos há cerca de seis anos. No tow in, os surfistas são rebocados por jetskis para dentro de ondas gigantes, que não poderiam ser surfadas sem a ajuda dessas máquinas. Estamos falando de ondulações oceânicas, com mais de 30 pés de altura. O campeão da Tow In World Cup vai embolsar a maior premiação da história do surf profissional: 70 mil dólares, mais do que o dobro do que fatura o vencedor de uma etapa do WCT. Com um período de espera de praticamente dois meses, que pode ser eventualmente estendido, o evento só será realizado em condições épicas. Provavelmente o melhor e maior dia do próximo inverno havaiano, ou seja, quando as ondas atingirem um tamanho mínimo de 60 pés (faces). O californiano Sean Collins, considerado a maior autoridade em termos de previsão de ondas, foi contratado pela produção da Tow In World Cup e estará observando de perto os swells que estiverem se dirigindo para o arquipélago havaiano. Suas previsões estarão disponíveis na internet, através do site [www.towinworldcup.com](http://www.towinworldcup.com).

O pico escolhido para sediar o evento não poderia ter sido outro: Pe'Ahi/Jaws. Uma das mais espetaculares ondas do planeta, Pe'Ahi/Jaws fica localizada cerca de 10 quilômetros ao norte da praia de Hookipa, no distrito de Haiku, na ilha de Maui. Apenas 15 times, cada um deles formado por dois surfistas, estarão competindo. Entre os convidados estão alguns dos melhores big wave riders do planeta: Ross Clark Jones, Peter Mel, Noah Johnson, Flea Virostko, Mike Parsons, Ken Bradshaw, Brock Little, Brian Kealuana, Vetea David e Darrick Doerner. Entre outros, representantes da Austrália, EUA (Califórnia e Hawaii), Brasil e França (do arquipélago francês do Taiti). Três surfistas brasileiros estão convidados: Carlos Burle vai formar uma dupla com Eraldo Gueiros, enquanto Rodrigo Resende (tricampeão do Big Trip) terá o havaiano Garret Macnamara como parceiro. Kelly Slater é outra estrela convidada para disputar a Tow In World Cup. No entanto, pelo menos até o fechamento desta edição, Slater ainda não havia revelado o nome do seu parceiro.

Na verdade, o evento é apenas uma forma que se encontrou para juntar os melhores tow in surfers do planeta num dia de ondas gigantes em Jaws. A produtora Tibet Filme vai filmar toda a ação e depois editar um documentário sobre a Tow In World Cup e os surfistas que desafiam a natureza surfando ondas gigantes. O documentário será exibido pela televisão em mais de 60 países do mundo, entre eles o Brasil. Rosaldo Cavalcanti, editor da Alma Surf, é um dos idealizadores e produtores da Tow In World Cup: "Foram contratados os melhores cinegrafistas do meio para documentar o evento, que será todo realizado em apenas um dia", explica nosso editor. Durante as filmagens, serão utilizadas duas câmeras de 35 mm e outras quatro de Super-16 mm. "Uma das câmeras de 16 mm estará instalada num helicóptero, enquanto duas outras estarão nas mãos dos melhores cinegrafistas aquáticos do planeta. As duas de 35 mm vão ficar em cima do penhasco que existe em Pe'Ahi", revela Rosaldo. Nomes como Don King, Jack MacCoy, Larry Haynes e Mike Pricket estão em stand by para filmar toda a ação.

Desde que foi inventado, o tow in vem mudando os parâmetros em termos de ondas grandes. Antes do seu surgimento, os surfistas acreditavam que a maior onda surfável do planeta teria cerca de 35-40 pés, no máximo. Hoje em dia, o limite está mais além. Graças aos jetskis, teoricamente ele não existe. A próxima temporada de ondas grandes, que está prestes a ter início no hemisfério norte, promete ser uma das mais fantásticas de todos os tempos. Como se a adrenalina e a premiação envolvidas na Tow In World Cup não fossem suficientes, outros três eventos - Quicksilver Maverick's Men Who Ride Mountains (Maverick's), Quicksilver in Memory of Eddie Aikau (Waimea) e o Billabong Odyssey (Pacífico Norte) -, estarão contando com a presença de alguns dos mais respeitados surfistas de ondas grandes do planeta. Juntamente com a Tow In World Cup, esses eventos formam um fictício circuito de ondas grandes, que garante a seus vencedores premiações que superam o valor em dinheiro oferecido para o campeão de uma das etapas do WCT. Para completar a festa, os sites [swell.com](http://swell.com) e [surfline.com](http://surfline.com) estão garantindo, pelo segundo ano consecutivo, uma bela quantia em dinheiro para o surfista que pegar a maior onda da temporada. No ano passado, o californiano Mike Parsons faturou 60 mil dólares depois de dropar uma onda de tamanho estimado em 66 pés de face. Parsons foi rebocado para dentro dessa onda em Cortez Banks, um outside reef localizado a cerca de 60 milhas da costa californiana. Este ano, a Nissan está dando 50 mil dólares e um Nissan Xterra modelo 2002 para o surfista que pegar a maior onda da temporada. São boas as chances de que essa onda seja surfada durante um dos campeonatos de ondas grandes deste inverno. Com tanta grana em jogo no big wave surfing, é provável que, de agora em diante, alguns top 44 da ASP passem a se dedicar um pouco mais a esse tipo de surf, que já está oferecendo premiações cada vez mais lucrativas do que as existentes no WCT.

Foto Sean Davey



**"É uma grande satisfação  
fazer parte da equipe DA HUI  
e ter uma ótima estrutura no  
Hawaii para contar sempre...  
Agora estou entrando no circuito  
mundial para poder representar  
minha equipe no WCT...  
Para todos os amantes do mar:  
Protejam a Natureza e desfrutem  
da magia que é surfar"**

**Diego Rosa**  
Cepilho

### Lista de convidados

1. Peter Mel/Ken "Skin Dog" Collins (Califórnia, EUA)
2. Darryl "Flea" Virostko/Shawn Barron (Califórnia, EUA)
3. Mike Parsons/Brad Gerlach (Califórnia, EUA)
4. Ross Clarke-Jones/Tony Ray (Austrália)
5. Kelly Slater/???? (EUA)
6. Brian Keaulana/Brock Little (Hawaii, EUA)
7. Darrick Doerner/Makua Rothman (Hawaii, EUA)
8. Carlos Burle/Eraldo Gueiros (Brasil)
9. Noah Johnson/Shane Dorian (Hawaii, EUA)
10. Ken Bradshaw/Dan Moore (Hawaii, EUA)
11. Luke Hargreaves/Sierra Emory (Hawaii, EUA)
12. Rodrigo Resende/Garrett McNamara (World Team)
13. Vetea David/Arsene Harehoe (Taiti, França)
14. Titus Kinimaka/Terry Chung (Hawaii, EUA)
15. Archie Kalepa/Victor Lopez (Hawaii, EUA)

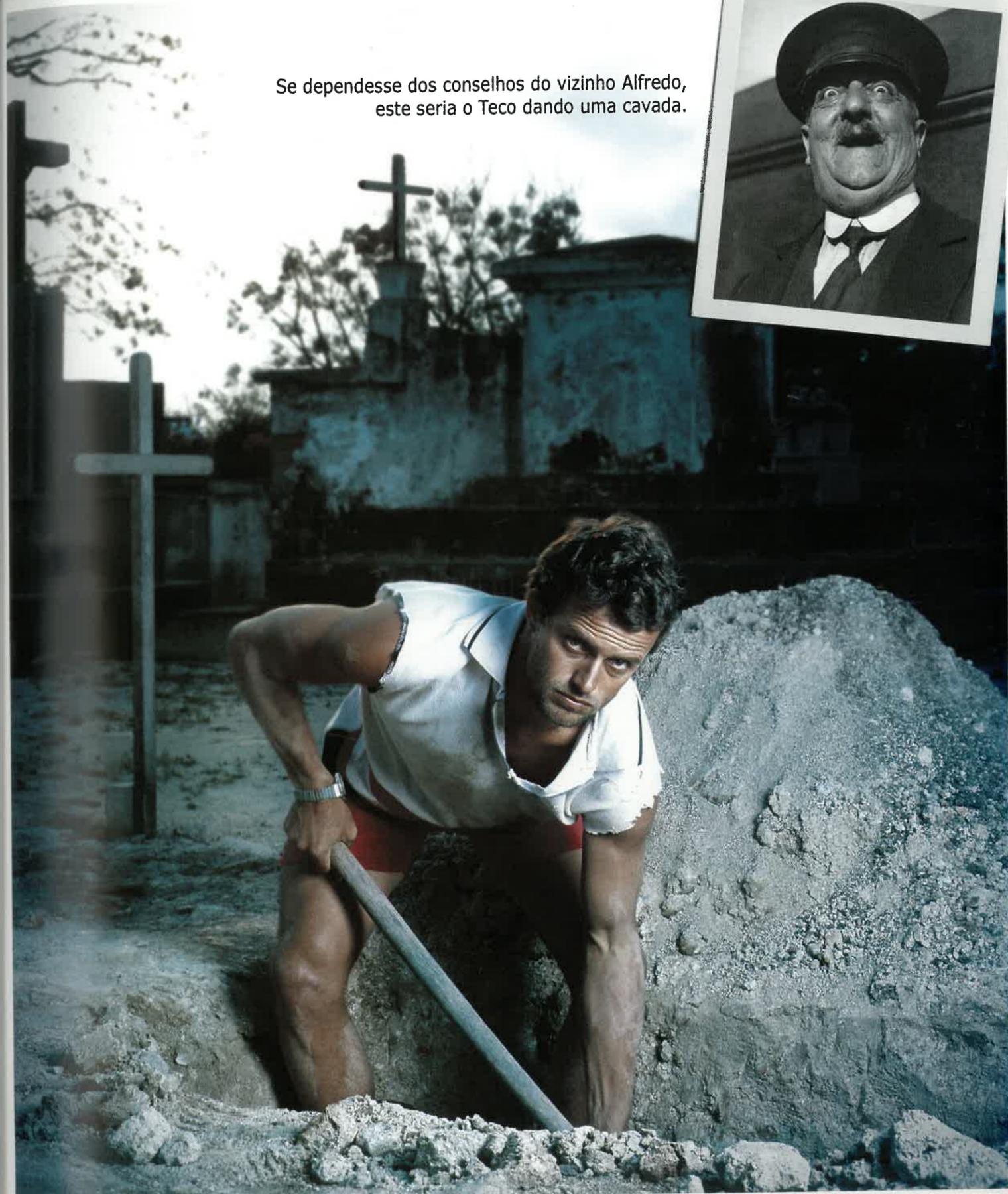
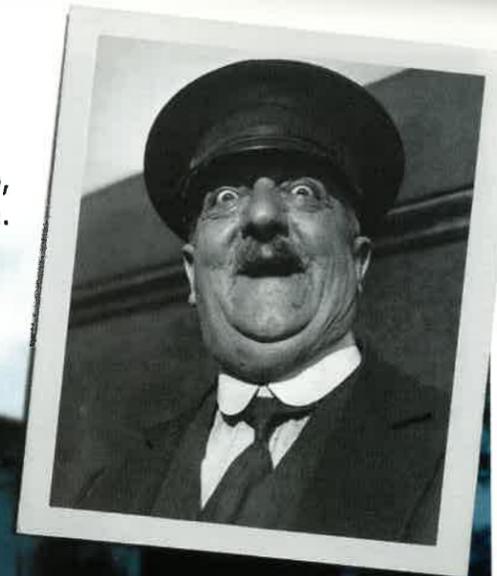
### Premiação

- 1° - US\$ 70.000
- 2° - US\$ 20.000
- 3° - US\$ 10.000
- 4° - US\$ 5.000
- 5° - US\$ 2.500
- 6°-15° - US\$ 1.500

Foto Patrick McFeeley

Foto Sean Dawey

Se dependesse dos conselhos do vizinho Alfredo, este seria o Teco dando uma cavada.



Se enterra, seu Alfredo.

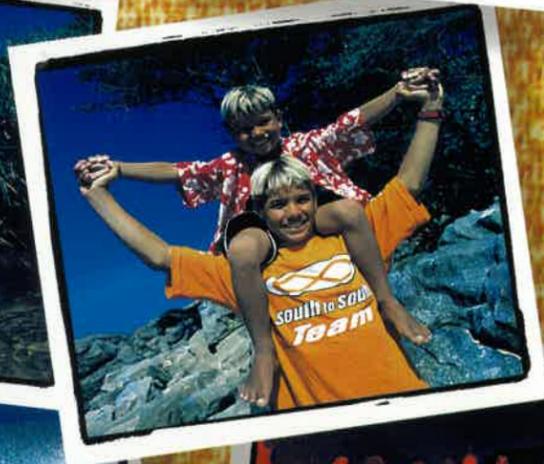
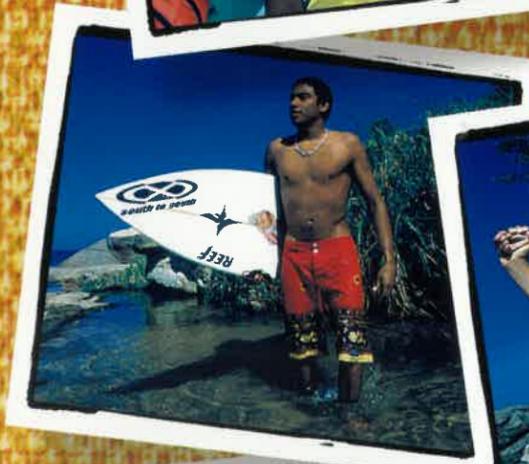
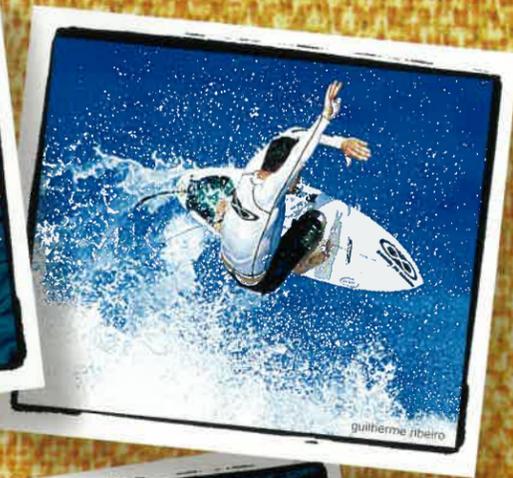
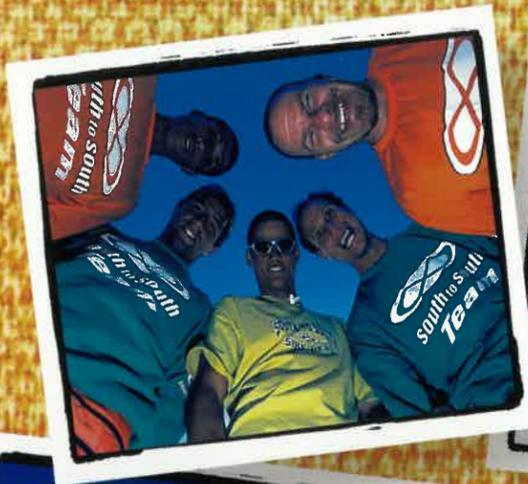


Teco Padaratz. Surf é a nossa praia.



since 1988

simple clean cool style



# ...alma south

( a south to south parabeniza a revista alma surf por 1 ano de editorial com o real espirito do surf )

11 6222-4337



indústria brasileira levante esta bandeira

[southtosouth.com.br](http://southtosouth.com.br)



K&W.COM

# Austrália

Um verdadeiro paraíso do surf,  
onde as ondas rolam o ano inteiro.  
Além disso, sua exuberante  
paisagem é um convite à aventura.

Por Rosaldo Cavalcanti



Gnaraloo - West Australia  
foto Tungsten



Little Avalon - Norte de Sydney  
foto Sean Casey

## VIAGEM

### Norte de Sydney



**A Austrália é um dos países mais jovens e interessantes do planeta. O australiano é uma espécie de inglês sem aquela típica fleuma britânica. Um povo bastante diferente do nosso, mas que apesar das diferenças tem algumas semelhanças com os brasileiros.**

Os australianos adoram beber cerveja, uma mania nacional na terra dos cangurus. O inglês falado pelos aussies é cheio de gírias e se caracteriza por um sotaque todo especial, que muitas vezes faz com que eles não sejam bem compreendidos. Principalmente por nós, brasileiros. É necessário sintonizar os ouvidos para conseguir entender as brincadeiras e o apurado senso de humor de nossos amigos Down Under. Além de sua paixão pela cerveja, os australianos adoram esportes. Os mais variados possíveis. Ao contrário do que muita gente pensa, o surf não é o esporte mais popular na Austrália: o rugby, o tênis e o cricket têm mais destaque na preferência local. Mas não é difícil entender por que o surf ocupa um espaço importante no dia-a-dia de grande parte da população. Além da paixão natural por esportes, a grande maioria dos australianos mora no litoral, onde estão localizadas as maiores cidades.

A Austrália já produziu alguns dos melhores e mais importantes surfistas da história: Midget Farrelly, Nat Young, Ian Cairns, Wayne "Rabbit" Bartolomew, Mark Richards, Simon Anderson e Tom Carrol, só para citar os mais famosos e influentes. Competitivos ao extremo, os surfistas australianos são mundialmente conhecidos e respeitados.

Existem ondas boas praticamente em todo o país. Para quem não sabe, a Austrália é uma grande ilha, cercada pelos oceanos Índico (oeste) e Pacífico (leste). A exemplo do Brasil, algumas das melhores e mais importantes cidades, como Sydney, Newcastle, Wollongong, Brisbane, Perth e Cairns, estão localizadas no litoral. Ou junto a uma baía, como é o caso de Melbourne. Uma das duas grandes metrópoles, considerada a capital cultural do país, Melbourne fica a cerca de 2 horas de Bell's Beach, uma das mais conhecidas praias de surfistas. É em Bell's que acontece anualmente, durante o período da Páscoa, um dos mais tradicionais eventos do circuito mundial de surf.

Os surfistas estão espalhados por toda a Austrália. O maior número deles se encontra na costa leste, que é banhada pelo oceano Pacífico e concentra a maioria da população. De Torquay a Brisbane, são mais de 4.000 quilômetros de praias, passando por alguns dos melhores surf spots: Bell's Beach, Phillip Island, Black Rock, Sandal's Point, Shark Island, Narrabeen, Newport, Angourie, Lennox Head, Kirra, Noosa Heads, etc.

Comparada com os EUA, a Austrália é um país relativamente barato para se viajar. As estradas são boas e é possível se locomover de carro sem gastar muito dinheiro. Os caravan parks, espécies de campings onde você pode alugar um trailer equipado com toda a infra-estrutura: fogão, banheiro, cama, tevê, etc., estão espalhados por todo o país e são uma opção boa e barata para quem quer ficar bem instalado por um preço mais que razoável. A dieta dos australianos não pode ser considerada das mais saudáveis. Eles costumam comer muitas frituras, mas é possível encontrar uma grande variedade de frutas e cereais. Além disso, existem dezenas de entrepostos naturais, onde se podem comprar alimentos orgânicos e altamente saudáveis.

Podem-se encontrar os mais variados tipos de onda em volta da Austrália: beach breaks em Sydney, longas e perfeitas direitas nos point breaks

da Gold Coast, dezenas de fundos de pedra no estado de Victoria, saídas de rio e fundos de coral no estado de West Australia. A lista é grande. São ondas de todas as formas e tamanhos. Sem falar no até pouco tempo desconhecido potencial da Tasmânia, ilha onde se acredita devem quebrar as maiores ondas australianas.

### Melhor época

As melhores ondas vão variar de acordo com a época e a região. Na Gold Coast, por exemplo, as melhores condições ocorrem durante a temporada de ciclones (dezembro-março). No estado de Victoria, as maiores ondas quebram durante o outono e o inverno, mas o frio pode atrapalhar. Principalmente durante os meses de junho e julho, auge do inverno australiano. Lá, a pequena cidade de Torquay é uma espécie de berço palhar. Principalmente durante os meses de junho e julho, auge do inverno australiano. Lá, a pequena cidade de Torquay é uma espécie de berço da indústria de surf australianas. Foi nessa pequena cidadezinha que nasceram duas das mais importantes marcas de surf do mundo: Quiksilver e Rip Curl, que até hoje mantêm suas matrizes no mesmo lugar onde foram fundadas. Entre outras coisas, essa região já produziu alguns dos melhores e mais respeitados surfistas. Nomes como Wayne Lynch e Tony Ray nasceram e cresceram surfando as grandes e geladas ondas do estado de Victoria.

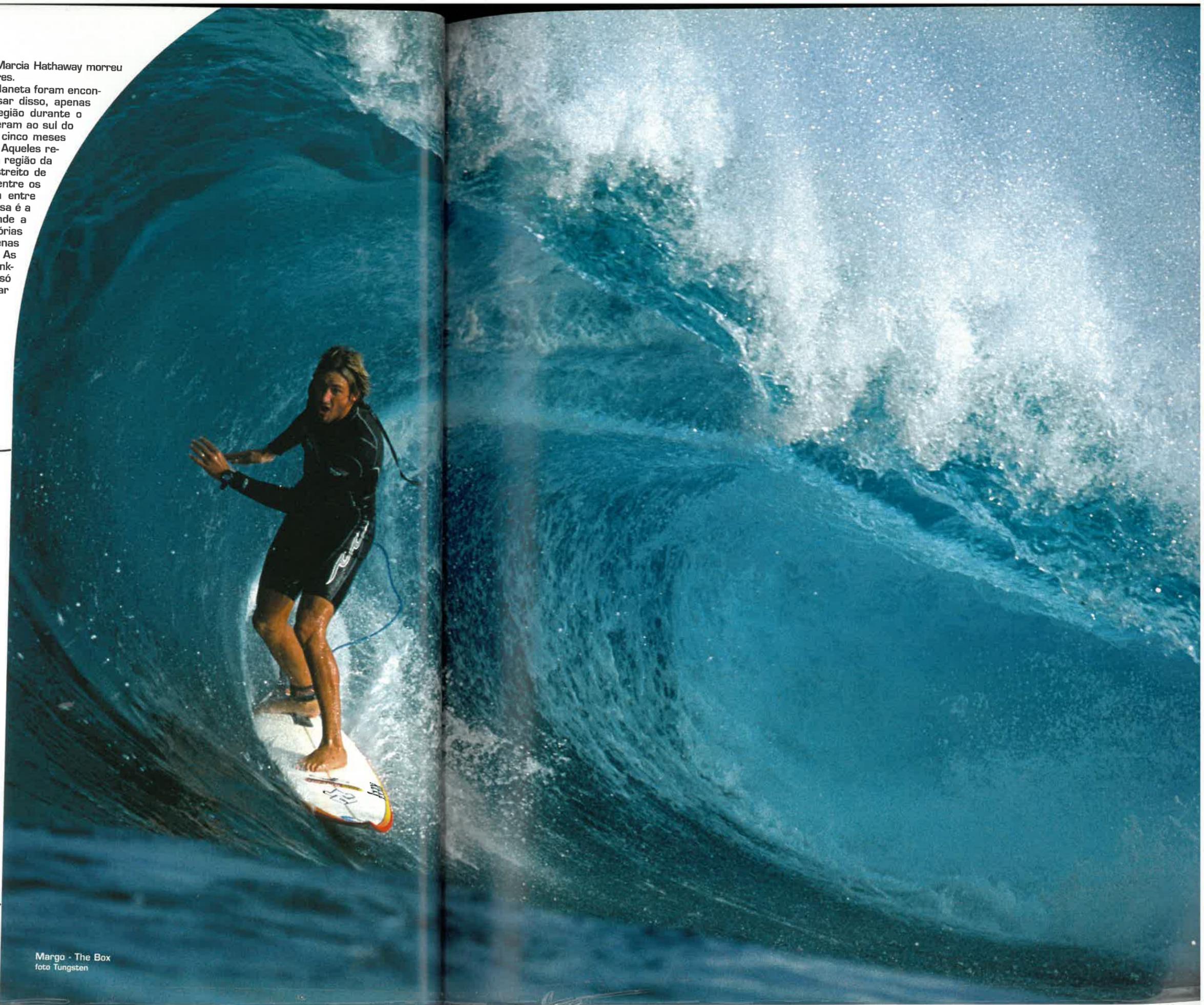
Uma das regiões mais selvagens da Austrália fica na costa oeste. É lá que estão localizadas algumas das mais fortes e desafiadoras ondas. Em picos como Gnaraloo e The Bluff, quebram esquerdas tubulares e adrenalizantes. Enquanto nos arredores de Margareth River estão localizados vários surf spots, com ondas fortes e buracos. The Box é um bom exemplo disso. A melhor época para o surf em West Australia fica entre os meses de março e agosto. De acordo com as condições, as melhores ondas vão quebrar ao sul ou ao norte da cidade de Perth. Os swells que chegam ao West Oz são os mesmos que atingem a Indonésia. Esse estado é uma região bastante selvagem, onde a fauna e a flora marinhas são muito ricas. A península de Yalingup é a área mais freqüentada pelos surfistas. Muitos deles até estão comprando terras e se mudando para lá.

A Tasmânia é o estado mais isolado e remoto, no extremo sul. Apesar de não estar ligada ao restante do país, por ser uma ilha, é uma continuação natural do território australiano. Mais conhecida por abrigar o Taz devil (diabo-da-tasmânia), um animal pequeno mas capaz de fazer bastante barulho e assustar muita gente, a Tasmânia esconde muitos segredos e algumas das mais poderosas ondas australianas. O maior problema é o frio e o isolamento do resto do planeta, algo que torna as condições de exploração um pouco mais complicadas do que o normal.

### Os tubarões na Austrália

Várias espécies de tubarões são encontradas nas águas australianas. Entre elas algumas das mais perigosas para o ser humano, como o tubarão-branco (great white), o tubarão-tigre, o tubarão-martelo e o tubarão-azul (mako). O país é o líder em número de ataques de tubarões a seres humanos. O caso mais antigo foi registrado em 1803, em West Australia. A vítima fatal, o senhor Lefere, foi a primeira de uma série de 319. Apesar de tudo isso, nos últimos anos a incidência tem diminuído. A grande maioria dos casos foi registrada perto das grandes cidades. Até o ano de 1937, Sydney sofreu ataques freqüentes. Pelo menos um fatal por ano, durante 14 anos. Porém, a partir desse ano, em que foram tomadas algumas providências, não foi mais registrado nenhum ataque fatal nas praias da cidade. Infelizmente, o mesmo não ocorreu na área que

cerca o porto. Em 1963 a atriz Marcia Hathaway morreu depois de ser atacada nos seus arredores. Os maiores tubarões-tigres já vistos no planeta foram encontrados perto da cidade de Brisbane. Apesar disso, apenas quatro ataques foram registrados nessa região durante o último século. Dois terços dos ataques ocorreram ao sul do trópico de Capricórnio, 80% deles durante os cinco meses mais quentes do ano, entre novembro e março. Aqueles registrados ao norte do trópico concentraram-se na região da Grande Barreira de Coral e perto das ilhas do estreito de Torres, no extremo norte, área bastante popular entre os mergulhadores. 51% desses ataques aconteceram entre novembro e março. A área considerada a mais perigosa é a costa sul, nos arredores da cidade de Adelaide, onde a água do mar é fria. Lá é comum se ouvir falar de histórias sobre tubarões-brancos (great whites). Muitas das cenas do filme *Tubarão* (Jaws) foram rodadas nessa região. As águas do sul da Austrália estão em segundo lugar no ranking mundial de números de ataques de tubarões-brancos, só perdendo para as da Califórnia. Esteja atento e evite surfar muito cedo ou perto do pôr-do-sol.



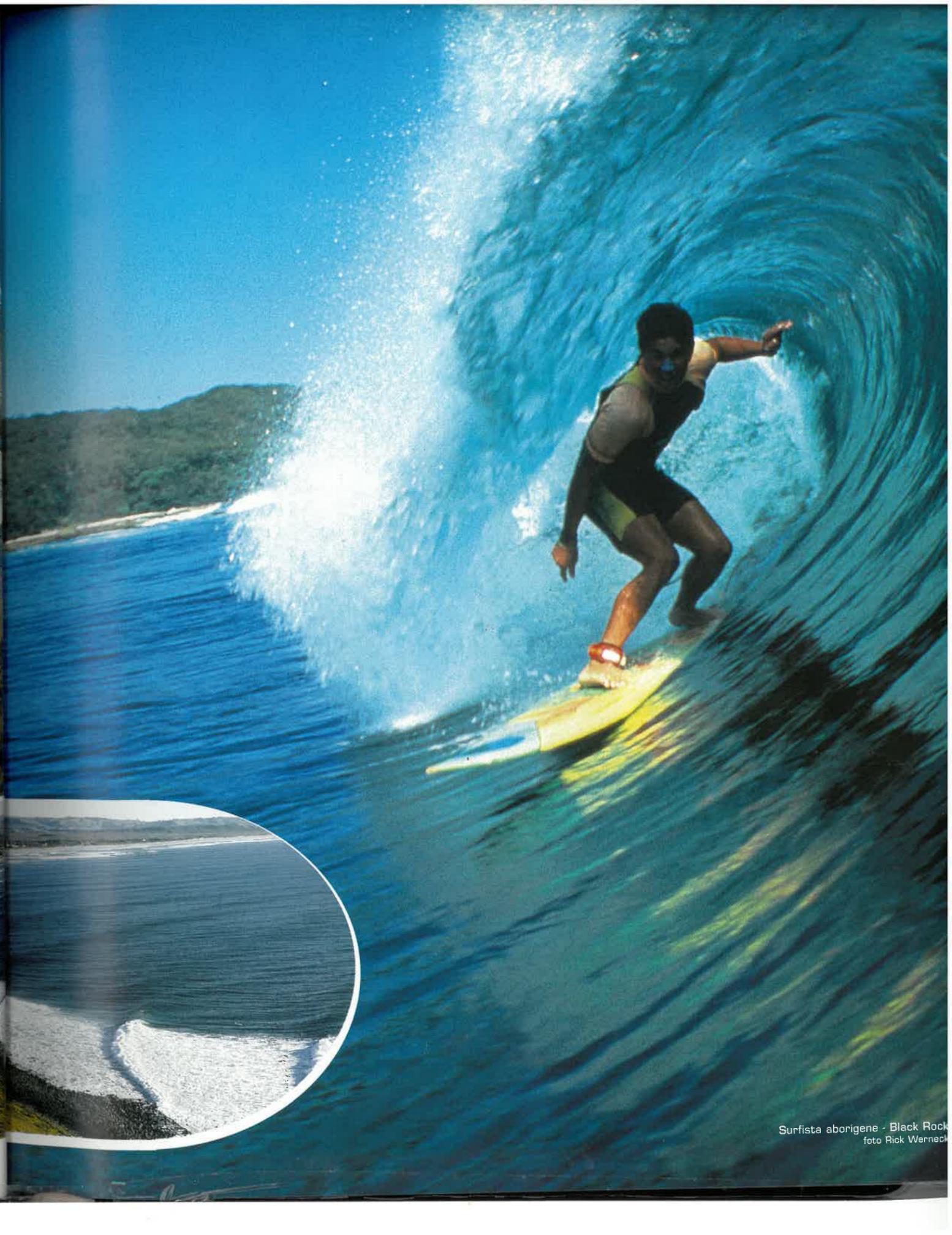
Margo - The Box  
foto Tungsten



Yallingup  
foto Tungsten



Bells Beach  
foto Rick Werneck



### Uma breve história do surf na Austrália

Os australianos sempre tiveram uma ligação direta com o mar. Afinal de contas, a Austrália é uma grande ilha, quase um continente, e seus limites naturais são o oceano Pacífico (costa leste) e o Índico (costa oeste). Ironicamente, até o começo do século XX ir à praia não era um programa legal. Muito pelo contrário. Leis ultraconservadoras, impostas pelo governo, proibiam a população de entrar no mar. Lógico que uma lei tão estúpida como essa não podia durar muito tempo. Ainda mais num país como a Austrália, onde a população tem uma inclinação natural para os mais variados esportes. Principalmente os aquáticos. Num belo dia, um morador de Sydney decidiu desafiar a legislação local e acabou entrando no mar. Desde então, os demais australianos passaram a fazer do oceano uma espécie de extensão da sua casa.

O surf propriamente dito chegou ao território australiano por volta de 1912. Foi nesse ano que o então recordista olímpico de natação nos 100 metros livres, o surfista havaiano Duke Kahanamoku, esteve em Sydney. Onde quer que fosse competir, ou simplesmente se apresentar para o público, o Duke sempre levava sua prancha de surf. Kahanamoku fez uma demonstração do "esporte dos reis" para uma considerável platéia, que se juntou em Freshwater Beach para vê-lo se tornar o primeiro ser humano a deslizar nas ondas australianas. Depois de sua partida, o surf australiano não parou mais de crescer. O número de praticantes aumentou nos anos seguintes, até que a Grande Depressão e, logo depois, a Segunda Guerra Mundial, diminuíram um pouco o ritmo desse crescimento. Três australianos, Claude West, Isobel



Lennox Head  
foto Sean Davey

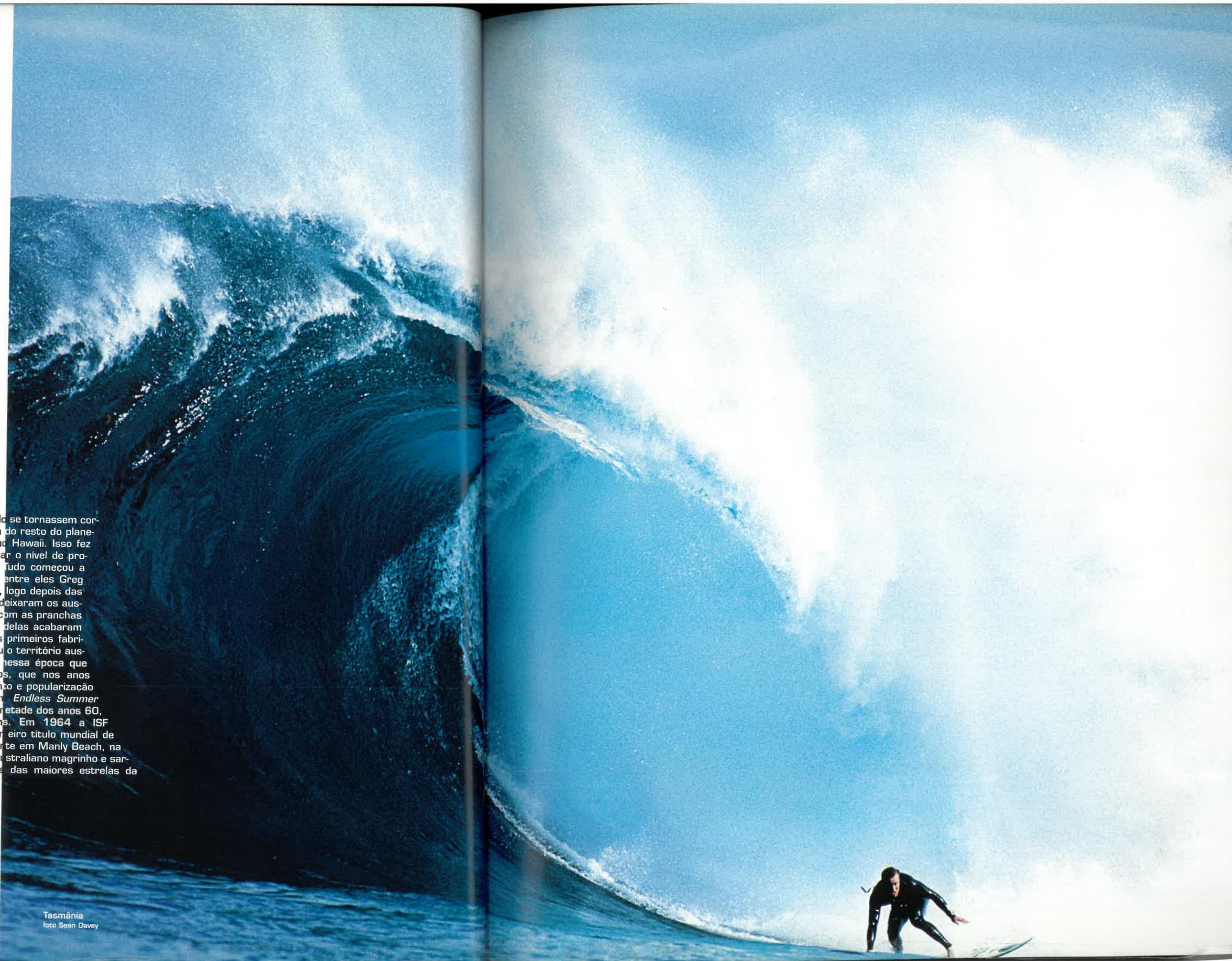
Surfista aborigene - Black Rock  
foto Rick Werneck

Latham e Snowy McAllister, são considerados os grandes pioneiros do surf na Austrália. Os três estavam presentes em Freshwater Beach quando Duke Kahanamoku plantou as sementes do surf Down Under. Na verdade, Isobel chegou a ter o privilégio de descer uma onda junto com o próprio Duke, enquanto Claude West produziu uma réplica da prancha que o havaiano levou para usar durante suas exibições na Austrália. Já Snowy McAllister acabou se tornando campeão de surf em 1928, repetindo o feito em 1930. Depois da guerra, os australianos passaram a ir à praia com uma frequência jamais vista. Com o aumento no número de carros no país, teve início a era da descoberta dos primeiros surf safáris. No início da década de 50, ainda que com um equipamento muito primitivo, os surfistas já haviam desbravado as ondas ao redor de Sydney e começavam a estender suas fronteiras em direção ao norte do estado de Nova Gales do Sul, além de explorarem os estados de Queensland e Victoria.

Antes que as viagens de avião em volta do mundo se tornassem corriqueiras, a Austrália esteve virtualmente isolada do resto do planeta e das novidades que surgiam na Califórnia e no Hawaii. Isso fez com que o surf demorasse um pouco para alcançar o nível de progresso e desenvolvimento que já existia nos EUA. Tudo começou a mudar quando um grupo de surfistas americanos, entre eles Greg "Da Bull" Noll e Phil Edwards, visitaram Bell's Beach, logo depois das Olimpíadas de 1956, em Melbourne. Edwards e Noll deixaram os australianos impressionados com sua técnica e também com as pranchas que haviam trazido da Califórnia. Felizmente algumas delas acabaram ficando na Austrália, servindo de referências para os primeiros fabricantes locais. Uma segunda onda de progresso varreu o território australiano por volta de 1958-60. Foi mais ou menos nessa época que começaram a ser fundados os primeiros surf clubs, que nos anos seguintes seriam fundamentais para o desenvolvimento e popularização do surf na Austrália. Depois que o longa-metragem *Endless Summer* chegou aos cinemas do país, por volta da primeira metade dos anos 60, o surf rapidamente virou mania entre os jovens. Em 1964 a ISF (International Surfing Federation) decidiu que o primeiro título mundial de surf seria disputado na Austrália. Mais precisamente em Manly Beach, na cidade de Sydney. O resultado foi a vitória de um australiano magrinho e sarrento, chamado Midget Farrelly, sobre algumas das maiores estrelas da

época. Nomes como Mike Doyle e Joey Cabbel não conseguiram impedir a vitória de Midget, que se tornou o primeiro de uma série de surfistas australianos a se sagrarem campeões mundiais. Como se a vitória de Midget não bastasse, a australiana Phyllis O'Donnell conquistou o título mundial feminino. Com essas duas vitórias, os australianos provaram que tinham vindo para ficar e fazer história.

Tasmânia  
foto Sean Davey



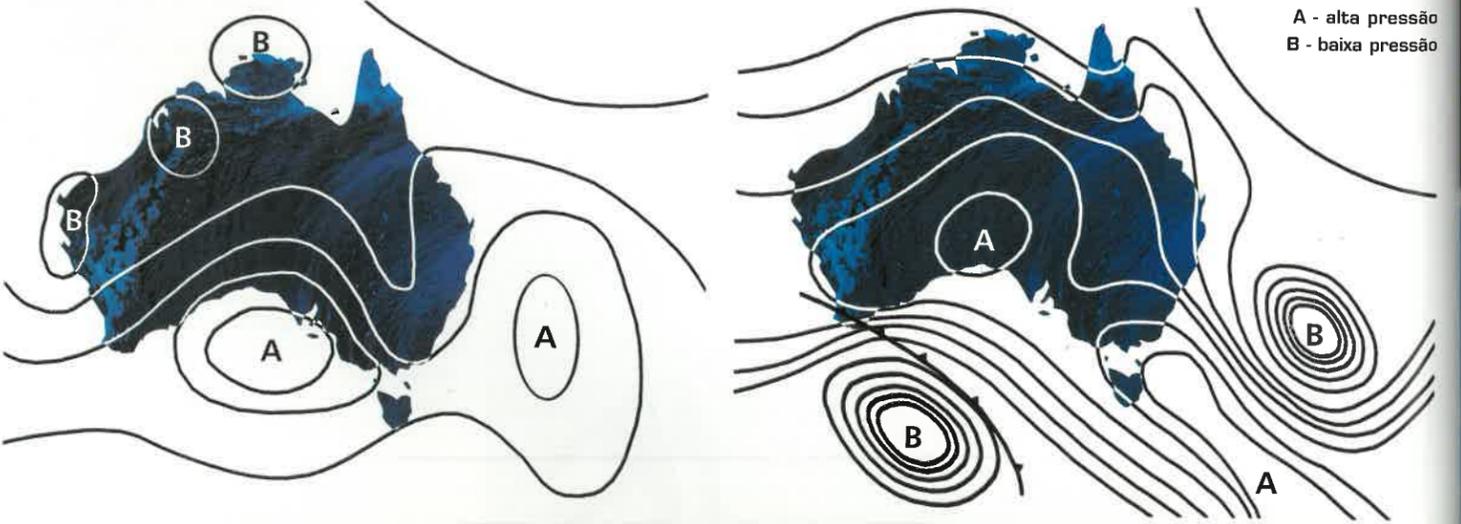


Shane Dorian  
North Point - West Australia  
foto Tungsten

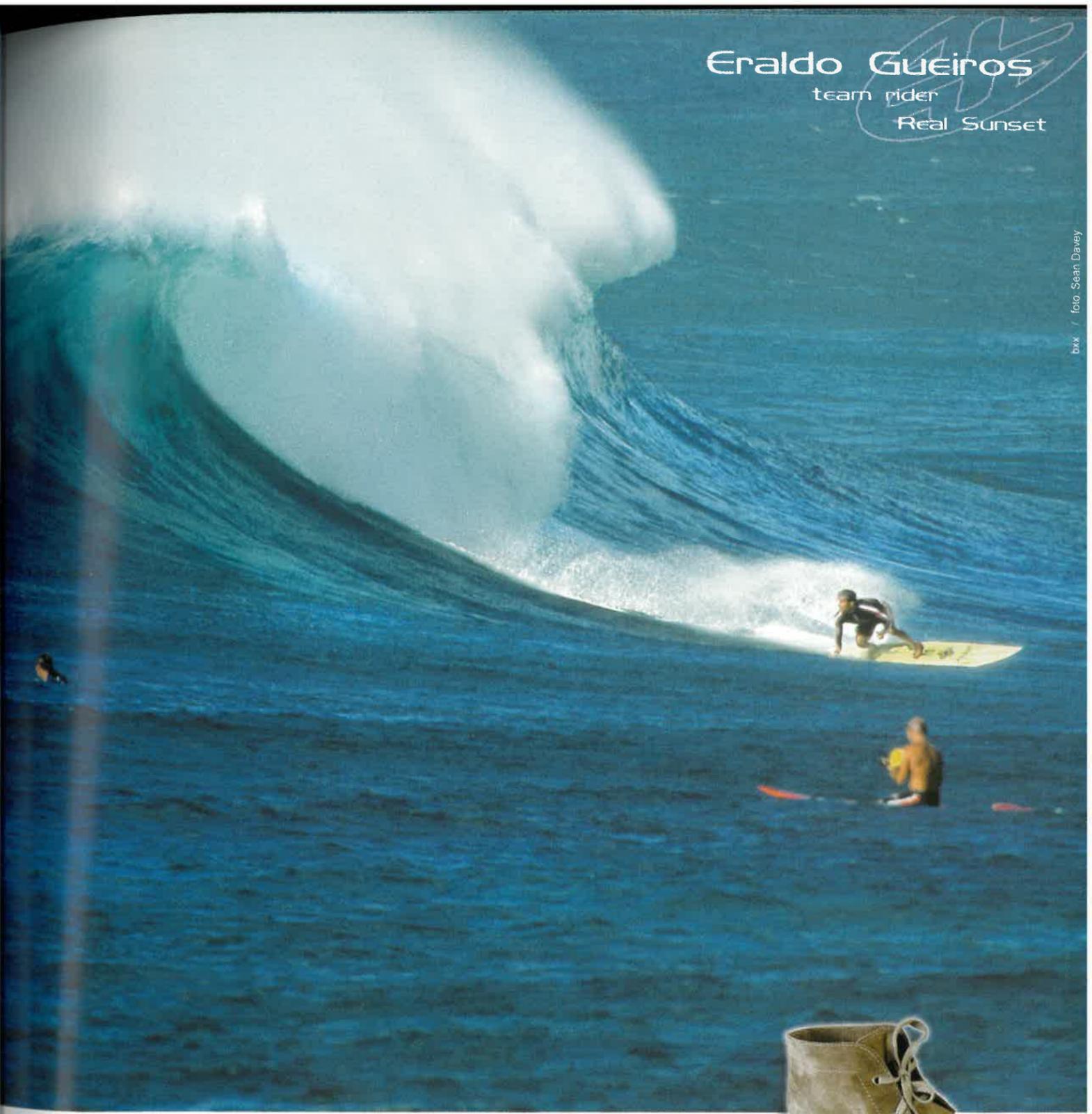
**Entenda o tempo para pegar mais ondas**

Quem quiser surfar na Austrália deve estar apto a interpretar a previsão do tempo. Só assim é possível prever quando e até mesmo onde as melhores ondas serão encontradas. O clima no território australiano é um terço tropical e dois terços temperado, com temporadas de chuva no norte durante o verão e frentes frias durante o inverno no sul. Os ciclones tropicais geram excelentes swells no norte durante o verão. Os dois mapas mostram as oscilações de pressão durante o inverno e o verão. No primeiro, alguns sistemas de baixa pressão (típicos do verão) dominam

a metade superior do país. Intensos ciclones tropicais são mais comuns de dezembro a abril. A parte sul é dominada por grandes sistemas de alta pressão, que geralmente trazem tempo bom e ventos moderados. O outro mapa mostra uma típica situação de inverno, com a baixa pressão se movendo para o norte, vinda da Antártida, trazendo aos estados do sul fortes swells oceânicos. Essas condições trazem boas ondas à costa oeste do estado de Victoria, toda a área exposta dos estados de South Australia e West Australia, e algumas regiões da Nova Gales do Sul.



Eraldo Gueiros  
team rider  
Real Sunset



bxx / foto Sean Davey



The real shoes  
**cannon**

vendas: (11) 291 - 3993



The Bluff - West Australia  
foto Tungeten

### Quando os ciclones chegam

Os australianos têm bons motivos para temer o poder destrutivo dos ciclones tropicais. Essas depressões móveis se alimentam da umidade quente dos oceanos durante o verão, e podem ser totalmente imprevisíveis, até morrerem nas águas geladas. Esses sistemas também trazem o tipo de ondas que os surfistas comentam por anos.

Notícias de ciclones trazem preocupações à comunidade em geral, mas também dão coceira nos pés dos surfistas.

Para as ondas, os melhores ciclones são aqueles que nascem longe da costa, no meio do oceano. Assim, a ondulação gerada por eles viaja longas distâncias e se torna clean e uniforme antes de chegar à costa. Quando tais condições coincidem com o teral, o resultado geralmente são ondas de sonho. ☒



CENTRAL DE ATENDIMENTO  
Tel.: (11) 3065.5115 / Toll free: 0800 11 8383  
E-mail: saabrasil@saabrasil.com.br  
www.saabrasil.com.br

**FICO**  
EVOLUTION



[www.fico.com.br](http://www.fico.com.br)  
[info@fico.com.br](mailto:info@fico.com.br)



Michelle @ SPF  
Erin @ Fernstein  
Enich @ Flash



fone: 19.524.0055 vonzipper@zaz.com.br

 **Vonzippe**  
COMING SOON...

SANTA  
MARIA

1 1 3735 2999

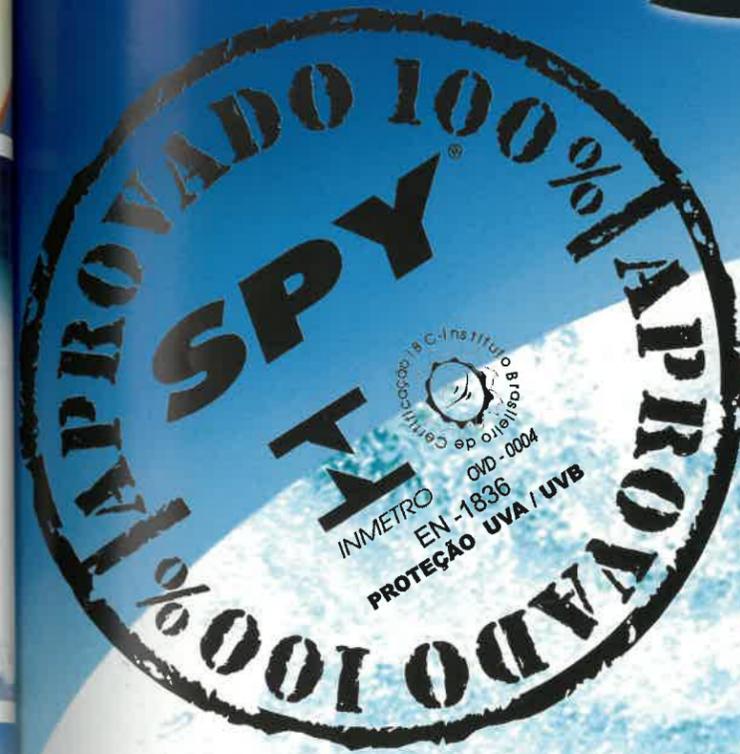
smsantamaria@terra.com.br



www.c-storeonline.com.br



# SPY

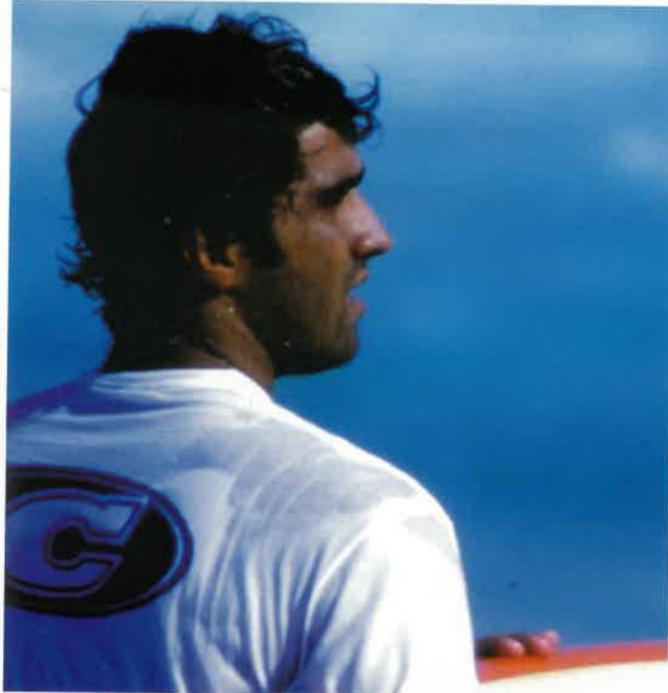


SPY 0034



SPY 0033

SUMMERTIME



**ASG**  
Associação de Surf da Galera



**spy.com.br**

Showroom: TEL:(11) 5181 3792 Loja: Av. Aratás 132 Moema São Paulo SP TEL (11) 553



Fernando Cassini



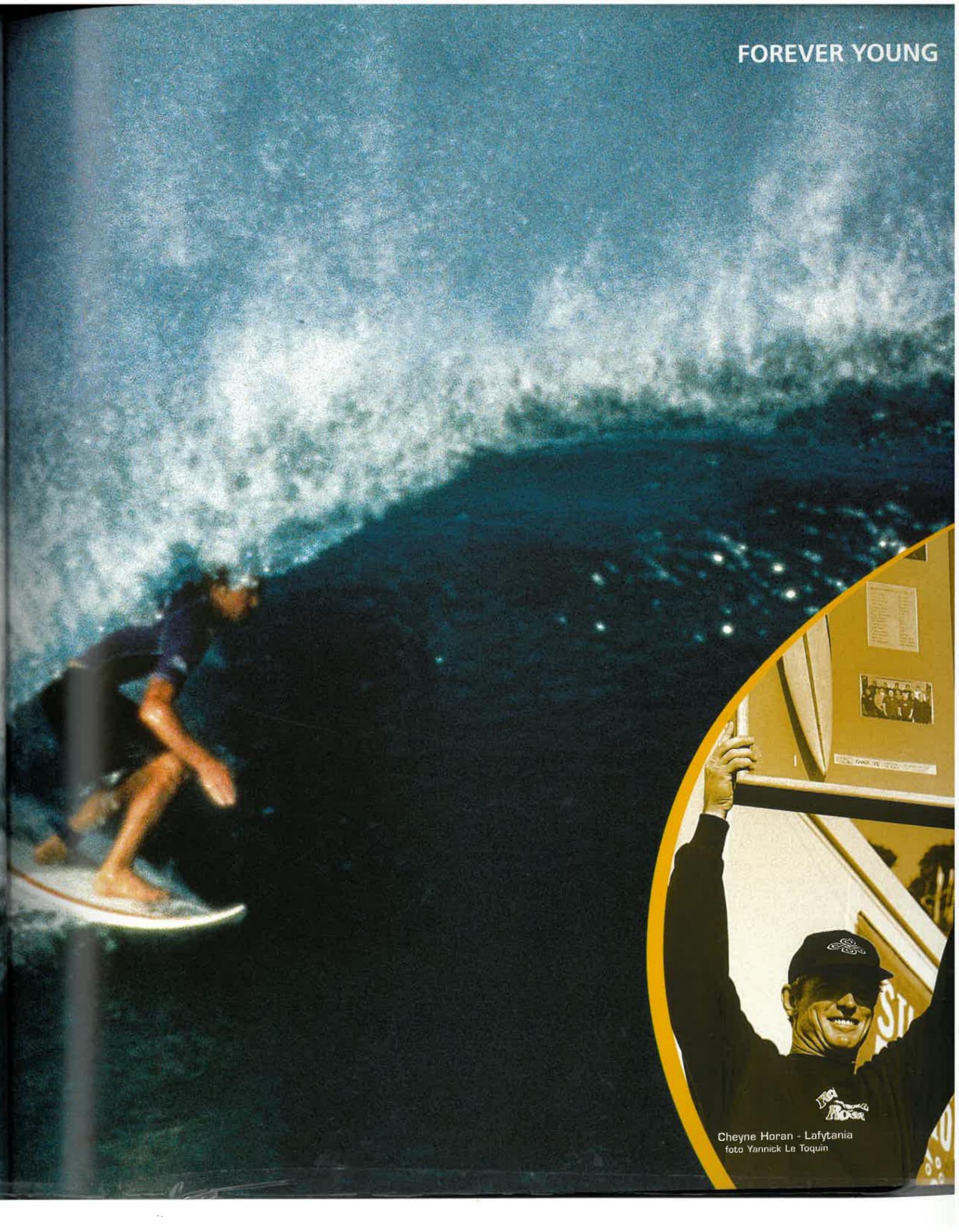


Gary Elkerton - Irlanda  
foto Sean Davey

Os grandes mestres se reúnem no Master ASP.  
A competição é ponto de encontro de lendas vivas do surf.

# Surfing Forever

Por Rodrigo Santelli



Cheyne Horan - Lafytania  
foto Yannick Le Toquin

Terry Richardson  
foto Oxbow



Tom Curren - Lafytania  
foto Yannick Le Toquin

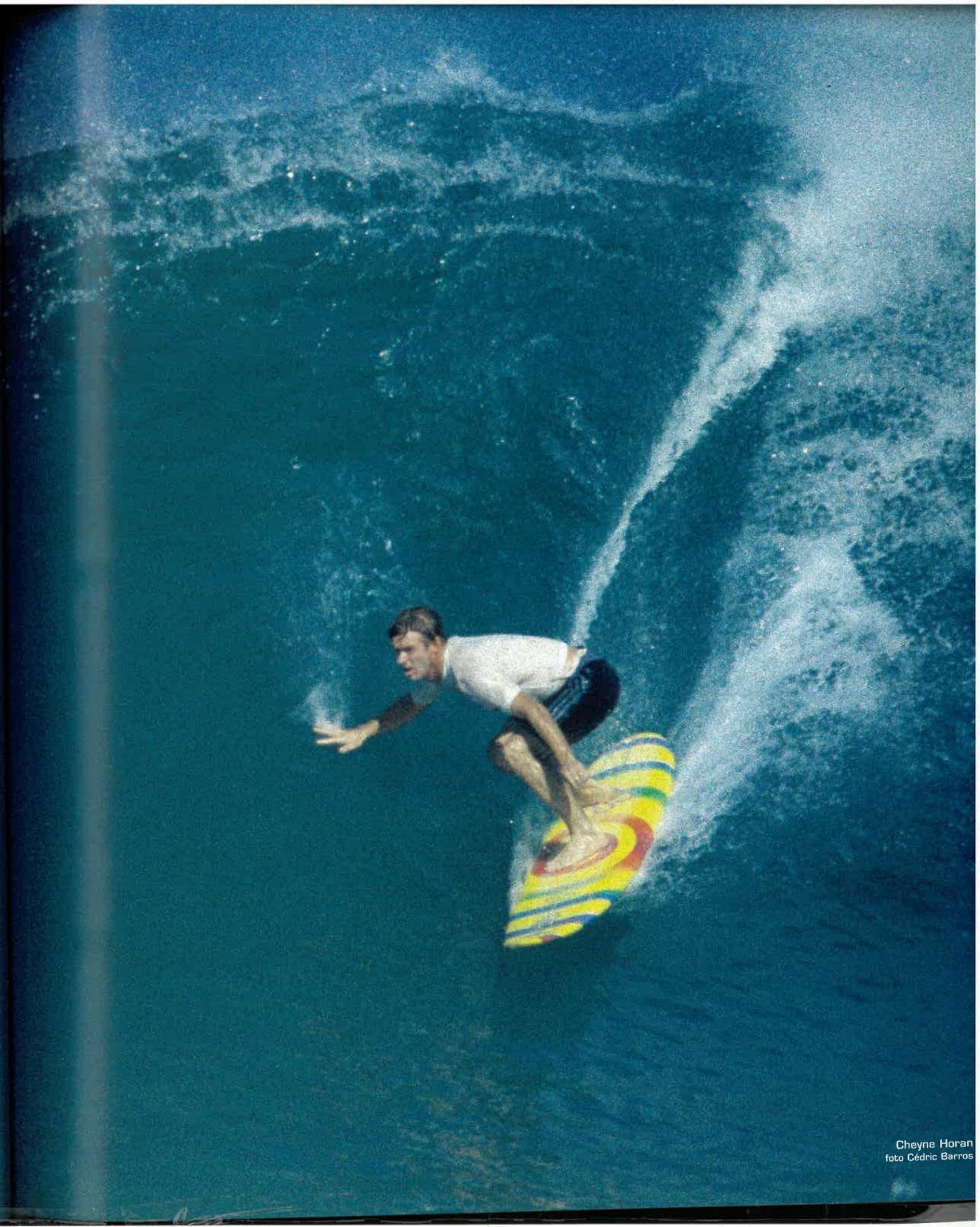
O campeonato que conta com a maior quantidade de lendas vivas do surf é, sem dúvida, o Masters. Uma verdadeira constelação de surfistas, com vários ex-campeões mundiais revivendo seus melhores momentos, nos picos mais clássicos do planeta. Juntar todos esses ícones do esporte, depois de anos afastados das competições, foi uma excelente idéia e uma ótima oportunidade de rever em ação surfistas que gravaram seus nomes na história do surf mundial. Além de ser a única maneira de reviver alguns dos mais importantes duelos do surf moderno.

Com uma atmosfera bem diferente das demais competições, o evento foi idealizado pelo ex-diretor executivo da ASP, o sul-africano Graham Stapelbergh, e já teve cinco edições. Na edição inaugural, em 1997, os masters tiveram a oportunidade de competir em uma das mais perfeitas esquerdas do planeta. Cloudbreak fica na paradisíaca ilha de Tavarua, em Fiji. Na ocasião, o campeonato foi abençoado com ótimas ondas, e o que se viu foi um surf de altíssima qualidade, deixando claro que a idade não tirou a classe desses homens, muito menos o feeling que eles têm pelo mar. O australiano Terry Richardson foi o campeão do primeiro Masters.

Os barreils apimentados de Puerto Escondido, no México, foram o palco do evento no ano seguinte. No Pipeline mexicano, os legends provaram que não perderam o gosto por ondas power, nem o posicionamento dentro dos tubos. O californiano Joey Buran, campeão do Pipe Masters de 1984, ficou com o título da segunda edição.

Nos anos de 99 e 2000, os organizadores escolheram a costa sudoeste da França para sediar o evento. Nos primeiros anos, o campeão era apontado depois do resultado de uma bateria final entre os vencedores das categorias de 36 até 40 e acima de 41 anos. Com pequenas alterações no formato inicial, o evento passou a coroar dois campeões individuais. Um na categoria Masters (de 35 até 43 anos) e outro na Grand Masters (acima de 44 anos).

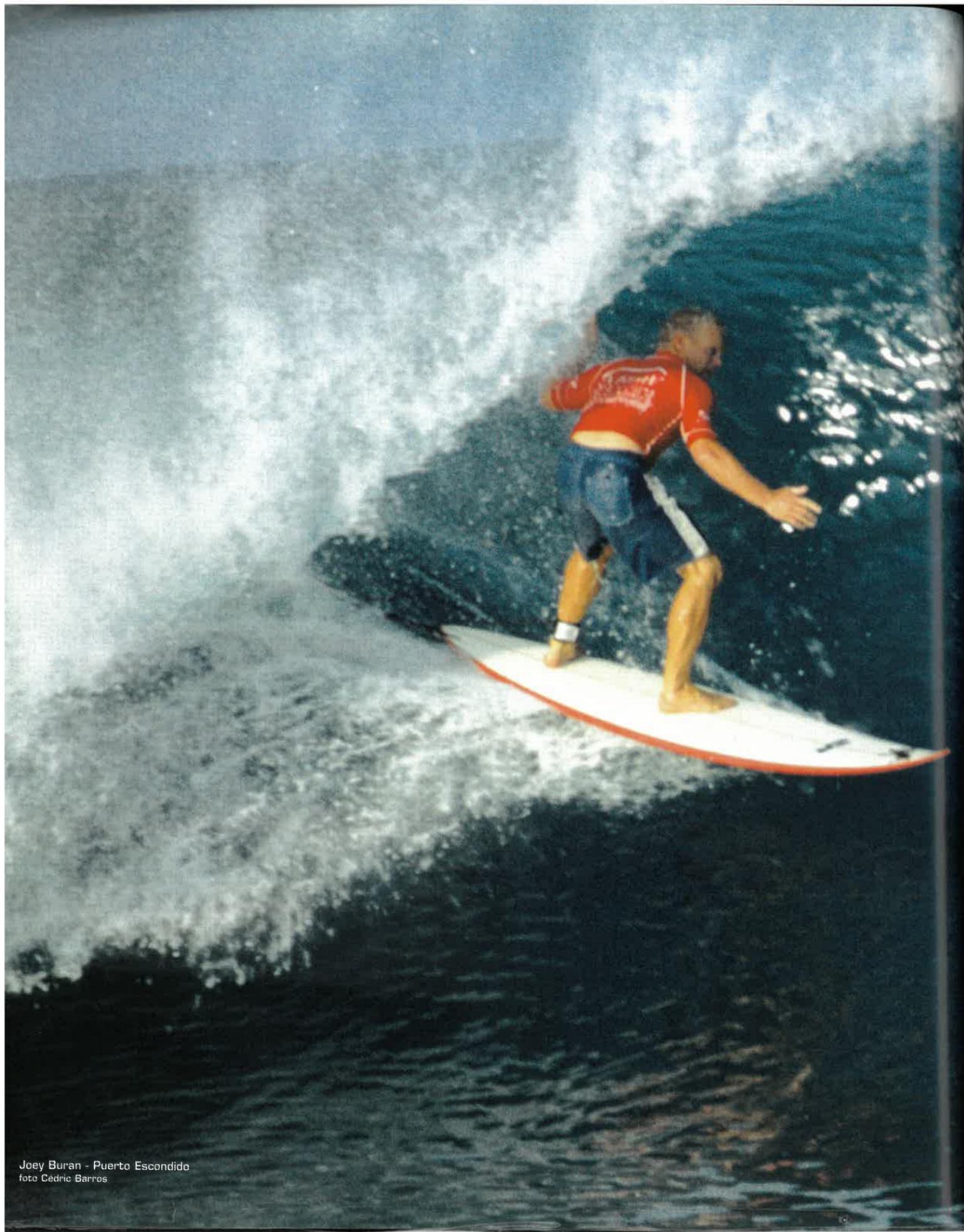
Na estréia do Masters na Europa, os australianos dominaram a competição. Cheyne Horan levou o título na categoria até 43 anos, depois de quatro vice-campeonatos no circuito mundial, enquanto Wayne Bartholomew venceu na categoria Grand Masters, numa final transferida para Anglet devido à falta de ondas em Lafytania. No ano 2000 a competição se repetiu em Lafytania. Desta vez a final contou com boas ondas e coroou dois pesos-pesados do surf mundial: Gary Elkerton bateu Tom Curren numa das melhores finais do Masters, enquanto Micheal Ho, que competira em todas as outras edições, venceu na categoria Grand Masters, derrotando alguns de seus antigos rivais. "Eu nunca tinha vencido o Rabbit nem o Mark Richards em baterias homem a homem. Para mim isso já é uma façanha", declarou Ho após a final.



Cheyne Horan  
foto Cédric Barros



Michael Ho - Cloudbreak  
foto Tim McKenna

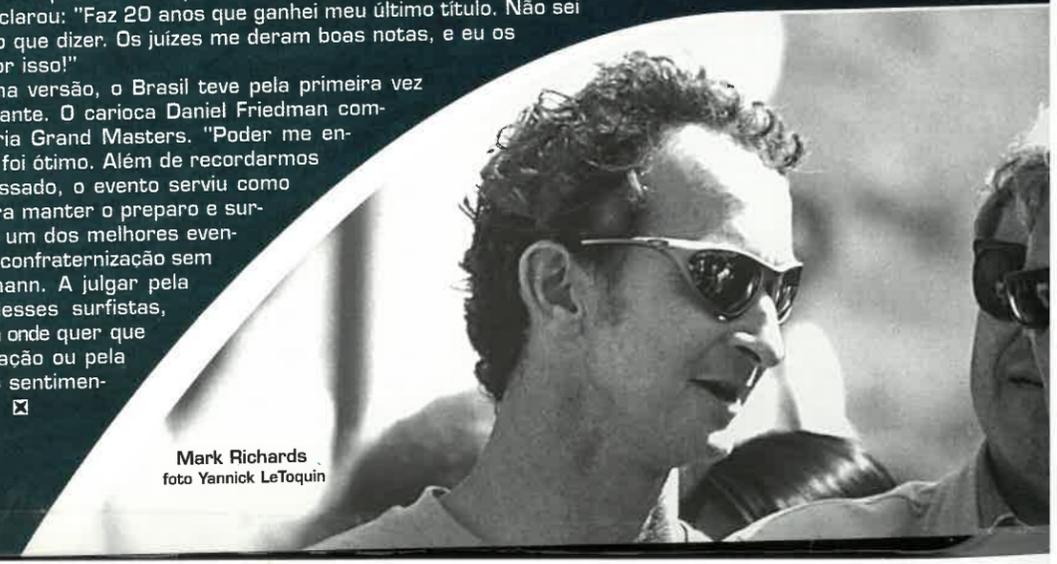


Joey Buran - Puerto Escondido  
foto Cedric Barros

O Masters deste ano foi realizado na Irlanda, e consolidou a ótima fase de Gary Elkerton, que se tornou o primeiro bicampeão da categoria Masters. "Estou pasmo. Vencer no ano passado já foi emocionante para mim; ganhar novamente este ano... eu não estou acreditando!", disse Elkerton, que dedicou o título ao seu sobrinho Taylor e a Mama David (mãe do big rider taitiano Vetea David), que faleceram há pouco tempo.

Surfando com o mesmo instinto e talento que o levaram a conquistar quatro títulos mundiais há cerca de duas décadas, Mark Richards venceu na categoria Grand Masters e conquistou seu quinto título mundial. Durante a premiação, M. R. declarou: "Faz 20 anos que ganhei meu último título. Não sei nem o que dizer. Os juízes me deram boas notas, e eu os adoro por isso!"

Nesta última versão, o Brasil teve pela primeira vez um representante. O carioca Daniel Friedman competiu na categoria Grand Masters. "Poder me encontrar com todos foi ótimo. Além de recordarmos bons episódios do passado, o evento serviu como um grande incentivo para manter o preparo e surfar o máximo possível. Foi um dos melhores eventos de que já participei. Uma confraternização sem precedentes", garantiu Friedmann. A julgar pela motivação e pelo entusiasmo desses surfistas, podemos dizer que eles estarão de volta onde quer que o Masters aconteça, não pela premiação ou pela exposição na mídia, mas sim pelo único sentimento que rege suas almas: surfing forever. ☑



Mark Richards  
foto Yannick LeToquin

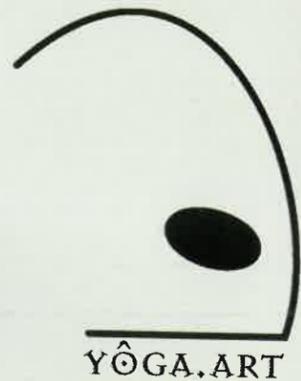


SHRÍ YANTRA

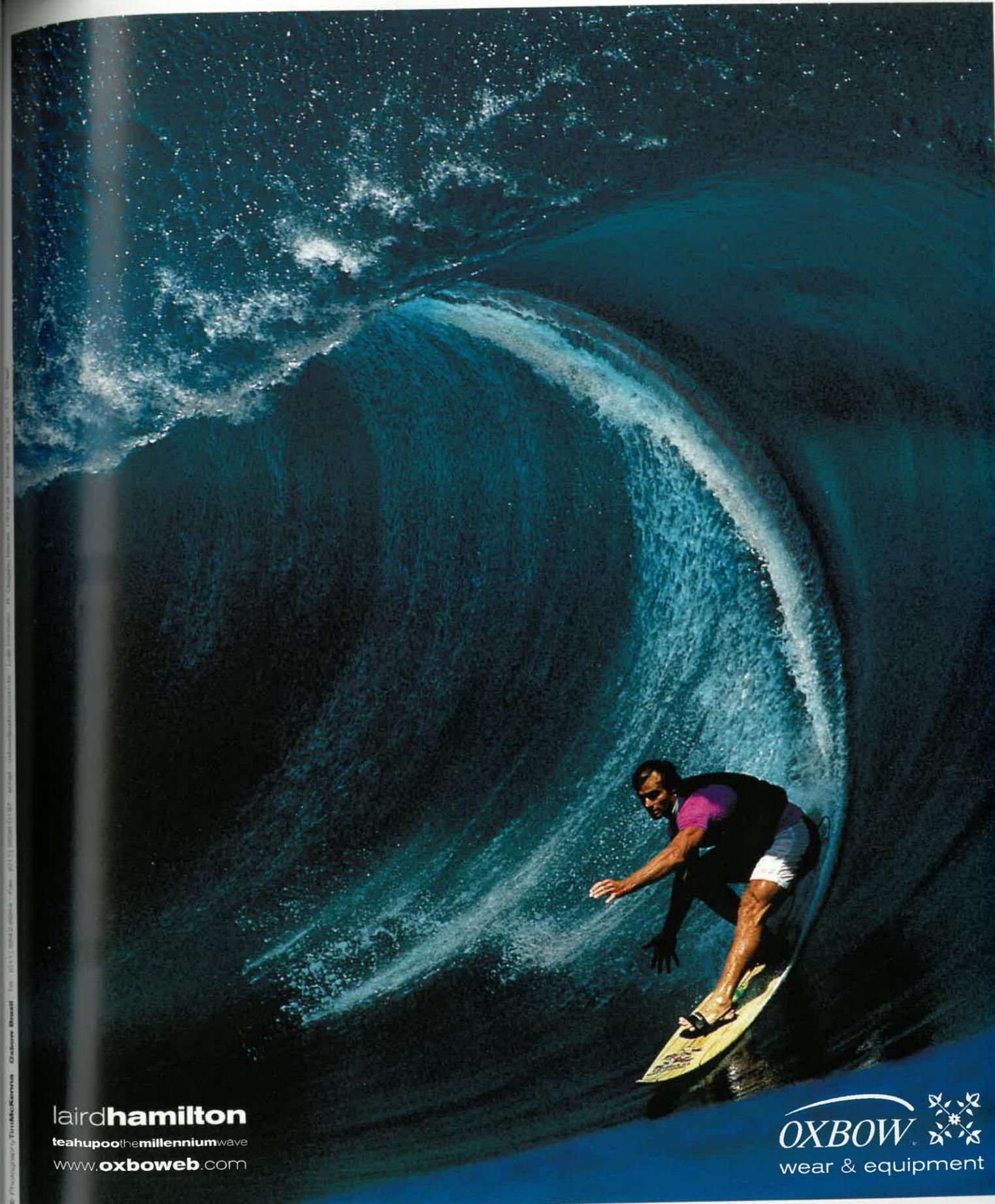
श्री यन्त्र

O yôga é reconhecido, há milênios, como a mais poderosa tecnologia de desenvolvimento do ser humano. Ensina técnicas belíssimas que desencadeiam no praticante uma explosão de saúde, vitalidade, lucidez e criatividade. Venha nos conhecer.

R. Ivorá, 23 / Morumbi / São Paulo - SP (11) 3746.5803  
[www.yoga.art.br](http://www.yoga.art.br)



YÔGA.ART



lairdhamilton

teahupothe millennium wave

[www.oxboweb.com](http://www.oxboweb.com)

OXBOW   
wear & equipment



TEL: (11) 6347 0040

S U N , S U R F A N D S U N D E K



# Performance de estilos

## Pranchas, ondas, surfistas e a evolução do próprio estilo

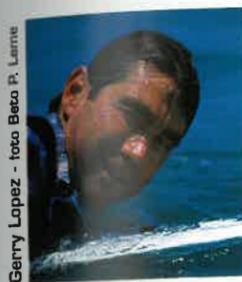
Por Rosaldo Cavalcanti

A evolução do surf está intimamente ligada ao desenvolvimento das pranchas de surf. Ao lado do surfista e da onda, as pranchas formam o que gosto de chamar de a santíssima trindade do surf: onda, surfista e prancha. Amém! Não existe surf sem a presença de uma dessas três figuras. Entre elas, as ondas foram as que menos mudaram com o passar dos tempos. Continuam as mesmas de todo o sempre, gozam de uma perfeição natural e não carecem de refinamento. Por sua vez, os surfistas e os seus diferentes estilos de surfar vêm evoluindo através dos anos graças ao progresso dos seus equipamentos. A evolução de um está diretamente ligada ao progresso do outro. Se no começo dos tempos os surfistas se contentavam em ficar de pé e assim se manter pelo maior tempo possível, aos poucos fomos descobrindo novas e mais arriscadas maneiras de surfar as ondas. Inicialmente as pranchas não ajudavam muito. Podiam medir cerca de 5 metros de comprimento e pesar mais de 40 quilos. Algo que mais parecia um minicarro do que uma prancha de surf. Obviamente, os surfistas dessa época estavam limitados em termos de manobras. Com um equipamento tão rudimentar ninguém era capaz de tentar nada além de apenas deslizar sobre as ondas... A primeira manobra foi andar sobre a própria prancha. Aproveitando as longas dimensões de suas tábuas, os surfistas passaram a caminhar em direção ao bico, criando assim o nose riding e suas mais primitivas variações: o hang five e o hang ten - duas manobras que marcaram época e ditaram o estilo e o comportamento dos surfistas num determinado momento.

Mesmo com tantas limitações tecnológicas, o prazer de surfar sempre foi algo especial. Não importavam as dificuldades enfrentadas. A sensação que se experimenta ao deslizar sobre o oceano sempre justificou qualquer sacrifício. No começo, até chegar na praia era difícil. Principalmente na hora de carregar a prancha. Com um peso e um tamanho desproporcionais para os padrões atuais, antigamente eram necessários pelo menos três surfistas sarados para arrastar a prancha até a beira do mar. Foi apenas depois da evolução de novos modelos, que com o passar do tempo se tornaram menores e bem mais leves, que o surf pôde enfim se tornar um esporte mais popular e essencialmente individual.



Foto: Beto P. Leme



Gerry Lopez - foto Beto P. Leme

Cada surfista tem um estilo próprio. E mesmo que muitos deles tentem copiar seus maiores ídolos, nunca vai existir um clone perfeito. Enquanto estão surfando, os surfistas são reconhecidos pelos seus diferentes estilos, uma forma pessoal de manter o equilíbrio sobre a prancha enquanto se evolui nas paredes das ondas. É possível distinguir um surfista de longe apenas pelo seu estilo. O californiano Phil Edwards ficou conhecido como um dos primeiros e maiores estilistas da história do surf. Edwards tinha uma técnica e uma maneira toda peculiar de surfar. Executava todos os seus movimentos com muita graça, perfeição e total controle da situação. Depois dele, vários outros surfistas entraram para a história por uma questão de estilo. Nomes como Jeff Hakman, Barry Kanaiaipuni e Reno Abbelira marcaram época e ajudaram a forjar o chamado "estilo havaiano". Porém, nenhum outro surfista havaiano ficou conhecido por ser um mestre do estilo como Gerry Lopez. Seu nome e sua biografia estão intimamente ligados à cultura do surf. Lopez é um dos mais influentes surfistas de todos os tempos e um dos maiores ícones da nossa tribo. Porém, não teria sido capaz de revolucionar as técnicas de entubar (tube riding techniques) e de escrever seu nome nos anais da história do surf moderno se não tivesse contado com suas Pipeline guns. Ainda hoje, alguns surfistas como o jovem, talentoso e revolucionário Joel Tudor, um dos mais influentes surfistas da atualidade, garantem que os modelos de pranchas usados por Lopez no começo dos anos 70 chegaram perto da perfeição: "Se você analisar os outlines, vai reparar que eles foram desenhados para andar por dentro dos tubos. Essas pranchas eram máquinas de entubar", garante Joel.

Os havaianos dominaram o surf mundial durante a primeira metade da década de 70. Nessa época, o estilo havaiano era o que existia de mais moderno no planeta surf. Depois de Hakman, Kanaiaipuni, Abbelira e do mestre Lopez, uma nova geração havaiana surgiu, embalada pelas idéias revolucionárias de um shaper chamado Ben Aipa. O nome Aipa estará eternamente ligado a um modelo de prancha, a stinger, que ele ajudou a desenvolver e a popularizar. Aipa também foi o responsável pelo surgimento de uma nova geração havaiana. Liderada por um dos mais dinâmicos e criativos surfistas de todos os tempos: Larry Bertleman. O "homem-borracha" Bertleman tinha um estilo todo próprio e dinâmico de surfar. Suas manobras eram diferentes das executadas pelos demais surfistas, enquanto a ênfase do seu surf não estava limitada às ondas grandes. Uma espécie de must na época. Pipeline, Sunset e Waimea foram as grandes arenas do surf até o começo dos anos 70, quando Larry Bertleman apareceu para modificar esse cenário. Ele foi provavelmente o primeiro a surfar a parte branca (espuma) das ondas através de manobras radicais e cheias de estilo. Seus tubos e cut backs em picos como Velzyland, Pupukea e OTW estabeleceram novos parâmetros e abriram as portas da percepção para muitos shapers e surfistas. Bertleman mostrou que havia um caminho diferente a ser trilhado, e acabou sendo idolatrado por mais de uma geração. Sua influência não ficou restrita aos limites das ilhas havaianas. Graças aos filmes e às revistas de surf da época, seu nome se tornou conhecido e seu estilo, imitado no mundo inteiro. Alguns surfistas havaianos cresceram no vácuo do guru Bertleman. Nomes como Mark Lidell e Buttons Kalikiukahane são



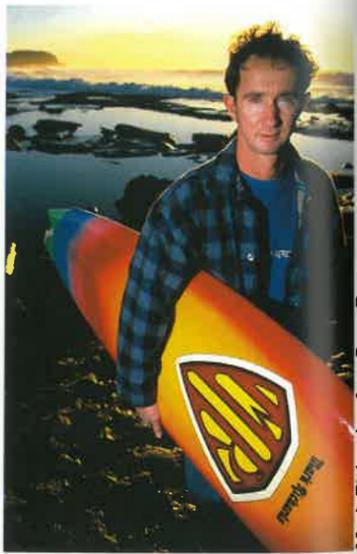




Eduardo Chalita, São Conrado, meados de 2001. Experimentando um modelo de prancha dos anos 70 nos tubos cariocas.

dois exemplos clássicos. Ambos foram altamente inspirados pelo estilo irreverente e criativo de Bertleman. Uma espécie de marca registrada. "Era como se ele estivesse nos guiando por uma nova trilha, onde tudo era diferente e mais livre. Larry foi nosso grande mestre", garante Buttons.

Na segunda metade da década de 70 os australianos arrombaram a porta. Competitivos ao extremo e dispostos a fazer fama, um bando de aussies chegou ao North Shore de Oahu com uma idéia fixa na cabeça. "Nós não tínhamos outra opção: era dropar a maior de todas ou voltar para casa como um João-Ninguém e nenhum dinheiro no bolso", explica Wayne Rabbit Bartolomew, campeão mundial de 1978 e um dos líderes dessa geração de australianos que acabou sacudindo os alicerces do establishment havaiano. Rabbit e sua turma de psicopatas australianos, que contava com nomes como Ian "Kanga" Cairns, Peter Towned, Collin Smith, Mark Richards e Simon Anderson, enfrentaram com disposição e muita determinação não só as fortes ondas havaianas, mas também os próprios havaianos, que tentaram de todas as formas intimidar os haoles australianos. "Nosso equipamento era a coisa mais importante da nossa vida. Podíamos até não ter dinheiro para comer ou alugar uma casa boa para dormir, mas nossas pranchas tinham que ser as melhores", lembra Rabbit, verdadeiro sobrevivente de uma era em que os patrocínios e as boas premiações em dinheiro ainda não passavam de um sonho distante. Usando pranchas esculpidas pelos melhores shapers da época, Rabbit e sua gangue puseram fim ao reinado absoluto dos havaianos, mesmo tendo que tomar muita porrada das ondas e dos próprios havaianos. O estilo australiano era mais agressivo, extremamente competitivo, e representou a evolução dos padrões naquele momento. Algo que incomodou os havaianos, que de uma hora para a outra se viram destronados por um bando de haoles famintos pela fama e pela oportunidade de trilhar uma carreira profissional. Rabbit e sua geração de sonhadores foram os verdadeiros bandeirantes do profissionalismo no surf.



Mark Richards - foto Sean Davey

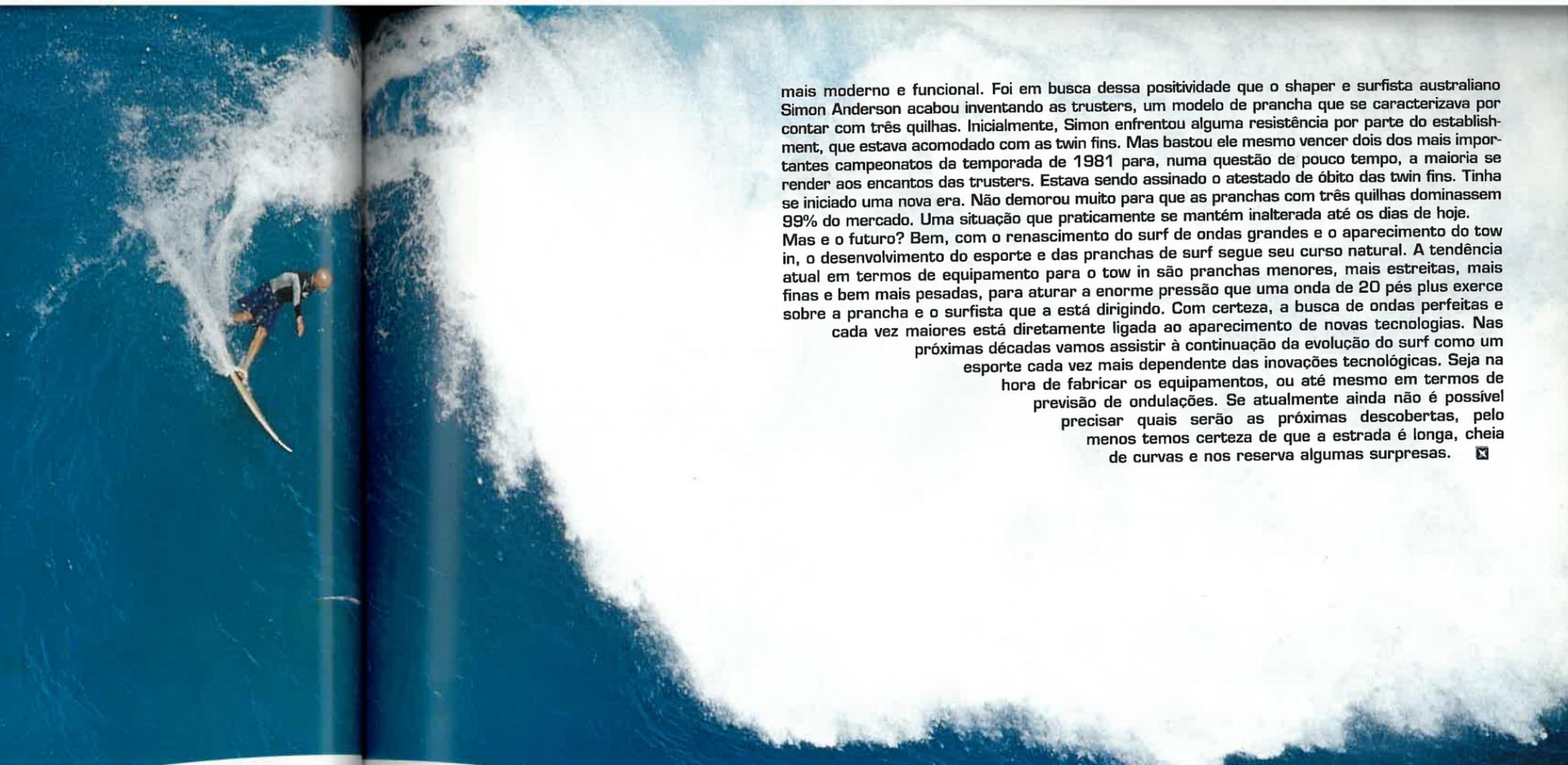


Com o nascimento do circuito mundial, as competições passaram a ser disputadas em diferentes locais do mundo. Aos poucos, o Hawaii e as ondas havaianas deixaram de ser o único lugar onde os surfistas disputavam o título de melhor do mundo. Com a maior parte das etapas do World Tour sendo realizadas em ondas pequenas, o foco em termos de performance foi definitivamente mudado. Conseqüentemente, os modelos de pranchas evoluíram numa nova direção. Com o circuito mundial oferecendo cada vez mais prêmios em dinheiro e prometendo viabilizar o sonho do profissionalismo, inicialmente os melhores surfistas do planeta não se importaram em competir em ondas menores e piores do que as havaianas. Nessas condições, a qualidade do equipamento mais uma vez ditou os novos padrões. As pranchas passaram a ser menores e mais leves, uma forte tendência no começo dos anos 80.

As bi-quilhas já haviam sido inventadas há mais de 10 anos, mas depois que o australiano Mark Richards venceu quatro títulos mundiais consecutivos, o mundo todo passou a copiá-lo. As bi-quilhas, ou twin fins, foram popularizadas por Mark Richards e se tornaram uma febre entre 1979 e 1982. As twin fins eram um modelo de prancha que, ao contrário das guns havaianas, tinha duas quilhas em vez de apenas uma. As bi-quilhas eram mais rápidas que as single fin, mas também tinham suas limitações, principalmente na hora de executar curvas mais radicais. Nesses momentos, lhes faltava uma maior positividade. De qualquer maneira, elas reinaram durante um bom período de tempo, até que alguém conseguisse desenvolver algo

mais moderno e funcional. Foi em busca dessa positividade que o shaper e surfista australiano Simon Anderson acabou inventando as trusters, um modelo de prancha que se caracterizava por contar com três quilhas. Inicialmente, Simon enfrentou alguma resistência por parte do establishment, que estava acomodado com as twin fins. Mas bastou ele mesmo vencer dois dos mais importantes campeonatos da temporada de 1981 para, numa questão de pouco tempo, a maioria se render aos encantos das trusters. Estava sendo assinado o atestado de óbito das twin fins. Tinha se iniciado uma nova era. Não demorou muito para que as pranchas com três quilhas dominassem 99% do mercado. Uma situação que praticamente se mantém inalterada até os dias de hoje.

Mas e o futuro? Bem, com o renascimento do surf de ondas grandes e o aparecimento do tow in, o desenvolvimento do esporte e das pranchas de surf segue seu curso natural. A tendência atual em termos de equipamento para o tow in são pranchas menores, mais estreitas, mais finas e bem mais pesadas, para aturar a enorme pressão que uma onda de 20 pés plus exerce sobre a prancha e o surfista que a está dirigindo. Com certeza, a busca de ondas perfeitas e cada vez maiores está diretamente ligada ao aparecimento de novas tecnologias. Nas próximas décadas vamos assistir à continuação da evolução do surf como um esporte cada vez mais dependente das inovações tecnológicas. Seja na hora de fabricar os equipamentos, ou até mesmo em termos de previsão de ondulações. Se atualmente ainda não é possível precisar quais serão as próximas descobertas, pelo menos temos certeza de que a estrada é longa, cheia de curvas e nos reserva algumas surpresas. ☒



Kelly Slater o surfista mais conhecido do planeta na virada do milênio, experimentando a última novidade no mundo do surf: tow in. - foto Sean Davey

# ALOHA SHEENA

Por Rômulo Fonseca

O carioca Fernando "Sheena" Ribeiro chegou ao Hawaii no final da década de 80 realizando seu sonho de infância. Com apenas 20 anos, mas uma considerável bagagem como shaper, ele foi à luta, estabelecendo uma ótima reputação dentro e fora d'água. Suas performances em Pipeline foram registradas em várias fotos na mídia. Há cerca de 5 anos ele conheceu a brasileira Adriana e casou-se com ela. Eles eram um exemplo de casal feliz para toda a comunidade. Há cerca de três anos "Sheena" associou-se a Jim Richardson, proprietário da Surf Flight Hawaii, para a produção das inovadoras pranchas flexíveis e macias que o professor da Universidade do Hawaii desenvolveu. O seu entusiasmo pelas pranchas o levou a somente surfar com os modelos Surf Flight, e a sua ajuda na construção da fábrica em Haleiwa/Waialua foi de valor inestimável. Infelizmente, no dia de seu acidente fatal, "Sheena" não estava usando um de seus próprios modelos de Kite Surf Flight, o que provavelmente teria salvado sua vida.

Sempre ligado à evolução do esporte, e devido a uma contusão no ombro que prejudicava sua remada, "Sheena" deixou Pipeline um pouco de lado e nos últimos invernos passou a se dedicar ao tow in e ao kite surfing. Ele surfou de tow in todos os swells gigantes do último inverno havaiano e recentemente teve uma foto sua publicada na revista americana *Surfer's Journal* em uma onda gigante. Sem dúvida alguma, o surf mundial e o Brasil perderam um dos grandes expoentes deste esporte. ☒

Homenagem de Alma Surf ao nosso querido amigo.

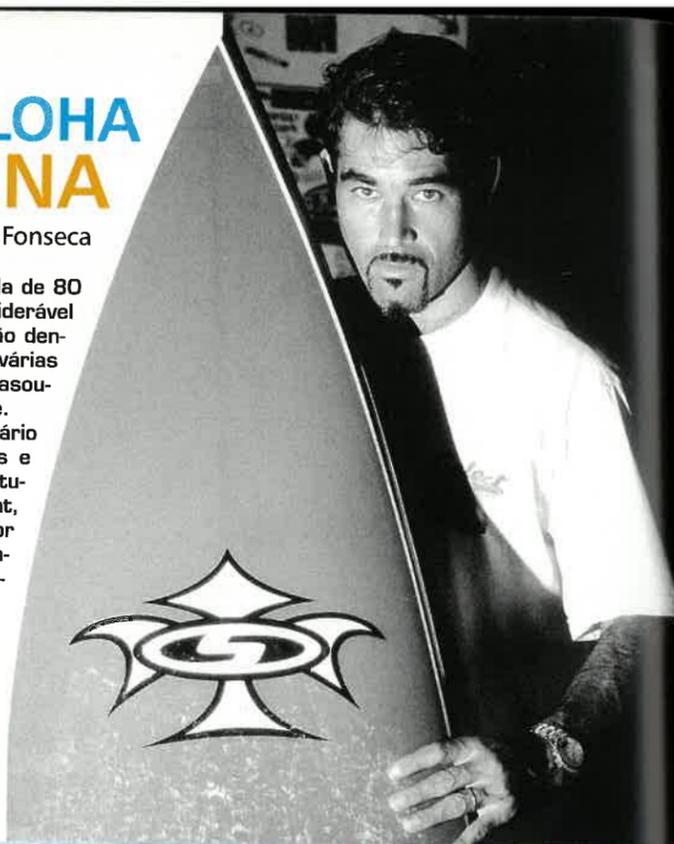


Foto: Sean Drury

## Shenna

★ 1968

† 2001

do mar ...  
pro mar ...  
no mar ...

... plenamente livre num mar sem l

Local Motion 

# Uma nova era do surf feminino no Brasil

Por Deborah Farah

Ao contrário do que acontecia nas décadas passadas, hoje o surf já é um esporte reconhecido em nosso país, com grande destaque e um espaço na mídia cada vez maior.

Graças a Deus! Agora estamos colhendo os frutos de uma batalha que teve início nos anos 70, quando os surfistas pegavam onda puramente pelo amor ao esporte. E pelo companheirismo e união predominantes nessa época – que eram o combustível para mantê-los sempre em busca de seus ideais.

Os anos passaram e os tempos mudaram. A cada geração de surfistas, novos horizontes foram sendo conquistados. Eu, que comecei a surfar no início dos anos 90, há exatamente uma década, acompanhei de perto uma fase radical dessa batalha. Principalmente no que diz respeito ao surf feminino. Quando comecei, fazia apenas uns três anos que o esporte havia se profissionalizado no Brasil – apenas para os homens, pois mulheres surfistas no Brasil eram uma espécie rara.

Nos meus primeiros anos, me aventurava em alguns campeonatos locais amadores, só por diversão. Mas na categoria feminina, a gente já entrava na final direto, pois só havia quatro ou cinco competidoras. De vez em quando, em campeonatos de nível estadual, dava para formar duas semifinais, com quatro competidoras cada. Às vezes, tínhamos que sair pela praia catando meninas para participar. Isso foi em meados dos anos 90.

Quando as cariocas começaram a participar do circuito paulista amador, em 1997, tudo mudou. Com a presença de surfistas experientes como Andréa Lopes e Brigitte Mayer no circuito, o nível técnico das atletas foi aumentando gradativamente, da

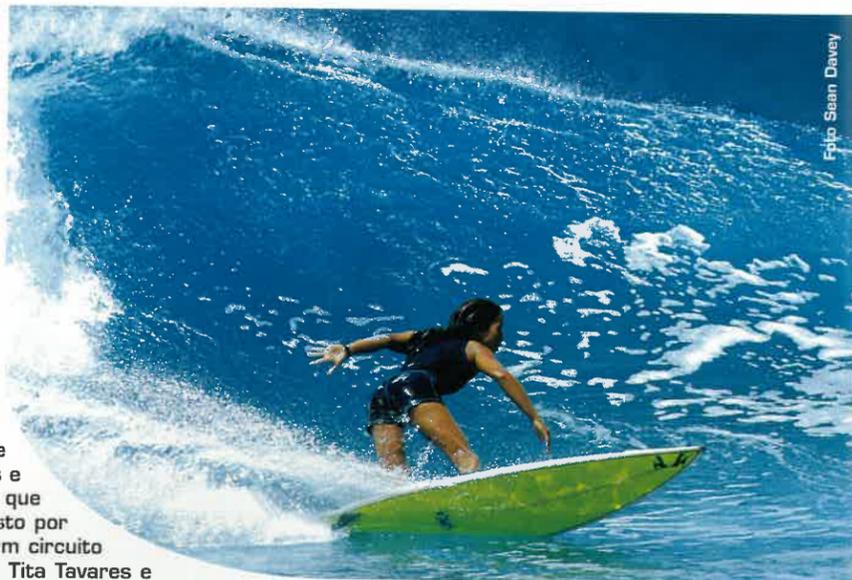
mesma forma que a competitividade. E assim as coisas foram evoluindo e melhorando, uma vez que crescia o interesse dos patrocinadores e da mídia em relação ao surf feminino. Paralelamente a isso, as surfistas Jacqueline Silva, de Santa Catarina, e Tita Tavares, do Ceará, estreavam no circuito mundial.

Em 1997, conquistei o primeiro título profissional da categoria. Em 98, foi realizado o primeiro campeonato e também o primeiro circuito exclusivamente feminino, composto por três etapas. Era o Festival Surf Trip de Surf Feminino, vencido por Brigitte Mayer. Em 99, quem levou o circuito e, conseqüentemente, o título brasileiro foi Andréa Lopes. Enquanto isso, Tita e Jacque estreavam no WCT.

Mas foi na virada do milênio que veio a maior de todas as mudanças: o Supersurf. Criado nos moldes do circuito mundial, fechado para os 44 melhores surfistas do masculino e para as 15 melhores surfistas do feminino, o Supersurf corresponde à primeira divisão do circuito brasileiro profissional, enquanto o Supertrials corresponde à divisão de acesso. Graças ao esforço dos organizadores e ao investimento da Abril Eventos e de outras empresas que acreditam no esporte, o surf finalmente decolou. Composto por seis etapas e com premiações nunca antes oferecidas num circuito nacional, o Supersurf brilhou em seu primeiro ano, tendo Tita Tavares e Peterson Rosa como os grandes campeões brasileiros de 2000.

E o país também segue muito bem representado no exterior, principalmente por Tita e Jacque, que estão cada vez mais perto do título mundial de surf feminino. Já na disputa pelo título nacional, a briga maior está entre Juliana Guimarães e Andréa Lopes, ambas do Rio de Janeiro. A grande decisão será na última etapa, em Imbituba (SC), entre os dias 5 e 11 de novembro. De qualquer forma, quem sai ganhando somos todos nós, surfistas profissionais, graças a uma batalha iniciada nos anos 70, mas que ainda não terminou. A luta por espaço, retorno e reconhecimento continua! ☒

Último texto escrito por Deborah. Uma homenagem da Alma Surf a essa grande representante do surf feminino brasileiro.



ESSA É SUA PRAIA...



CENTRAL DE VENDAS (11) 66062968 - 66060270

# O BIG TRIP FAZ HISTÓRIA.

Depois de três edições excepcionalmente bem sucedidas, os principais objetivos foram alcançados. A valorização daqueles que encontram no surf não somente uma atividade esportiva ou um estilo de vida, mas uma forma sofisticada de discutir a existência, de lidar com alguns dos mais intrigantes aspectos da vida humana como a integração com o planeta, os limites físicos e espirituais e até a própria morte.

**R\$ 30.000 PARA QUEM SURFAR A MAIOR ONDA E R\$ 5.000 PARA QUEM FOTOGRAFAR.**

Atletas, fotógrafos, cinegrafistas e membros da mídia podem solicitar fichas de inscrição, regulamento ou informações pelo (11) 3081.4511, com Camila ou Ana Paula Wehba.



**BIG TRIP 2002**  
A maior premiação individual do surf brasileiro

**ROXY: FAÇA O SEU PEDIDO E RECEBA EM CASA**

## COLARES

COLAR CÔCO COM METAL • R\$ 16,00 • REF. CM01

COLAR RABO DE RATO • R\$ 26,00 • REF. CP802

COLAR BOLA 8 mm • R\$ 32,00 • REF. C108

COLAR METAL • R\$ 26,00 • REF. CM03

COLAR STRASS • R\$ 26,00  
REF. CV21

**LOVE**

COLAR STRASS • R\$ 26,00  
REF. CV20

COLAR DUPLO OU CORRENTE DE BARRIGA COM 90 cm • R\$ 16,00 • REF. CV14

COLAR METAL COM MISSANGAS • R\$ 26,00 • REF. CV02

## PINGENTES EM PRATA 925 COM BARBANTE PRETO ENCRADO

BAILARINA HULA  
R\$ 12,00  
REF. P23

PRANCHA  
R\$ 26,00  
REF. P29

TUBO  
R\$ 20,00  
REF. P07

MENINA SURFANDO  
R\$ 20,00  
REF. P09

RABO DE BALEIA  
R\$ 12,00  
REF. P04

SKATE  
R\$ 26,00  
REF. P31

## ANÉIS EM PRATA 925 [VÁRIOS TAMANHOS]

ANEL MANTRA  
(TAM. ÚNICO)

R\$ 32,00 • REF. 196

R\$ 16,00 • REF. 474

R\$ 26,00 • REF. 484

R\$ 32,00 • REF. 448

R\$ 32,00 • REF. 398

R\$ 16,00 • REF. 484

## ANÉIS DE PÉ EM PRATA 925 [TAMANHO ÚNICO]

R\$ 16,00  
REF. 497

R\$ 12,00  
REF. 500

R\$ 12,00  
REF. 494

R\$ 16,00  
REF. BR05

R\$ 16,00  
REF. BR10

R\$ 26,00  
REF. BR13

R\$ 16,00  
REF. BR10

## CHAVEIROS

CHAVEIRO HAWAII  
R\$ 8,00 • REF. CH08

CHAVEIRO PRANCHA  
(TAMANHO: 11 cm)  
R\$ 12,00 • REF. PR01

## GANHE UM BRINDE

Caso você queira receber um adesivo holográfico da Roxy, entre em nosso site ou escreva para nós.



NAS MELHORES SURF SHOPS DO BRASIL

VISITE NOSSA LOJA NA INTERNET: [WWW.ROXYSHOP.COM.BR](http://WWW.ROXYSHOP.COM.BR)

Como comprar: envie seu pedido para Roxy Man e Com. ME / Caixa postal: 71536 / CEP: 05020-970 / São Paulo-SP, com seus dados completos (nome, end., CEP, tel.). Coloque no pedido todas as referências e o valor total da compra acrescido das despesas postais. **Atenção:** para saber o tamanho do seu anel, entre no site [www.roxyshop.com.br](http://www.roxyshop.com.br) ou procure a joalheria mais próxima. **Pedido Mínimo:** R\$ 60,00. **Despesas postais:** R\$ 10,00. **Formas de pagamento:** você pode enviar com seu pedido um cheque nominal a Roxy ou apenas enviar o pedido e receber em sua casa um boleto para pagamento bancário. Assim que o cheque for

compensado ou o boleto quitado, você receberá sua encomenda num prazo de 10 a 15 dias úteis. Você também receberá esses e outros produtos Roxy nas melhores Surf Shops do Brasil (confira lista de endereços no nosso site).

Loja 1: Rua Aimberê, 1158 • Perdizes • São Paulo-SP • (11) 3865-7728

Loja 2: Rua Morato Coelho, 1100 • Vila Madalena • São Paulo-SP • (11)



Agradeça ao Senhor  
pelo mar, pelas ondas e,  
principalmente, pelos  
feriados religiosos.



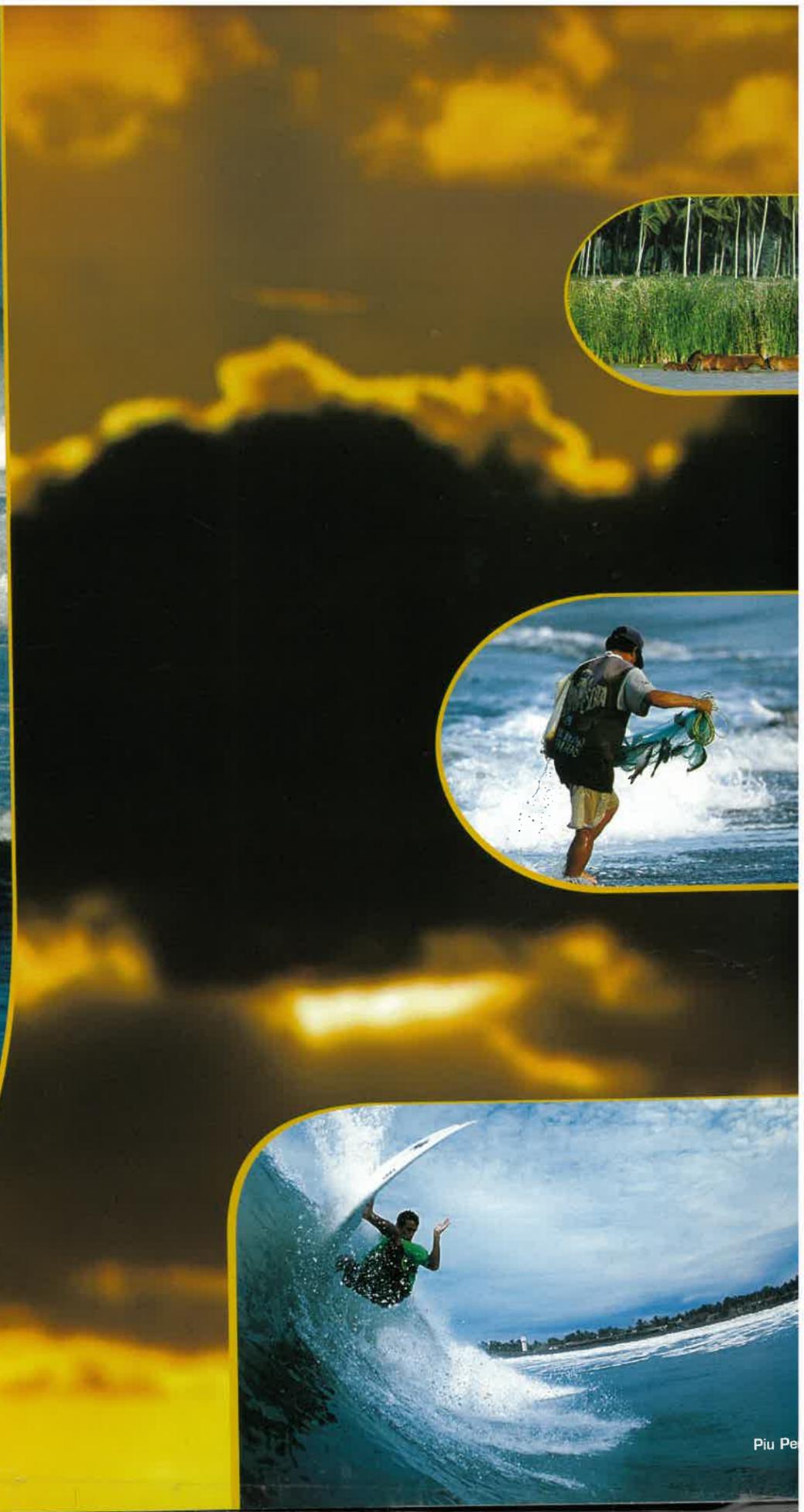
0 71062 5164

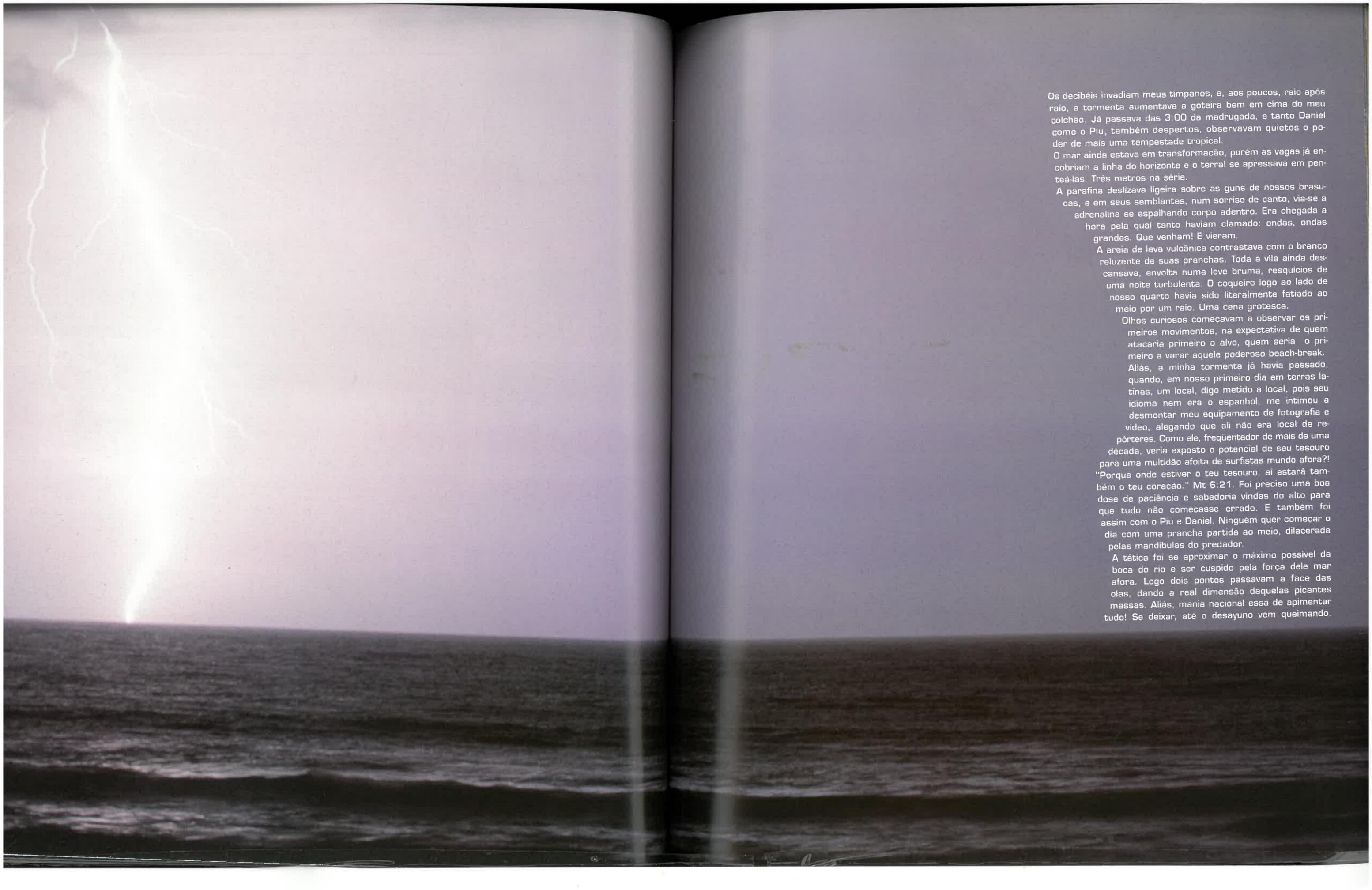


# Surf secreto

A emoção e o prazer de surfar ondas desconhecidas fazem do surf secreto uma magia que só os ousados conhecem.

Fotos e texto Motaury





Os decibéis invadiam meus tímpanos, e, aos poucos, raio após raio, a tormenta aumentava a goteira bem em cima do meu colchão. Já passava das 3:00 da madrugada, e tanto Daniel como o Piu, também despertos, observavam quietos o poder de mais uma tempestade tropical.

O mar ainda estava em transformação, porém as vagas já encobriam a linha do horizonte e o terral se apressava em penteá-las. Três metros na série.

A parafina deslizava ligeira sobre as guns de nossos brasucas, e em seus semblantes, num sorriso de canto, via-se a adrenalina se espalhando corpo adentro. Era chegada a hora pela qual tanto haviam clamado: ondas, ondas grandes. Que venham! E vieram.

A areia de lava vulcânica contrastava com o branco reluzente de suas pranchas. Toda a vila ainda descansava, envolta numa leve bruma, resquícios de uma noite turbulenta. O coqueiro logo ao lado de nosso quarto havia sido literalmente fatiado ao meio por um raio. Uma cena grotesca.

Olhos curiosos começavam a observar os primeiros movimentos, na expectativa de quem atacaria primeiro o alvo, quem seria o primeiro a varar aquele poderoso beach-break. Aliás, a minha tormenta já havia passado, quando, em nosso primeiro dia em terras latinas, um local, digo metido a local, pois seu idioma nem era o espanhol, me intimou a desmontar meu equipamento de fotografia e vídeo, alegando que ali não era local de repórteres. Como ele, frequentador de mais de uma década, veria exposto o potencial de seu tesouro para uma multidão afoita de surfistas mundo afora?! "Porque onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração." Mt 6:21. Foi preciso uma boa dose de paciência e sabedoria vindas do alto para que tudo não começasse errado. E também foi assim com o Piu e Daniel. Ninguém quer começar o dia com uma prancha partida ao meio, dilacerada pelas mandíbulas do predador.

A tática foi se aproximar o máximo possível da boca do rio e ser cuspidor pela força dele mar afora. Logo dois pontos passavam a face das olas, dando a real dimensão daquelas picantes massas. Aliás, mania nacional essa de apimentar tudo! Se deixar, até o desayuno vem queimando.





Daniel Miranda

Dizem que, para a cultura maia, a pimenta, mais que um tempero, é uma "força espiritual". E que ninguém duvide disso! E assim foram os drops naquela manhã: picantes, extremos. Tudo havia sido minuciosamente registrado, para depois ser devidamente camuflado, afinal era a minha palavra no fio do bigode. E com palavra não se brinca. "Para sempre, ó Senhor, a tua palavra está firmada nos céus." Sl 119:89.

Foi quando um gentil fotógrafo gringo, diferentemente de seu compatriota, sugeriu: "Por que vocês não descem para o final da praia, pois no final dela o mar está menor e rodando mais que aqui?" Acabamos optando por ir de carro no dia seguinte, já que a caminhada de volta, sob um sol escaldante de mais de 35 graus sobre aquela "lava" incandescente, não seria fácil. Não seria ali que eu me lembraria dos meus pecados. "Porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna..." Rm 6:23. Logo cedo enfiei toda a parafernália no auto e seguimos por alguns quilômetros até encontrarmos a ponte pela qual passaríamos ao outro lado da margem. E qual não foi nossa surpresa ao nos depararmos com uma placa que dizia: EL PARAISO.

Aliás, você já notou que todos, assim creio, estão em busca do paraíso. Do seu paraíso. Cada um trilha seu próprio caminho em busca daquilo que se chama felicidade, combustível motriz da alma humana. A busca é pessoal. "The search" é pra valer, e com a tribo do surf não é diferente. Pois então, estaríamos mais perto daquilo que nosso inconsciente coletivo de surfistas nos coloca: ondas perfeitas, sol e ninguém na água além dos amigos? A resposta estava em nosso caminho, na verdade a pouquíssimos metros, na forma materializada de um pico para os dois lados, com baforada e tudo mais. Daniel e o Piu partiram. Partiram para seu paraíso pessoal, paraíso tropical, paraíso temporal.

Nos dias que se seguiram, freqüentamos o paraíso diversas vezes. É lógico que não haveria de estar desabitado, porém eram poucas almas, e todas elas se respeitando. Afinal, não seria isso o paraíso na terra? "Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; e porque estreita é a porta, e apertado o caminho que conduz à vida, poucos são os que a encontram." Mt 7.13:14.

Na verdade os "salões" eram largos o suficiente para a perdição de qualquer mortal. Lips colossais debruçavam sua força a pouco mais de 1 metro de profundidade, sobre uma areia tão compactada que mais parecia um cimento.

Foram tantos tubos, que talvez pudesse entrar para o *Guinness Book*.

E assim passamos nossas duas semanas. Descobrimo um pouco mais de nós mesmos, buscando nossos paraísos. Redefinindo conceitos. Fazendo muitos amigos, numa longínqua terra latina onde os hermanos muito bem nos acolheram. Tornando a vida mais digna nestes finais de tempo. Afinal; o paraíso é para poucos... ☒



**infiniit**

MODEL: SIR M. [INFINITNET.COM](http://INFINITNET.COM) DAISSON PEREIRA

[info@infiniit.com](mailto:info@infiniit.com) 40 3224 1034

11'



# tamanho

6'6"

não é documento

não precisa roubar é free

A 1ª revista de bolso do Brasil

# VENTICE

sexoesporteculturamodamúsicamag

Diferente até no tamanho

5\*



Prancha *gun* para ondas até 30' [pés]

Prancha *tow in* para ondas a partir de 30' [pés]

ZODI DESIGN

# Lightning Bolt



## Hawaii Spirit



## Surfboards Tradition

More than 20 years of Surf



www.lightningbolt.com.br

Tel.: (11) 3849.5089

Fax: (11) 3842.4212

Assim como os pássaros que migram para o sul durante o inverno,

os surfistas estão em constante êxodo em busca da onda perfeita.

Por Rosaldo Cavalcanti

# Êxodo



Os surfistas formam uma das últimas tribos nômades deste planeta. Por isso estamos sempre nos movimentando. Um êxodo interminável. De norte a sul. De leste a oeste. Para nós, surfistas, viajar é preciso. Surfar também. De preferência ondas perfeitas. Não importa muito onde elas estejam quebrando. Nosso maior desejo é encontrá-las. Nossa busca não tem fim. É eterna. Nas últimas décadas, os surfistas descobriram alguns lugares especiais pelo mundo enquanto protagonizavam mais um êxodo na história da humanidade. Muitos desses lugares até então se mantinham desconhecidos pela maioria dos mortais. Permaneciam isolados do resto do planeta e intocados pelas mãos que promovem o progresso. Localizados em diferentes partes do globo terrestre, eram grandes regiões ou apenas pequenos vilarejos, quando os surfistas os colocaram no mapa. Jeffrey's Bay, Bali, Hawaii, Saquarema, Garopaba, Praia da Guarda, Pipa, Maresias, etc. são apenas alguns exemplos. A lista é extensa. A maioria desses lugares mudaram bastante nos últimos anos. Atualmente estão muito diferentes do que eram quando os primeiros surfistas chegaram, com mochilas nas costas, pranchas e violas debaixo dos braços, e invariavelmente uma gatinha ao lado. Hoje em dia, esses "ax-paraisos" são uma espécie de lugar comum nos roteiros de viagem de mauricinhos, socialites, emergentes ou playboys. Ficaram famosos, viraram moda e acabaram se transformando em verdadeiras Babilônias.

Os surfistas estão sempre procurando encontrar ondas perfeitas. É essa a explicação para o fato de viverem viajando pelo mundo. Muitas vezes em direção a lugares inóspitos e desconhecidos da maioria das pessoas. Foi atrás de boas ondas que os surfistas chegaram até a Indonésia, no final dos anos 60.

Descobriram um paraíso: ondas perfeitas, praias belíssimas, um povo gentil e uma cultura milenar. Tudo isso por um preço irrisório. Bali foi o ponto de partida para que o restante do arquipélago indonésio fosse explorado. Com o tempo, foram descobertas outras ondas perfeitas, em ilhas como Java, Sumatra, Lombok, Nias, etc.

Bali foi literalmente invadida a partir da segunda metade da década de 70. Nos anos seguintes, a presença cada vez maior de turistas ocidentais acabou promovendo o que se chamou de processo de ocidentalização de Bali. Algo que vem aos poucos interferindo na cultura balinesa. A ilha mudou muito nestes últimos 30 anos, e na virada do milênio o



Jeffrey's Bay  
foto Chagas



Hawaii - Maui  
foto Sean Davey

que restou foi apenas uma caricatura do paraíso. O trânsito caótico de Kuta e Legian, e a presença cada vez maior de muçulmanos (o balinês originalmente era hindu), já fazem parte do dia-a-dia de Bali. Atualmente, o número de surfistas estrangeiros na ilha é alto, e o crowd dentro d'água, inevitável. Num dia bom em Padang Padang, é possível contar mais de 30 cabeças no pico. Lógico que ainda rolam dias sem crowd, mas são cada vez mais raros. Quando Bali foi descoberta pelos surfistas, era preciso caminhar por cerca de 2 horas antes de chegar aos melhores picos. Atualmente, as estradas levam surfistas e turistas praticamente até a praia, em lugares como Padang e Uluwattu. Jeffrey's Bay, na África do Sul, é mais um exemplo clássico da deterioração de um paraíso. Quando os primeiros surfistas chegaram em J-Bay não devem ter acreditado na simetria das direitas. Longas e incrivelmente perfeitas, elas quebram paralelas à praia de uma forma quase mecânica. Até o início da década de 70, o continente africano ainda era um grande mistério para os surfistas. É verdade que algumas expedições já haviam sido empreendidas tanto ao sul quanto ao norte do continente negro, mas pouco se sabia sobre o potencial de surf na África. Já haviam sido descobertas ondas no Marrocos e também na África do Sul. Portanto, deveriam existir outros picos de surf nos demais países africanos. Tanto na costa leste quanto na oeste. Foi apenas uma questão de tempo até que as primeiras descobertas fossem anunciadas. Jeffrey's Bay entrou definitivamente no mapa depois da primeira metade dos anos 70. Essa pequena cidade fica cerca de 90

quilômetros ao sul de Port Elizabeth, e praticamente não existia quando as primeiras fotos de suas direitas foram publicadas nas principais revistas de surf do planeta. Desde então, o mundo inteiro tomou conhecimento da perfeição do lugar, e o que era uma pequena vila de pescadores foi aos poucos tomando a forma de um balneário surfístico. Uma parada obrigatória para qualquer regular foot que se preze. Hoje em dia, Jeffrey's está muito diferente. As fotos dos anos 70, que você ainda pode encontrar nas paredes de alguns restaurantes e lojas da cidade, são provas incontestáveis das mudanças. O lugar foi vítima do progresso trazido indiretamente pelos surfistas, que o transformaram num dos mais famosos points da África do Sul e ajudaram a torná-lo conhecido no mundo inteiro. A fama atraiu gente de diferentes partes do planeta. Muitos desses visitantes acabaram se mudando para lá. Foi o caso do americano Mike Tabelling: "Vim para cá por causa das ondas. Foram elas que me fizeram ficar. Eram e continuam perfeitas. Mas J-Bay piorou muito nestes últimos anos. O crowd aumentou, e o localismo está tornando este lugar repugnante. Sem falar no problema do racismo, que continua sendo algo sério por aqui". Tabelling está de mudança. Vai embora da África do Sul. Ainda não sabe se para a Europa, América do Sul ou de volta para os EUA. Arquipélago havaiano, ilha de Maui, 1968. Uma época que ficou marcada por muitas mudanças, também no mundo do surf. Nesse ano, em Honolua Bay, dois australianos, Nat Young e Bob Mactavish, deram início à "short board revolution". Algo que iria mudar para sempre todos os padrões em termos de tamanho das pranchas de surf.



Austrália  
foto Sean Davey

A eterna busca pela onda perfeita pode te levar para...



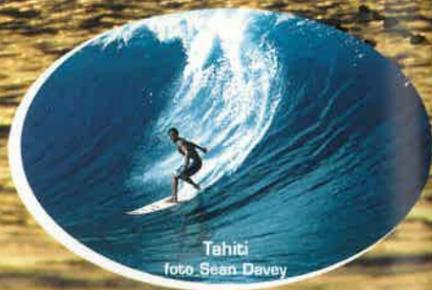
Hawaii  
foto Sean Davey



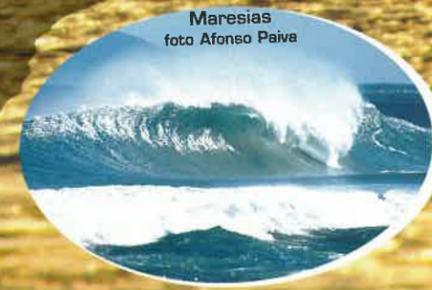
França  
foto Cédric Barros



Bali  
foto Beto P. Leme



Tahiti  
foto Sean Davey



Maresias  
foto Afonso Paiva



Jeffrey's Bay  
foto Cédric Barros



De volta aos anos 60, Maui era uma espécie de paraíso na terra. Surfistas e hippies curtiam juntos viagens lisérgicas que inspiraram o master shaper Dick Brewer a usar um serrote para diminuir o tamanho de uma de suas pranchas. Um ato de rebeldia contra os modelos da época. As ondas mais uma vez haviam atraído os surfistas para algum lugar. Muitos vieram da vizinha ilha de Oahu ou da Califórnia. A perfeição cinematográfica de Honolua Bay foi a maior responsável pelo aumento no número de surfistas em Maui. Durante os anos 70, alguns filmes de surf, como *Free Ride*, só fizeram fomentar o mito sobre a perfeição das direitas dessa baía. Hoje em dia, o crowd é dos mais intensos no line-up. Honolua é uma onda longa e relativamente fácil até os 6 pés. Daí em diante a coisa começa a mudar um pouco de figura. Entretanto, como na maioria dos dias as séries não costumam passar dos 6 pés, normalmente o crowd é animal. Surfistas de todas as idades. Afinal de contas, praticamente todo mundo pega onda em Maui. Já se foram os dias em que era possível surfar com uma meia dúzia no pico.

No Brasil, a história não é muito diferente. Os surfistas começaram a desbravar o litoral brasileiro por volta do final dos anos 60. Depois que as ondas da cidade do Rio foram surfadas, os pioneiros do surf no Brasil encarnaram a saga bandeirante e partiram das cidades do Rio e de São Paulo a fim de conquistar o resto da costa brasileira. No Rio, a Região dos Lagos foi o primeiro território alienígena a ser explorado. Saquarema acabou sendo a grande sacada. O veterano Penho foi um dos líderes na descoberta do lugar. De volta ao Brasil, depois de passar os anos de 1968 e 1969 surfando e aprendendo a shaper no Hawaii, Penho decidiu se mudar para uma pacata e relativamente desconhecida vila de pescadores, localizada menos de 70 quilômetros ao norte da cidade do Rio de Janeiro. "Troquei a cidade pelo campo, onde poderia ter uma vida parecida com a que levei no North Shore de

Oahu", explica Penho. "Fiz uma busca no nosso litoral e acabei encontrando uma onda perfeita a apenas uma hora do Rio." Penho se mudou para Saquá em 70. "Encontrei as ondas, a paz e a tranquilidade que estava procurando", garante. Enquanto se dedicava a evoluir como shaper, levava um estilo de vida bem alternativo para os padrões de uma época que ficou marcada pelos abusos da ditadura militar. Além da aventura e do desafio de criar para si uma outra maneira de viver, Penho acabou viabilizando outras formas de sustentar seu estilo de vida produzindo artefatos em fibra reforçada ou como dono de restaurante natural. Os anos se passaram, o século XX ficou para trás, e muita coisa mudou na vida de Penho e também em Saquarema. Entre tantas formas que foram modificadas pela ação do tempo, as ondas de Itaúna continuam tão perfeitas quanto antes. Para o veterano surfista, e até hoje morador de Saquarema, o prazer de surfar não diminuiu. "Continuem surfando. É tudo que eu posso lhes aconselhar." Durante a primeira metade da década de 70, Imbituba transformou-se numa espécie de Saquarema versão catarinense. Os gaúchos já conheciam o potencial do lugar. O velho Sefton e seu filho Paulo, junto com os Johanpeter (Jorge e Klaus), foram os primeiros brasileiros a surfar as direitas da Praia da Vila. Os cariocas Rico de Souza e Rossini "Maraca" Maranhão estiveram pela primeira vez em Imbituba no ano de 1970, num dia em que as séries passavam dos 12 pés. Sorte de iniciante. O havaiano Joey Cabbel, que havia acabado de vencer um campeonato internacional no Peru e era considerado um dos melhores surfistas da época, estava com eles e não deve ter acreditado no que viu. "Ninguém imaginava que no Brasil quebrassem ondas tão grandes. Muito menos o Cabbel", garante Rico, que só tinha uma prancha 5'6" para cair e sofreu para varar a arrebentação. "Passei o maior sufoco para entrar junto com o Paulo Sefton." Rico lembra que naquela época, no Brasil, ninguém ainda tinha visto uma gun havaiana.



Sunset - foto Sean Davey



Florianópolis - M. David



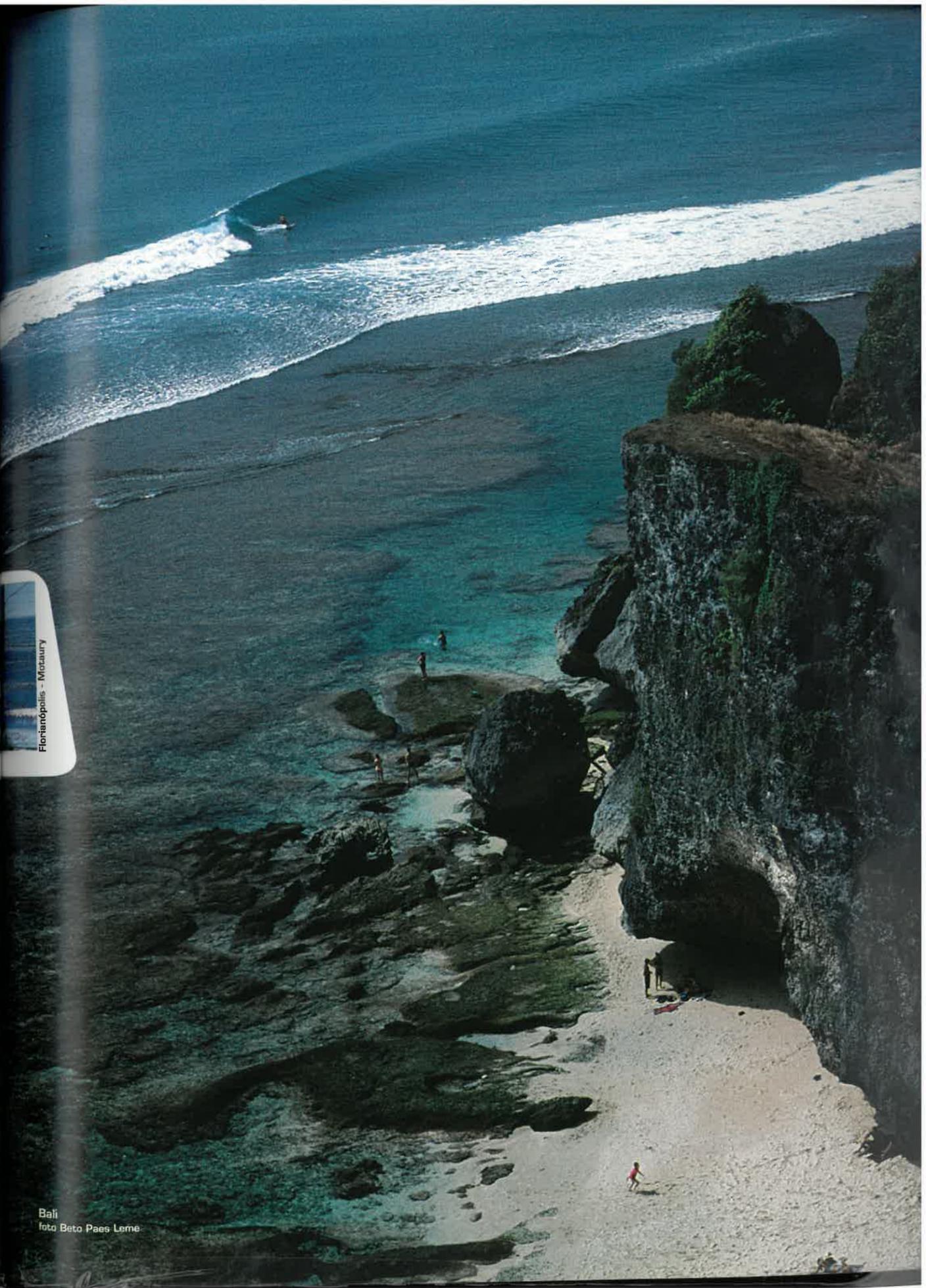
África do Sul - Cédric Barros



Florianópolis - Motaury



Peru  
foto Motaury



Bali  
foto Beto Paes Leme



Porém, Maraca, que tinha estado no Hawaii em 1969, havia trazido uma hawaiana gun e acabou emprestando-a para que Cabbel sentisse o power das ondas brasileiras. "Tomei uma série enorme na cabeça, enquanto tentava entrar no mar, e o Cabbel acabou perdendo a prancha e tendo que sair remando", recorda-se Rico. Dois anos depois, Bento Xavier da Silveira se tornou o primeiro carioca a fixar residência em Imbituba. O lendário Chalé 4, como era conhecida a mansão da família Catão, ficava na Praia da Vila, e foi para lá que Bento se mudou. "Houve uns três ou quatro verões, entre 71 e 75, que entraram para a história da nossa vida e mudaram a cara do surf no Brasil", relembra Bento, que acabou fixando residência durante anos em Santa Catarina. "No inverno as ondas ficavam grandes, mas o frio era de lascar. Naquela época, era comum encontrar alguns dos melhores surfistas do Brasil em Imbituba. Muitos deles passavam as férias de julho surfando os swells de inverno na Praia da Vila." Imbituba foi um capítulo à parte na história do surf brasileiro. É claro que alguns gaúchos já surfavam lá no início da década de 70, e a presença dos Sefton e dos Johanpeter no litoral de Santa Catarina não deixava dúvidas quanto às intenções gaúchas de dominar a região. Ao contrário de hoje em dia, naquela época as praias da Guarda e de Garopaba ainda não eram conhecidas entre os surfistas cariocas, paulistas e gaúchos. "A gente sabia que quebravam ondas boas em toda a região, mas quase ninguém havia explorado outros picos, além de Imbituba e algumas praias em Florianópolis. Ouviam-se histórias de dias perfeitos em outros picos, mas as ondas da Silveira, por exemplo, só foram surfadas anos mais tarde", garante Bento. Não restam dúvidas de que foi em Imbituba que foram plantadas as primeiras sementes do surf em Santa Catarina. Atualmente, o litoral sul-catarinense é um dos lugares mais procurados durante o verão, atraindo gente de todo o Brasil, sem falar nos nossos hermanos argentinos. Mais uma vez os surfistas mostraram o caminho. ☒

SURF CO.

# TAVARUA

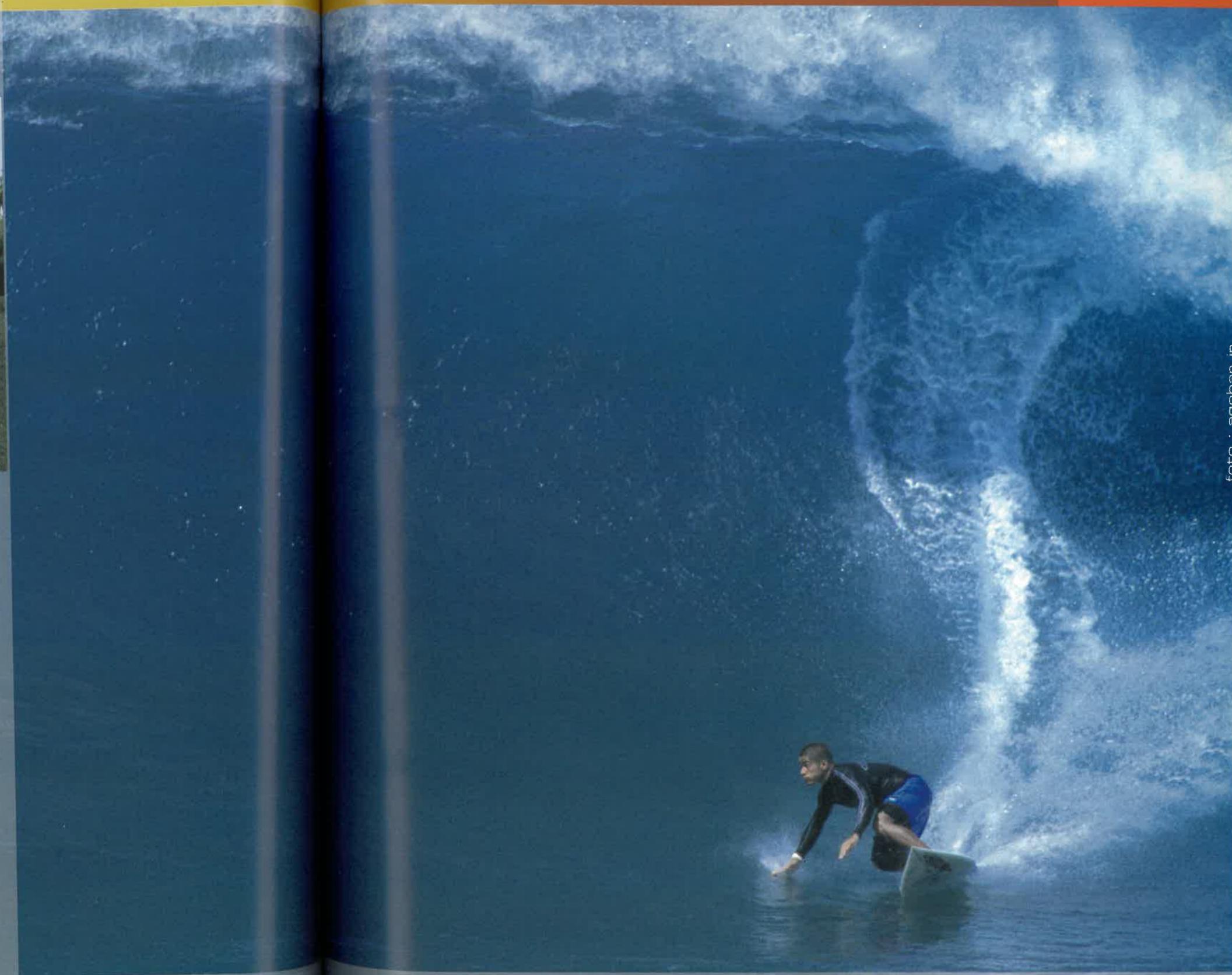


foto : agoban jr.

# THE SURF TRAVEL CO

"Nós sabemos onde e quando"



## Hawaii

Fly and Drive  
entr. U\$187,00 + 5X U\$140,00  
aéreo + 1 semana de carro base quadruplo

## Mentawai

vagas abertas para 2002  
Não perca mais uma temporada no paraíso do surf

## Austrália

Inglês e Surf  
a partir de U\$1950,00 - aéreo + 1 mês de curso intensivo

## Costa Rica

Fly and Drive  
6 X U\$106,00 - aéreo + 1 semana de carro  
base quadruplo

## Peru

Pico Alto  
6 X U\$ 82,00 - aéreo + 2 dias de hospedagem  
com pensão completa.  
Consulte sobre pacotes especiais para Chicama,  
Mancora, Cabo Blanco, etc.

Consulte-nos sobre outros destinos  
Al. dos Jurupis, 452 cj.54 - Moema  
São Paulo - SP - cep.04088-001  
Tel : 55 11 5052-4181  
Fax : 55 11 5051-0525  
surftravel@surftravel.com.br  
www.surftravel.com.br



Preços calculados para baixa temporada com saída de São Paulo e sujeitos a alteração sem aviso prévio.

Cristiano Guimarães



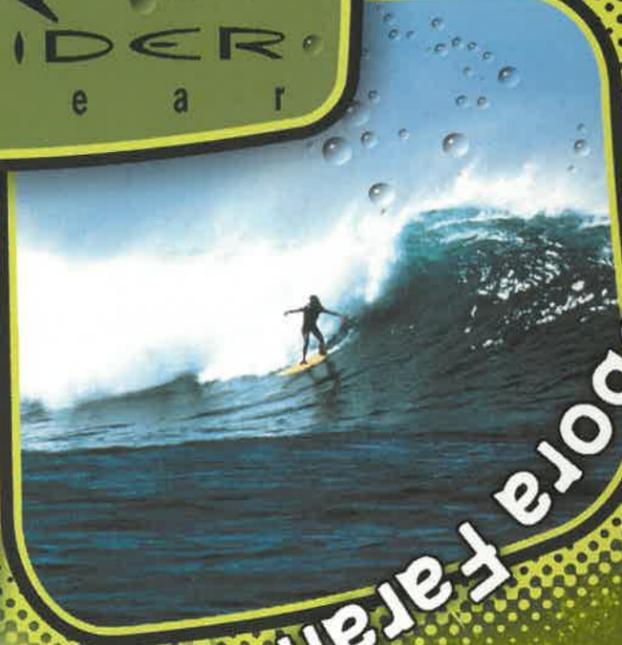
Joca Junior



André Barcelos



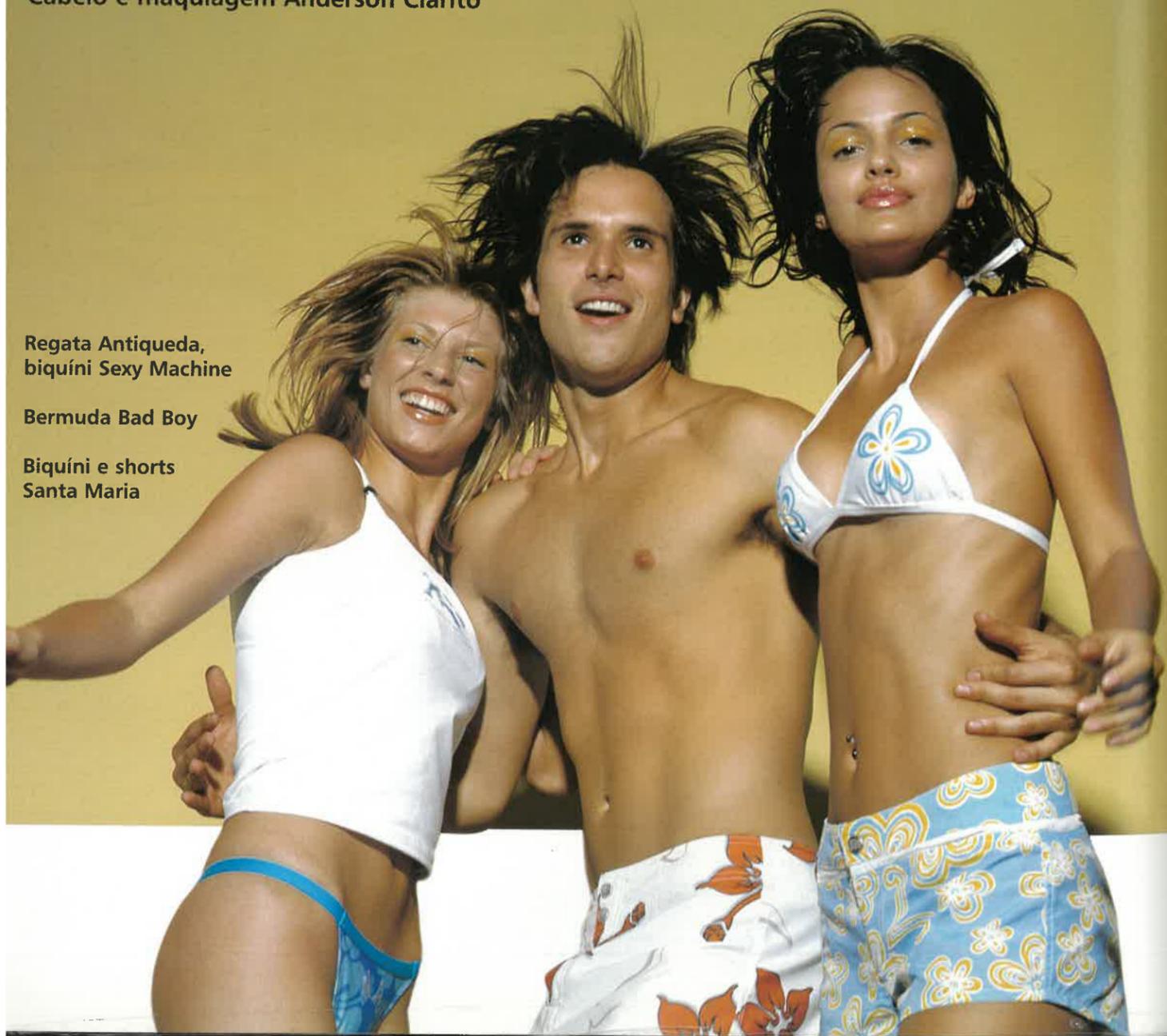
Débora Farah



www.prorider.com.br www.proridersunglasses.com.br  
prorider@prorider.com.br

# Verão Maravilha

Fotos Tarciso de Lima  
Cabelo e maquiagem Anderson Clarito



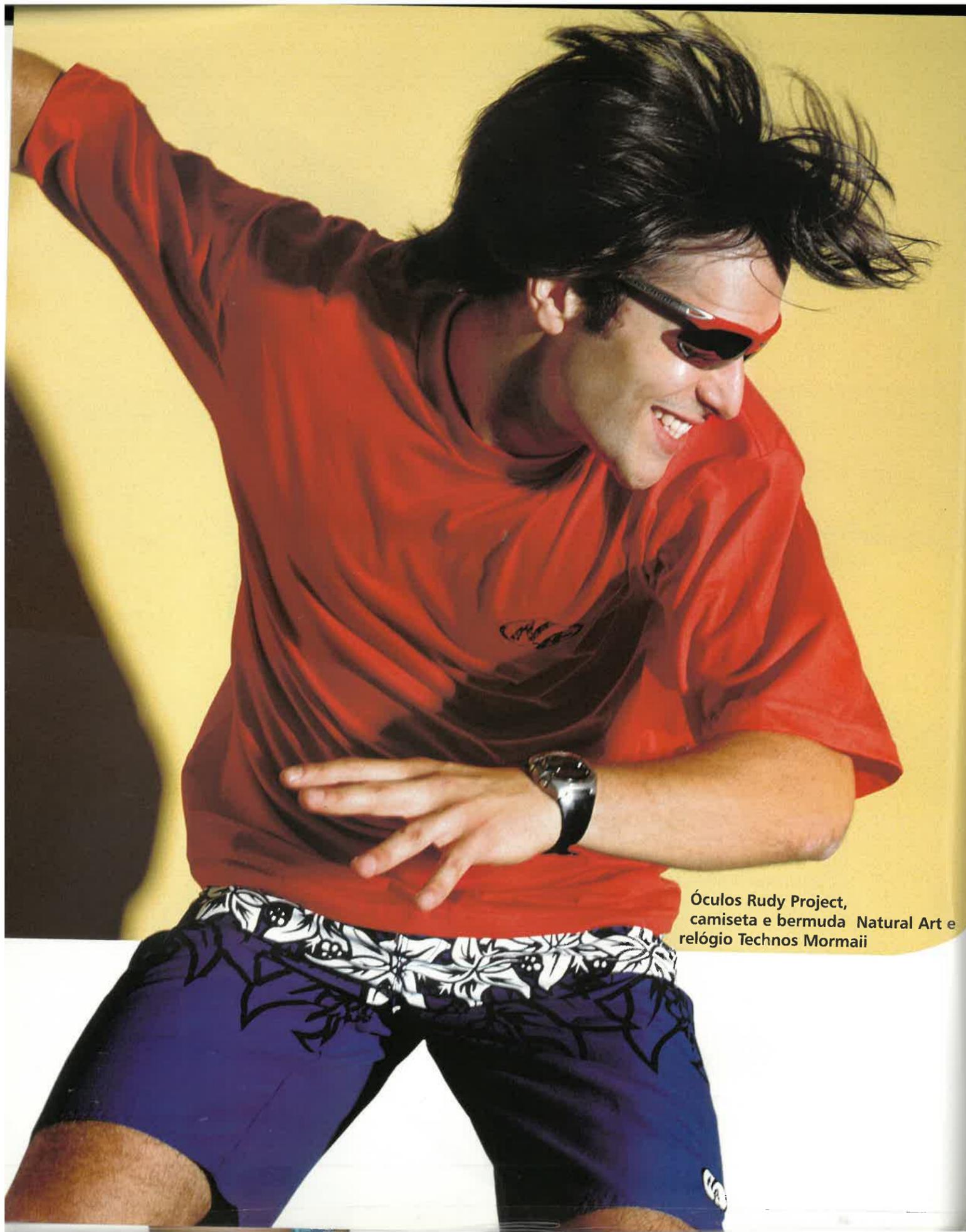
Regata Antiqueda,  
biquíni Sexy Machine

Bermuda Bad Boy

Biquíni e shorts  
Santa Maria



Óculos Prorider,  
lycra Wet Dreams e  
bermuda Da Hui



Óculos Rudy Project,  
camiseta e bermuda Natural Art e  
relógio Technos Mormaii



Camiseta Da Hui e  
bermuda Fico

Regata Tropical Brasil e  
shorts Santa Maria



Óculos Infnit



Na página ao lado da esquerda para direita:

Camiseta e bermuda WG  
Blusa Vida Marinha e  
mini saia Maresias

Regata e bermuda Billabong  
Bermuda The Realm e  
prancha Wet Works

Conjunto  
Santa Maria



Biquíni e camiseta  
Sexy Machine



Óculos Black Flys,  
regata Tropical Brasil e  
bermuda Snow Cat



Regata Snow Cat e  
shorts Maresias



Óculos Black Flys,  
regata Wet Works,  
bermuda Maresias e  
prancha Wet Works

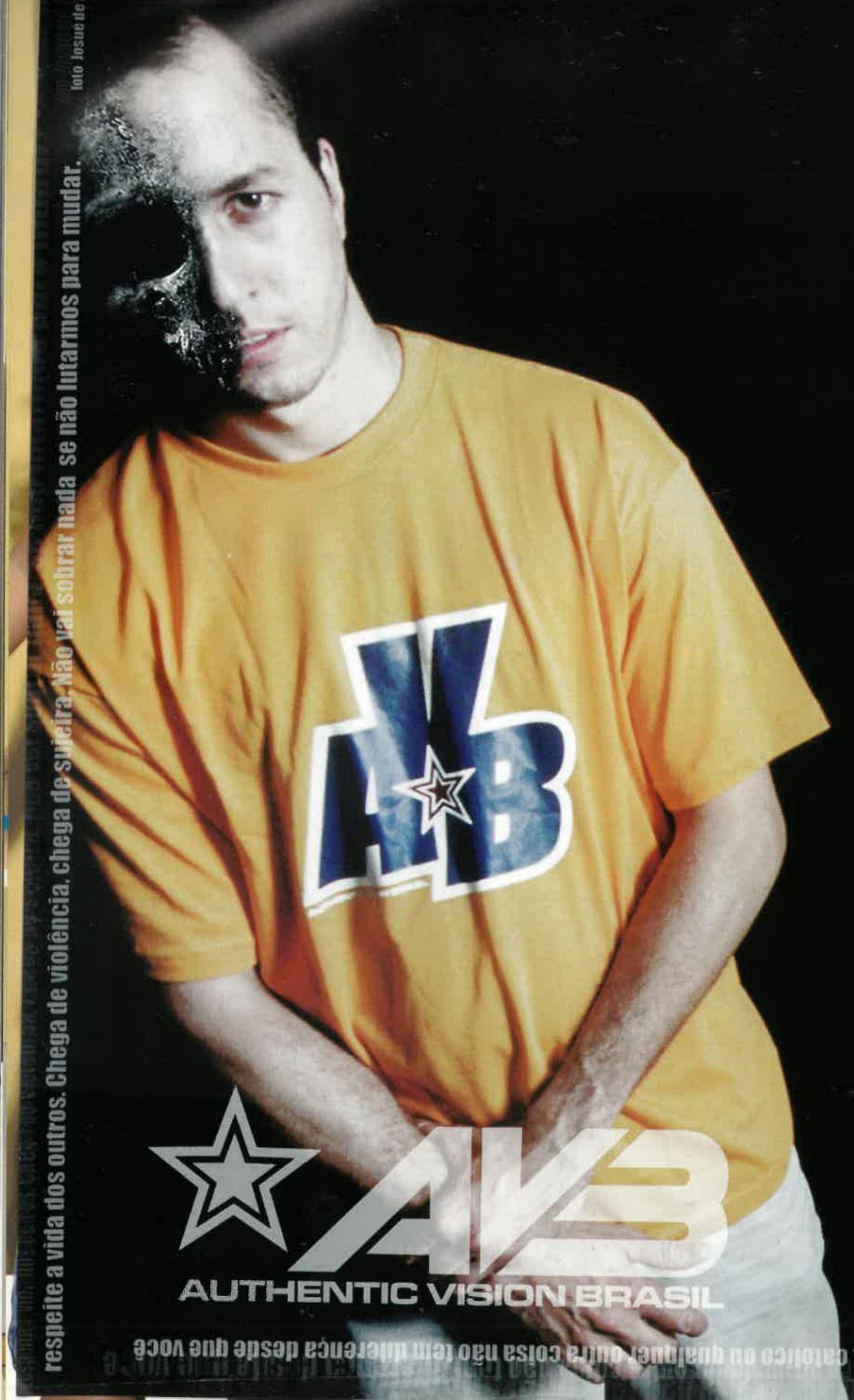


AVB team '2002: Murilo Beyruth, Damon Michellepis, Ari Bason, Pablo Groll, Fabiano "Lokinho"

Não importa se você anda de skate, ouve punk, hip hop, hardcore, axé, baião, salsa ou não ouve

respeite a vida dos outros. Chega de violência. Chega de sujeira. Não vai sobrar nada se não lutarmos para mudar.

foto: Josue de Freitas



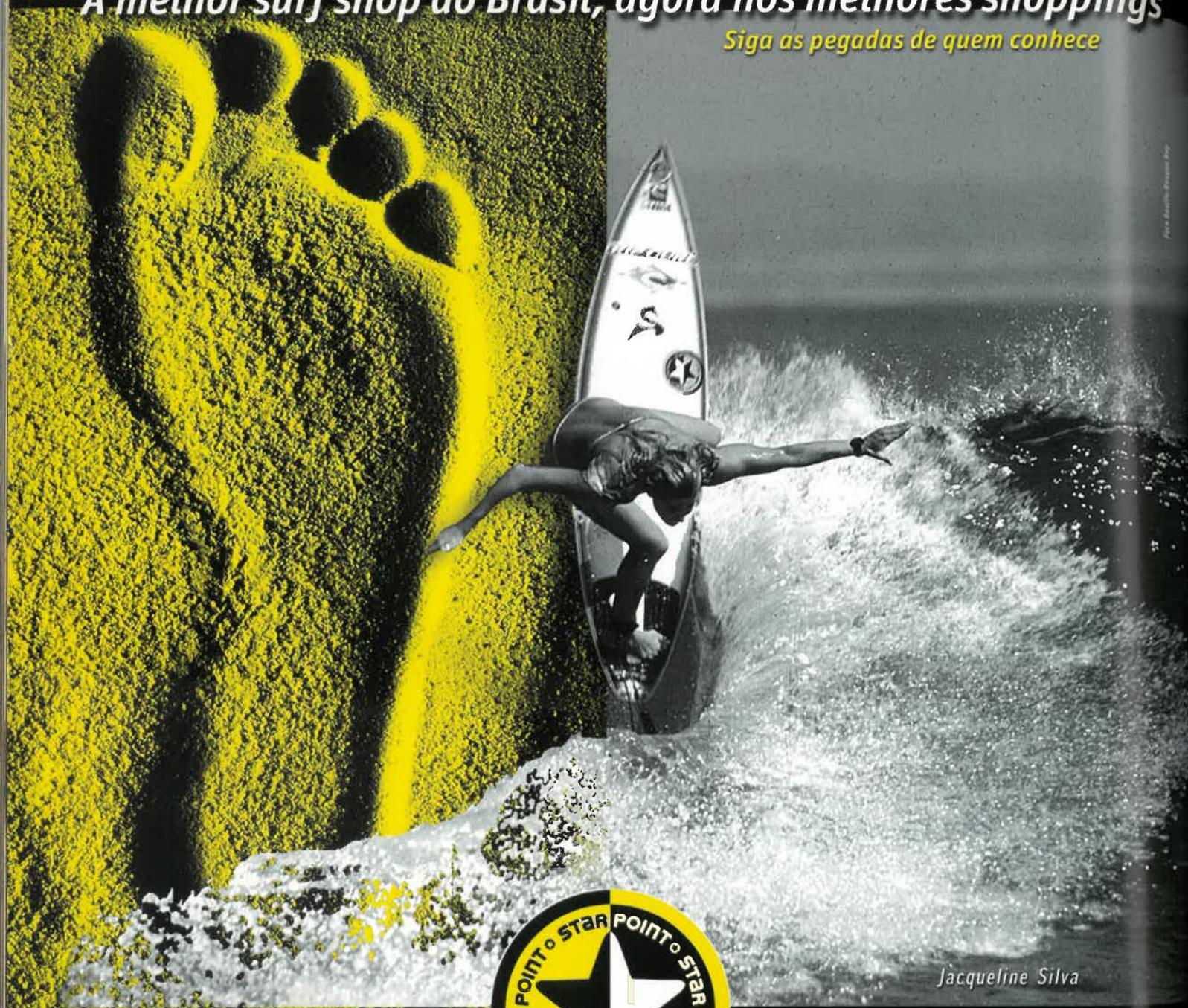
**AVB**  
AUTHENTIC VISION BRASIL

se fuma, bebe, e crente, judeu, católico ou qualquer outra coisa não tem diferença desde que você

se usa terra, larida, avental, pijama; se voce e machista, e gay, e liberal, se come carne ou não.

A melhor surf shop do Brasil, agora nos melhores shoppings

Siga as pegadas de quem conhece



Jacqueline Silva



\*A Star Point, desde 1984, é considerada a melhor surf shop do Brasil pelas pesquisas das revistas Fluir, Hard Core e Venice Mag

Surf Shop For Real Surfers



West Plaza  
Bloco A - Térreo



Eldorado  
1º Piso



Villa-Lobos  
3º Piso



Iguatemi  
2º Piso



Market Place  
1º Piso



ABC Plaza  
Térreo



Metrópole  
Térreo



Santa Cruz  
Térreo



Moema  
Av. Irajá 224

**BULLY'S**



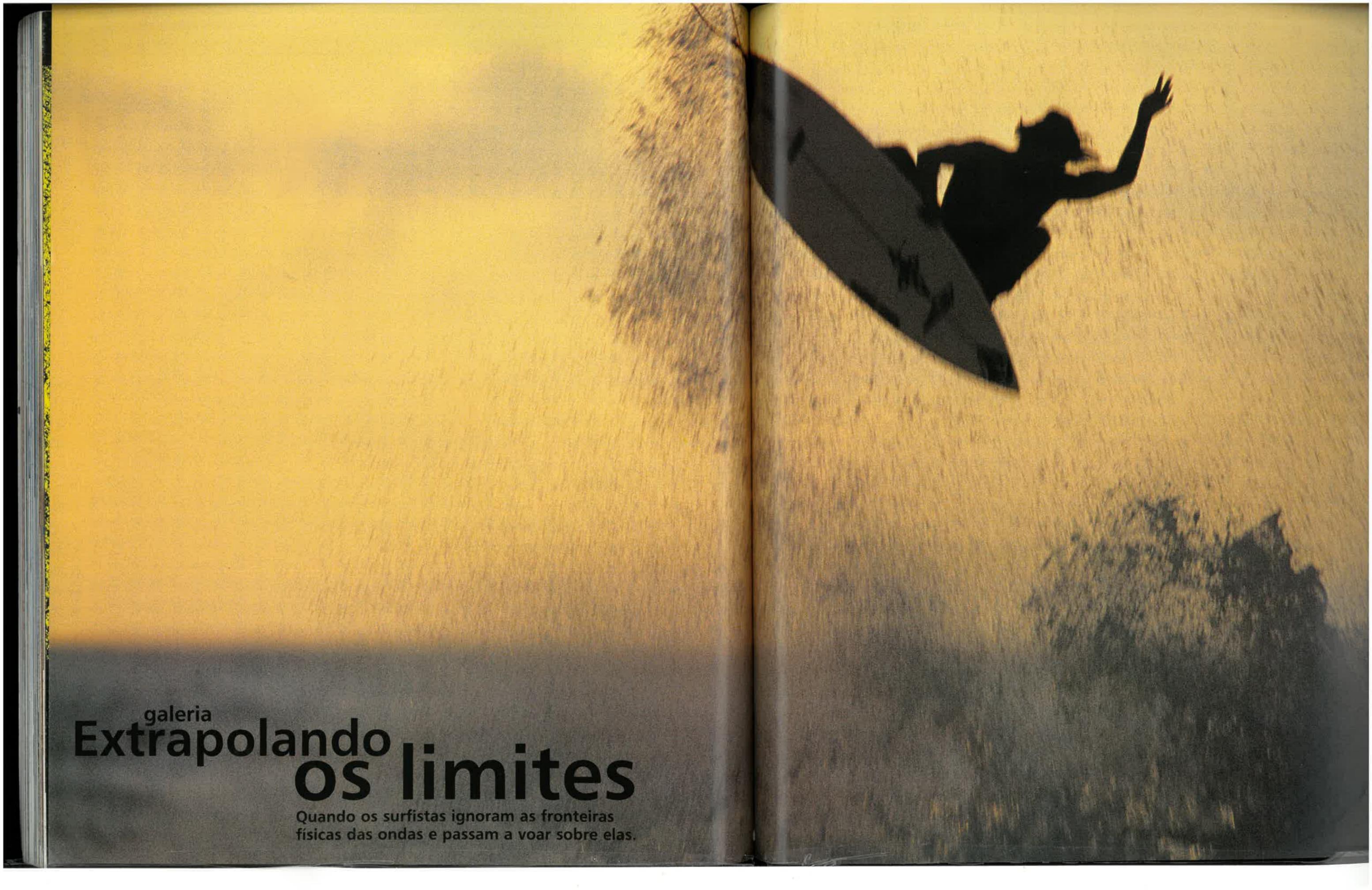
Jaime Viudes Campeão paulista amador 2000



Olimpinho Campeão brasileiro pro 1999



Rua Roque Petrella 258 Brooklin SP Tel.: 5543 9446 / 5535 2761 e-mail - plpsurf.ops@zaz.co



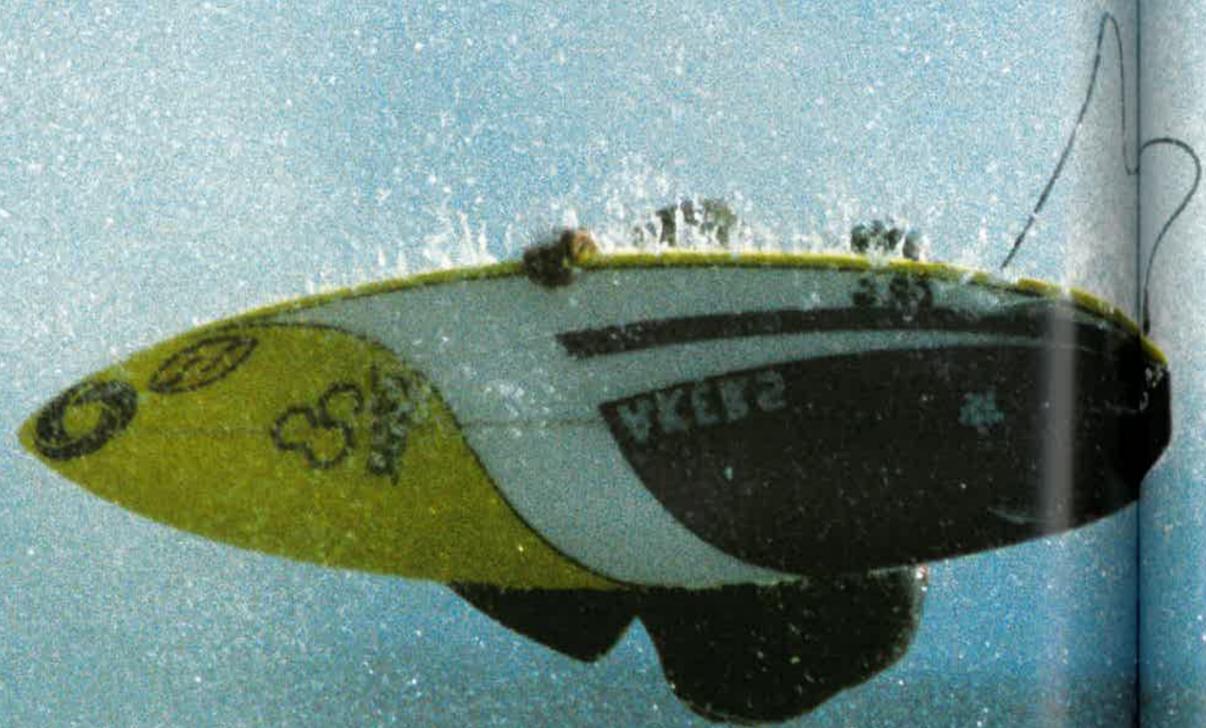
galeria  
**Extrapolando  
os limites**

Quando os surfistas ignoram as fronteiras físicas das ondas e passam a voar sobre elas.





Javier Médina  
foto Cédric Barros





Pottz  
foto Sean Devey





UM CIGARRO SEMPRE PEDE UMA CONVERSA.



Pior que a droga, é ficar sozinho na hora de enfrentá-la.  
Para ajudar o usuário de drogas a abandonar essa idéia,  
ainda não inventaram nada melhor que o diálogo, a atenção,  
o amor, o carinho e o apoio. Drogas são ruins.  
Sem solidariedade e compreensão podem ser ainda piores.  
Diga não às drogas, dizendo sim a quem você ama.



# Mudança dos tempos

Por Taiu Bueno

Que saudades do meu planeta das antigas... Hoje parece estar tudo deturpado. Vinte anos atrás, Maresias ainda era selvagem, sem muitas casas, talvez porque o acesso ainda fosse de terra. O desafio de passar pela serra de Boicucanga em dias de chuva separava a galera que realmente freqüentava (surfistas ou freaks) dos playboys, que naquela época ainda freqüentavam a Rua Augusta, na capital, nos finais de semana. O mundo era tranquilo, pegava-se um avião para os EUA ou a Indonésia sem maiores preocupações... Anos 80, 90... As favelas do Brasil eram bem menores, e o crack e a Aids nem existiam... Chegamos ao novo milênio, e os problemas estão se agravando. A superpopulação mundial, a pobreza, o fanatismo das religiões e a insanidade humana estão detonando o nosso mundo. Antes eu achava que as 'vibes' da pureza de um freesurf eram deterioradas pelo sentimento competitivo que existe dentro do ser humano, ou seja, o freesurf era aterrorizado pelas competições. O prazer puro e simples de surfar, somente pela absorção do orgasmo de deslizar e fluir com uma onda líquida em movimento, em total sintonia com o cosmo, é o que realmente está valendo... No meio dessa experiência terapêutica, dar uma passeada no salão ou sentir a pressão da borda rabiscando a parede da onda para os mais habilidosos então... Essa vibe de ter que provar quem é o melhor nessa vida (competição natural dos humanos), ter que ganhar dinheiro competindo contra adversários nas ondas... estar numa competição, num ambiente e num esporte tão diferentes e maravilhosos, me fez questionar várias vezes se isso era bom ou ruim, se isso deturpava o real feeling do esporte na nossa alma...

Claro que não... uma competição é saudável, honesta e justa... é um esporte... é o show da vida. Envolve até o amor pelo adversário.

Os tempos de terrorismo, a guerra, os ataques, o medo, a insegurança, a crise energética, a falta de chuva... isso é que é a merda!

Nitidamente são esses os sinais de que os tempos mudaram. Saudades de vinte anos atrás... Quando o planeta não estava tão cheio de gente e deteriorado, quando a pobreza ainda não tinha se multiplicado tanto e esses talibans atuais ainda eram bebês...

Surf's up  
Aloha

Taiu

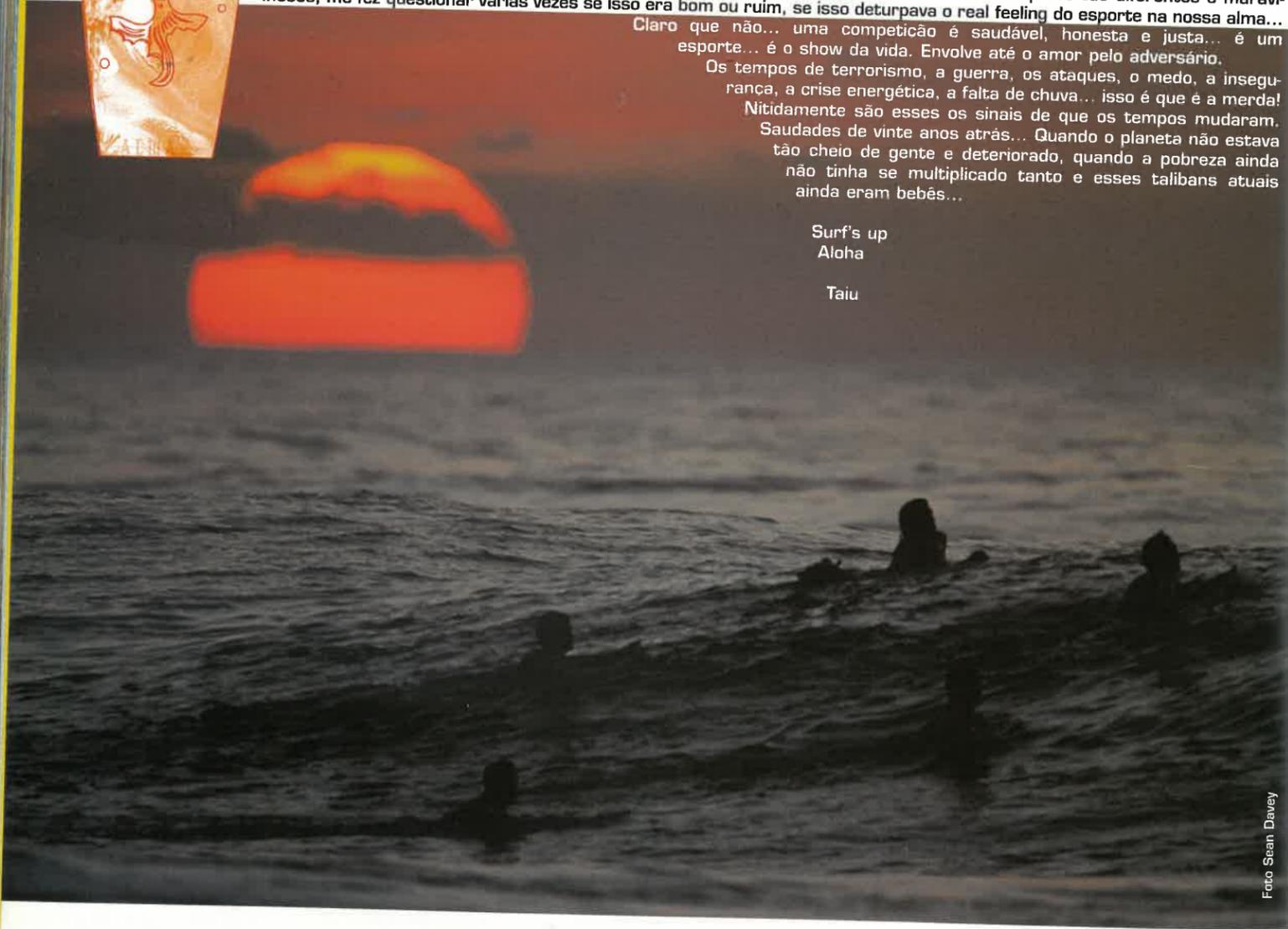


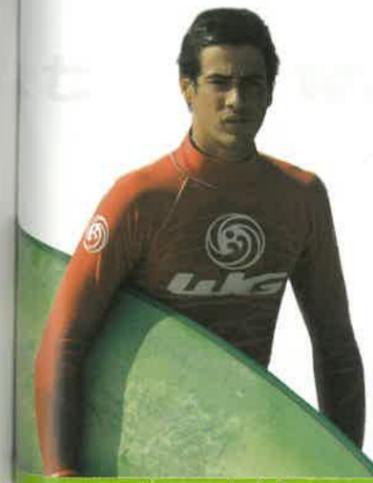
Foto Sean Davney



REEF



STCOMP



Cassio Sanches



**É assim que se surfa nas praias.**

*Eric de Souza,  
filho de Rico de Souza,  
mantendo a tradição  
do surf.*



**É assim  
que se  
surfa na  
internet.**

**www.Ricosurf.com.br**

- **Imagens ao vivo das praias do Rio.**
- **Previsões das ondas.**
- **Cobertura do WCT, WQS e Circuito Brasileiro Profissional.**
- **Notícias do Mundo do Surf, Vídeos de Surf e Fotos Digitais.**
- **Escola de Surf Rico, Museu do Surf e muito mais...**



conecte-se  
**agora**



Rico Promoções Esportivas Tel.: 438-6962/6963 Tel/Fax: (21) 438-8271

ricosurf@globo.com



Show Room: (11) 5051-9071  
www.oficinatextil.com.br

Oficina T

# Universidade da prancha

Atualmente o surf é um esporte praticado em, praticamente, todo o mundo, e chegou até a ser cogitado como esporte olímpico. Toda essa popularidade faz com que o mercado movimente milhões de dólares em surf wear, equipamento e acessórios.

No entanto, de todo esse potencial em negócios, ele não teve uma evolução acadêmica à altura. Hoje, as modalidades praticadas com pranchas contam com escolas de iniciação e competição, mas sem profissionais preparados especificamente para o assunto. A tecnologia, os negócios e os trabalhos práticos também necessitam de uma formação mais a fundo.

Em função disto foi lançada no dia 20 de setembro pela Universidade Montserrat, a Unimonte de Santos, a UNIPRAN (universidade da prancha), iniciativa que visa criar um núcleo de estudos, aperfeiçoamento, treinamento, assessoria e pesquisa científica em surf e nos esportes de prancha. O objetivo é justamente criar um perfil acadêmico para estes esportes. Inicialmente o novo pólo de estudos servirá como base para elaboração de projetos. Entre as prioridades está a criação de cursos de pós-graduação em pedagogia, ciência e tecnologia. A especialização envolverá fisiologia, anatomia, cinesiologia, treinamento físico e, também, biomecânica no esporte, gerenciamento de escolas e desenvolvimento de materiais. Os alunos ainda terão aulas de história, ecologia, e biologia marinha.

O coordenador da Universidade da prancha, o professor Marcello Arias, que além de surfista de alma é especialista em fisiologia do esporte, mestre em farmacologia e pesquisador da Escola Paulista de Medicina afirma: "Queremos fazer um trabalho sério, que renda resultados expressivos. Estamos trabalhando muito e uma das prioridades será resgatar toda a cultura destes esportes, através de um centro de memória, não só um museu do surf, mas da evolução de todas as modalidades de prancha".

Nos da Alma Surf parabenizamos os idealizadores da iniciativa que abrirá novas portas para o engrandecimento do esporte e seus praticantes. Já imaginaram daqui há alguns anos você ser apresentado ao Fulano de Tal, PhD em surf. Não é fraco não!

A UNIPRAN fica na Rua Júlio de Mesquita 200 bairro de Vila Mathias, Santos. ☒

## Nova Saveiro Summer.

Chama tanta atenção quanto topless.  
Só que em vez de vir com menos peças,  
vem com mais.



Série Especial  
**SUMMER**

A Saveiro Summer é uma das poucas coisas na praia que não estão peladas e mesmo assim todo mundo olha. Principalmente agora que está ainda mais completa: vem com direção hidráulica, banco com regulagem de altura, vidros escurecidos, antena no teto, pneu 185, capota marítima e muito mais. Saveiro Summer. O carro ideal para pegar uma estrada e, talvez, nem querer sair dela.

Saveiro Summer

Direção hidráulica de série



Grade de proteção tubular de série



Banco com regulagem de altura de série



Capota marítima de série



[www.volkswagen.com.br](http://www.volkswagen.com.br) Os veículos Volkswagen estão em conformidade com o PROCONVE - Programa de Controle de Poluição do Ar por Veículos Automotores. Alguns itens mostrados são opcionais, acessórios, ou referem-se a versões específicas.

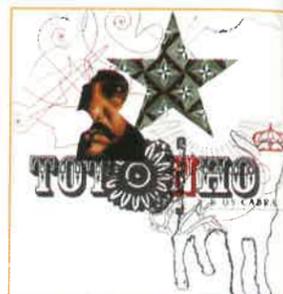


# Milkshake de repente com eletrônica

Meio por acaso topei com Totonho, revelação da música brasileira. Rolou uma entrevista, e por isso não temos a seção de DVDs nesta edição. Mas nos CDs tem muita coisa legal, como os alternativos Morphine e Luna, o CPM 22, dando nova vida ao rock nacional, e o rock moleque do Forgotten Boys. Confira. Por Alberto Woodward

## Puro Som: Totonho e os Cabra

O repente se mixa ao techno, e a música segue por um novo horizonte. Uma proposta e três linhas de pensamento diferentes vão para o estúdio seguindo a trilha da vanguarda, mesclando a arte musical nordestina com a música computadorizada. Os resultados vêm em sombras surreais, ritmos, grooves e tradições: assim é a música do CD de estréia de Totonho e os Cabra. Um disco simplesmente genial, que trilha por um caminho experimental parecido com o de Otto. A música brasileira não apresentava nada tão original desde Chico Science & Nação Zumbi. Talvez o público geral não assimile o seu trabalho, e ele seja mais um Tom Zé em nossa música. Mais um Tom Zé?! Que ótimo!  
Na verdade, esse novo som nasceu da união de Totonho com os produtores Carlos Eduardo Miranda e Maurício Tagliari, que, juntos, lapidaram este diamante bruto. "As músicas de Totonho pediam, berravam por um arranjo diferente", afirma Miranda. A Alma Surf conversou com Totonho por telefone, para saber de toda a história.



**AI: NO RELEASE APRESENTADO PELA TRAMA, VOCÊ DIZ QUE SUA VIDA PROFISSIONAL COMEÇOU COMO VENDEDOR DE BUCHADA DE BODE!?**

**Totonho:** Desde pequeno comecei a trabalhar como vendedor de buchada. Naquela época, eu e mais quatro garotos montamos uma banda com instrumentos feitos de lata. O som dos instrumentos era feito com a boca, saindo totalmente diferente do que deveria, e assim ficou uma coisa muito própria, que virou sucesso na cidade. Mas durou pouco. Alguém contou para o meu pai que a gente estava fazendo aquilo e ele não gostou da idéia.

**AI: BOM, APARENTEMENTE SEU PAI NÃO APOIAVA SUA INCLINAÇÃO MUSICAL, MAS MESMO ASSIM VOCÊ ACABOU VIRANDO COMPOSITOR. COMO É QUE ISSO ACONTECEU?**

**Totonho:** Passei um tempo fora da Paraíba, e quando voltei, minha família tinha mudado de Monteiro para a capital, se instalando no bairro de Jaguaribe. Comecei a conhecer as pessoas que faziam música no bairro e, por acaso, aquelas pessoas eram a vanguarda da música paraibana da época: Chico César, Jarbas Mariz, Jaguaribe Carlo e outros. Eu me incorporei ao grupo, e fundamos o Musiclube da Paraíba (uma cooperativa de compositores). Ali foi minha grande escola, pois ganhei notoriedade me destacando nos festivais e me firmando definitivamente como músico.

**AI: O QUE ACONTECEU DEPOIS?**

**Totonho:** Em meados dos anos 80, fui para o Rio e acabei me envolvendo com o Circo Voador, num trabalho social que ensinava música para meninos de rua. Eu praticamente não toquei durante esse período, mas cheguei a abrir alguns shows para o João Bosco e o Geraldo Azevedo. Em 96 fundei Os Cabra e gravei uma demo para me inscrever no Projeto Pixinguinha. Fomos aprovados e rolou uma turnê por sete capitais. Ao final de um ano estávamos tocando em um monte de lugares, até que a demo chegou às mãos do Carlos Eduardo Miranda, em 1999.

**AI: O QUE VOCÊ CONHECIA DE MÚSICA ELETRÔNICA NAQUELE TEMPO?**

**Totonho:** Muito pouca coisa, mas o Miranda me deu uma pancada de músicas para ouvir que apontavam para vários estilos. Ele falou que a idéia era juntar todos aqueles sons em um único trabalho. Eu mostrei para banda e eles arrepiaram os cabelos: "Putá que pariu, cara! O nosso som vai virar isso aí?". Eu falei que seria um pouco pior, porque aquele já estava editado e produzido por alguém; feito por nós, ia ficar um pouco pior. Ai eles ficaram putos e pularam fora, mas eu resolvi encarar.

**AI: E DEPOIS?**

**Totonho:** Ai o Miranda desenhou o projeto do disco, eu seleccionei 20 músicas, produzidas nos últimos dois anos, ele escolheu 12, e durante a gravação do disco eu compus mais duas, que foram "Musicacubana" e "Zelimeriana". O Maurício Tagliari (do Nouvelle) foi chamado para ajudar na produção e no acabamento.

**AI: E COMO FOI QUE VOCÊ SE DEU, LIDANDO COM OS APARATOS ELETRÔNICOS E FAZENDO TODA AQUELA EXPERIMENTAÇÃO?**

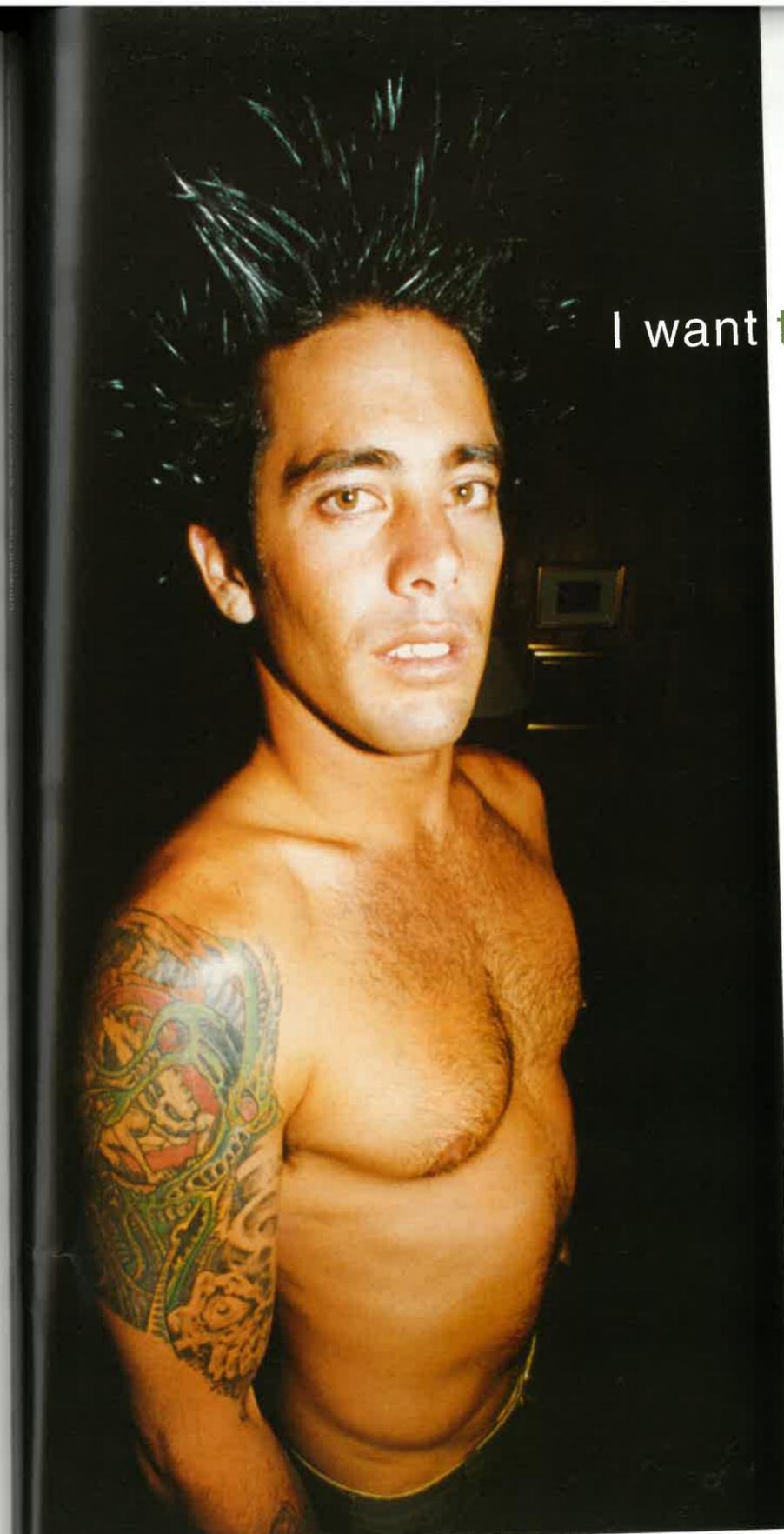
**Totonho:** Na Paraíba eu já fazia música experimental, fazia música minimalista, participava de umas ondas meio assim.

**AI: MAS VOCÊ JÁ MEXIA EM COMPUTADORES?**

**Totonho:** Computador! Não, parecia que dava choque. Faz só cinco anos que nós fomos apresentados. Eu fiz uns sons em garrafões de água, latas, eixo de carro, cinzeiro de bronze, e vários outros sons para serem processados em uma série de plug-ins.



Foto Marcos Villas Boas / divulgação



I want to get married.



I want to b  
swatch®  
IRONY

SWATCH STORES • São Paulo (SP) - Shopping Anália Franco - Center Norte - Pátio Higienópolis - Shopping Ibirapuera - Shopping Iguatemi - Shopping Pau Cruz • Campinas (SP) - Shopping Iguatemi • Ribeirão Preto (SP) - Ribeirão Shopping - Santa Úrsula • Santos (SP) - Shopping Miramar • Sorocaba (SP) • Rio de Janeiro (RJ) - Barra Shopping - Shopping Rio Sul • Belo Horizonte (MG) - BH Shopping • Brasília (DF) - Conjunto Nacional Brasília • Curitiba (PR) - Mu Shopping Flamboyant • Manaus (AM) - Amazonas Shopping • Niterói (RJ) - Niterói Plaza • Porto Alegre (RS) - Shoppings Moinhos e Iguatemi • Salvador (BA)



**AI: QUANDO VOCÊ QUERIA PASSAR A IDÉIA DE UMA BATIDA RÍTMICA, COMO É QUE VOCÊ FAZIA, IMITAVA COM A BOCA OU COISA ASSIM?**

**Totonho:** Praticamente todos os loops eu fiz com a boca, e os produtores iam cobrindo com batidas eletrônicas. Acabou que ficou sendo um processo fácil, só que totalmente diferente, porque quando você vai gravar um disco, normalmente, tem que escrever as partes de guitarra, o baixo, a bateria; você mais ou menos já tem uma prévia do som. Nesse trabalho, não. A gente já saiu gravando uma série de coisas estranhas, músicas de instrumentos adaptados, misturadas com instrumentos clássicos.

**AI: VOCÊ DIRIA QUE FOI TOTALMENTE EXPERIMENTAL, ESSE PROCESSO?**

**Totonho:** Totalmente experimental. Quando acabamos de gravar tudo, o Miranda disse: "Agora vamos fazer os arranjos. Pega aquela guitarra que está ali no fundo e dobra; refaz aquela parte do baixo com palheta". Isso aí, pegando os elementos criativos e dando dimensão a eles dentro da música. E a partir daí nós começamos a criar realmente dentro da música, fazendo os tempos, as divisões, trabalhando as idéias, as frases mais melódicas, onde é que dobra, onde é que não dobra, num processo muito novo para mim, onde você aprende realmente a compor, por que no fim você acaba recompondo a sua música.

**AI: E TEVE ALGUNS CONVIDADOS, COMO O GUGA STROETER, O MAX DE CASTRO, COMO FORAM AS PARTICIPAÇÕES?**

**Totonho:** Bom, o Guga, porque o pessoal do Nouvelle já estava trabalhando no disco, veio pela proximidade, mas entre os convidados a gente tinha o pessoal do Funk Como Le Gusta, o Sheik Tosado e o Max de Castro. Esse último, eu queria muito que participasse mais do disco, mas como ele estava num momento de correria muito grande, acabou só pondo um violão lá.

**AI: E O FUNK COMO LE GUSTA?**

**Totonho:** Eu já os conhecia desde o tempo que eles eram o naipe de metais do Chico César, e calhou de os caras serem superbrothers do Miranda. A princípio a idéia era usar para os metais uma banda de interior, uma bandinha. Mas aí o Miranda achou que eles iam usar notas demais, e tinha que ser uma coisa mais seca. E o Funk é especialista em fazer isso aí; já tocaram com Deus e o mundo nesse estilo e sabem bem essa linguagem. No fim, tudo que a gente acrescentou acabou saindo de uma forma muito mais criativa do que havíamos imaginado.

**AI: VOCÊ DIZ QUE ESSE DISCO FOI UM COISA NOVA PARA VOCÊ, TIPO VOCÊ PLANEJOU 4 E SAIU COM 8. QUAL SERÁ SUA TENDÊNCIA DAQUI PARA A FRENTE?**

**Totonho:** Acho que a tendência é radicalizar um pouco mais. Nossa idéia é ir para o interior do Brasil e trabalhar com alguns DJs do meio do mato, que tenham outros sotaques, que sejam de outro contexto urbano; fazer música com esses caras. Acho que é importante para o Brasil, abrir espaço para essa diversidade que existe na nossa música.



### LUNA LIVE IN BRAZIL

Um dos melhores grupos do rock alternativo americano, o Luna, esteve por aqui recentemente para o lançamento do CD *Live*. E nada melhor do que tocar ao vivo para promover um disco ao vivo. O show foi perfeitamente fiel à gravação do disco, não decepcionando os fãs em nenhum momento. Apesar de viver sobre o estigma de soar como o Velvet Underground, o Luna tem personalidade própria e fez um bom show, digno de um bom disco. Se você gostava de Velvet, Joy Division e sonoridades do gênero, com certeza vai gostar do Luna. *Live* é um bom disco para a primeira aquisição, pois além de incluir músicas dos discos anteriores (inclusive "4th of July", do Galaxie 500, antiga banda do líder do Luna, Dean Wareham), a versão nacional vem com um CD bônus trazendo três músicas a mais.



### POWER TRIO SEM GUITARRA!?

Se você dissesse a alguém que ia montar um trio de rock sem guitarra, neguinho ia rir na sua cara. Mas foi isso mesmo o que fez o Morphine há 10 anos, e está rindo até hoje, compensando a carência da guitarra com criatividade e inovação. Quem duvida, saiba que o grupo faz sucesso desde o primeiro disco, cativando, principalmente, pelas suas apresentações ao vivo. Por isso, se você não os conhece, vem a calhar o álbum *Bootleg Detroit*, que acaba de ser lançado por aqui pelo selo Trama. Trata-se de um pirata gravado por um fã em 7 de março de 1994 e, posteriormente, autorizado pelo grupo. Se você está a fim de algo diferente, esta é uma excelente pedida.



### NOVO GÁS NO ROCK NACIONAL

O grupo CPM 22 (Caixa Postal Mil e Vinte Dois) acaba de lançar seu primeiro álbum carregado de gás punk/hardcore. Na estrada desde 1995 a banda tem influências diversas, como Ramones, Garage Fuzz, e até mesmo Kiss (vai vendo!), mas para mim soa mesmo como Blink 182, o que, cá para nós, não é tão ruim assim. Os caras vêm aos poucos conquistando seus espaços, e recentemente abriram o show do Buzzcocks, no Olympia, em São Paulo. Um som com muito punch e adrenalina.



### NAS BANCAS E LOJAS

Depois de um longo e tenebroso inverno, eles estão de volta. De gravadora nova, sob o impacto da morte inesperada de Marcelo Fromer, chega às lojas *A Melhor Banda de Todos os Tempos da Última Semana*, novo CD dos Titãs, décimo segundo álbum da carreira do grupo, que não gravava desde 1997, quando foi lançado o CD *Acústico*. Apesar da expectativa que se tinha de algo diferente, de uma nova fase do grupo, etc e tal, nada disso aconteceu. Este é mais um disco dos Titãs, com boas idéias e boas canções. Com certeza, *A Melhor Banda de Todos os Tempos da Última Semana* vai agradar aos fãs.

# WET DREAMS

MARGARET RIVER • AUSTRALIA



LEASHES

DECKS

BOARD COVERS

ROOF RACK

FIN SYSTEM

WAX

DECK LOCK

FLIPPER GUARD

NOSE GUARD



Tried and tested  
Margaret River

INTERNATIONAL SURFING COMPANY WWW.WETDREAMS.COM.AU  
WETDREAMS@UOL.COM.BR / (11) 5182.7891 (FAX) 5181.8296



### GROOVE À BRASILEIRA

O DJ Patife mostra, em seu novo disco *Cool Steps - Drum'n'Bass Grooves*, o amadurecimento do seu trabalho, que mostra a música brasileira com muito D&B e groove, em certos momentos soando como techno-bossa. Um disco cuidadosamente trabalhado, com várias texturas e climas. O artista anda em alta no cenário do drum'n'bass nacional, tanto que esteve entre as atrações do último Free Jazz. A única reserva ao disco é que, depois de ouvi-lo por algum tempo, a repetitiva batida rítmica do fundo torna-se um pouco cansativa, mas acredito que isso não deve incomodar os adeptos do gênero.



### LIVE LANÇA "V"

O grupo Live usa a experiência da turnê anterior para lançar seu quinto disco, intitulado *V*. Eles estiveram no Brasil para o lançamento do álbum e, também, para alguns shows. O lance é que este CD é realmente bom. Segundo o cantor e guitarrista Ed Kowalczyk, este trabalho mostra, como nunca, o verdadeiro espírito do Live: "Tenho certeza de que a gravação de *V* foi algo que transcendeu qualquer experiência anterior", afirma ele. O disco traz ainda o clipe da música "Simple Creed".



### SURF MUSIC IN RADIO

O grupo californiano de surf music Aqua Velvets acaba de lançar um CD que traz suas melhores performances nas rádios KFJC, 89.7 FM e KPFA 94.1 FM. O álbum traz gravações de 1992 a 98, englobando os quatro álbuns anteriores. É realmente uma boa para quem deseja conhecer o trabalho bastante original desta banda que traz na bagagem fortes influências de The Shadows, Dick Dale, The Ventures e de Ennio Morricone (mestre das velhas músicas de western spaghetti). Até o fechamento desta edição o CD não estava disponível no catálogo da Cd-Now ([www.cdnow.com](http://www.cdnow.com)), mas você poderá encontrá-lo no site oficial da banda: [www.aquavelvets.com](http://www.aquavelvets.com)



### SPLIT ROCK'N'ROLL

O bom e velho rock'n'roll no estilo garage band é o que você vai encontrar no split internacional das bandas Forgotten Boys (Brasil) e Killerdolls (Argentina). A turma que curte Ramones e New York Dolls vai se amarrar no som desses caras. O estilo das duas bandas se parece muito, e, para ficar mais próximo, cada uma toca uma música da outra, em confraternização sul-americana. Este é um CD para se ouvir em alto e bom som. Sendo uma produção independente, se não encontrar nas lojas escreva para [spicyrecs@uol.com.br](mailto:spicyrecs@uol.com.br) ou Caixa Postal 3811, CEP 01060-970, São Paulo (SP).



### HARDCORE PORTENHO

Na estrada desde 1995, os argentinos do Asphix têm grande dose de influências da música punk-rock/hardcore. Em 2001 fizeram um tour de 2 meses que passou por Panamá, México, Estados Unidos e Brasil. Com o objetivo de promover essa excursão, batizada de El Fundiviela Tour 2001, eles lançaram este belo CD, que, agora, está sendo distribuído por aqui pelo selo alternativo F Records. Se você tiver dificuldades para encontrá-lo, envie um e-mail para [f\\_records@yahoo.com.br](mailto:f_records@yahoo.com.br), ou escreva para a Caixa Postal 20208, CEP 04035-990, São Paulo (SP).



### HARDCORE SUECO

Tudo começou quando o guitarrista Graham Land (ex-Shelter) resolveu deixar Washington (DC) para ir morar na Suécia. Lá se encontrou com músicos experts na arte de elaborar um energético pós-punk-pop-noise. Após alguns ensaios nascia The Smoke. O primeiro trabalho, *Slip Away*, possui apenas cinco faixas e foi gravado em um velho hospício da cidade de Vanesborg. O CD é curto, mas muito bom: os caras tocam um rock atual e pulsante, bem característico da virada do século. Este não é tão fácil de encontrar, mas vale a pena procurar. Uma boa dica é entrar em contato direto com a distribuidora, a Highlight Sounds [[h.light@terra.com.br](mailto:h.light@terra.com.br) - fone (11) 5084-9686]. Apesar de ser um bom disco, é provável que este grupo não continue sua carreira. Por isso, se você se interessou, compre logo, antes que acabe.



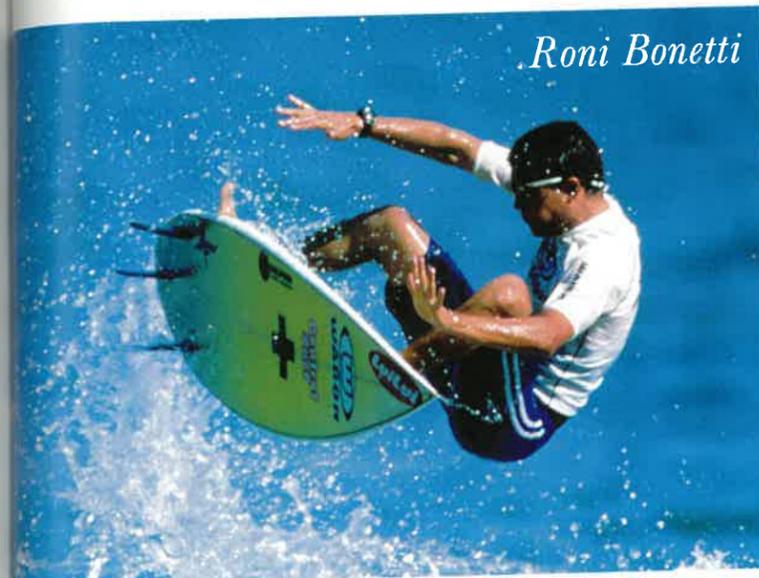
### AO VIVO EM SANTOS

O grupo santista Garage Fuzz, um dos principais nomes do cenário independente brasileiro dos anos 90, com um invejável handicap internacional, comemorou seus 10 anos de atividades com a gravação de um álbum ao vivo, realizada em 22 de abril, em sua cidade natal. O disco, *3500 Days Alive*, quarto na discografia do grupo, possui 16 faixas, e é uma boa para aqueles que desejam conhecer melhor o Garage Fuzz, pois apresenta músicas de trabalhos anteriores e algumas inéditas. Este é mais um lançamento do selo Highlight Sounds, que também pode ser encomendado pelo site [www.highlightsounds.com](http://www.highlightsounds.com).



# RUDY PROJECT®

Made in Italy



Roni Bonetti



Alvaro

*"Proteja seus olhos. Ainda há muito para se ver".*

Roni Bonetti - Surf Team Rudy Project



Graal



Kerosene Premium

[www.rudyproject.com.br](http://www.rudyproject.com.br)

Distribuidores: SP - RJ - PR: (45) 572 4272 # Outros estados: (45) 523 7445



## PROTEJA SEU QUIVER

Tem muito neguinho aí que, na hora de embalar sua prancha para uma trip, acaba improvisando com papelão, polibolha, resto de bloco, etc. Mas isso não funciona. Ao desembarcar seu quiver no desembarque, você se depara com quilhas e bicos quebrados, bordas amassadas e trincadas, quilhas tortas, e coisas do gênero. Se você quer realmente proteger seu equipamento, o negócio é adquirir uma boa capa. Existem várias no mercado, para duas, três, quatro e até dez pranchas, em vários tamanhos e cores. A Rareblend é uma delas, mas existem outras boas marcas por aí, o importante é ficar atento a certos detalhes: dê preferência às capas com material externo feito de náilon, com cintas para compactação das pranchas e alças resistentes que facilitem o transporte. Assim você evitará uma série de futuros aborrecimentos. Qualquer dúvida de como proteger seu quiver, a Rareblend se coloca à sua disposição para esclarecimentos. Tel. (13) 3313-1935.



Divulgação



## IN & OUT

Os dois surfistas americanos mais influentes e inovadores em suas respectivas categorias anunciaram recentemente suas intenções para o próximo ano.

O longboarder Joel Tudor declarou: "Este será meu último ano competindo; não agüento mais minha vida numa mala de viagem", embora tenha dito que sua decisão não é definitiva. Joel lançou suas farpas contra o sistema de julgamento das competições: "O critério de julgamento é falho, idiota".

Já o hexacampeão Kelly Slater anunciou sua volta ao WCT após ficar três anos afastado. "Estou muito contente e acho que é uma boa hora de voltar ao tour. Espero poder ajudar a ASP a fazer algumas mudanças positivas no esporte", disse Slater. Com certeza, a volta de Slater dará uma aquecida no tour, que este ano sofreu algumas baixas com o cancelamento da perna européia. ☑

Foto Beto Paes Leme



Foto Pierre Tostee/ASP

SURF CLUB



pipewave.com.br



pipewave  
SURF STORE



Bairro do Limão - Tel.: 39  
Osasco Plaza - Tel.: 70  
West Plaza - Tel.: 38  
Continental Tel.: 37  
Tamboré - Tel.: 419

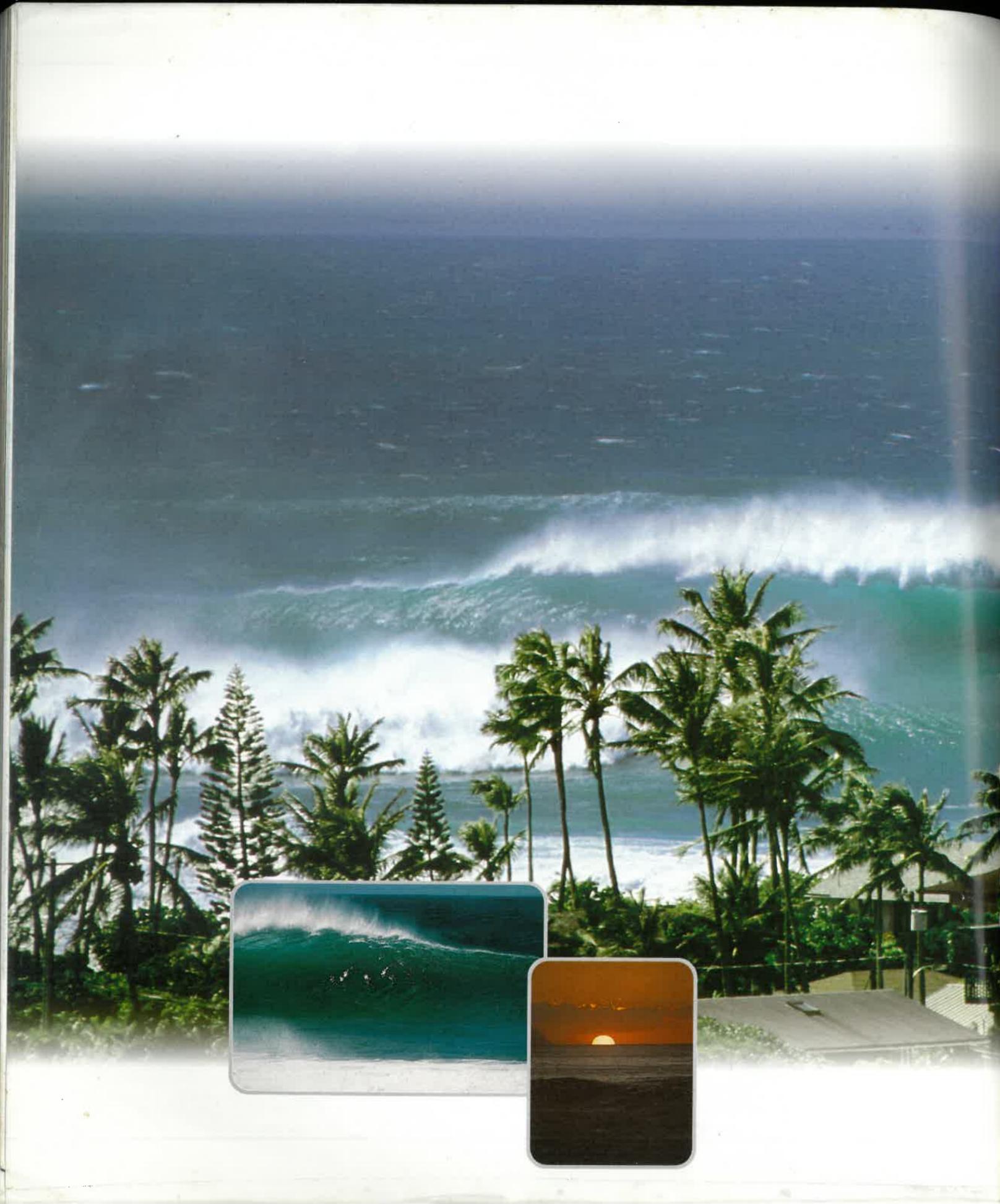
ky surf --- surfboard --- in lin **Extreme Sports** ard --- skateboard

Full Customer Service.





fotos: levy paiva



*nossa homenagem aos surfeiros,  
de alma, trazendo para o seu dia a dia a essência que nos permite esse estado de espírito*

